

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

IVAN KIPER MALACARNE

**ATRAVESSEM A PLATAFORMA 9 ½: UMA RELAÇÃO ENTRE A SÉRIE *HARRY
POTTER* E O ENSINO CONFIRMATÓRIO NA IGREJA EVANGÉLICA DE
CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL**

São Leopoldo

2021

IVAN KIPER MALACARNE

**ATRAVESSEM A PLATAFORMA 9 ½: UMA RELAÇÃO ENTRE A SÉRIE *HARRY
POTTER* E O ENSINO CONFIRMATÓRIO NA IGREJA EVANGÉLICA DE
CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Práxis teológica e
espiritualidade em comunidades de fé e
sociedade

Pessoa Orientadora: Prof. Dr. Júlio César Adam

São Leopoldo

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M236a Malacarne, Ivan Kiper
Atravessem a plataforma 9 ½: uma relação entre a série *Harry Potter* e o ensino confirmatório na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil / Ivan Kiper Malacarne ; orientador Júlio César Adam. – São Leopoldo : EST/PPG, 2021.
146 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2021.

1. Ensino confirmatório. 2. Ritos e cerimônias. 3. Comunicação de massa. 4. Adolescência - Literatura juvenil. 5. Teologia prática. I. Adam, Júlio César, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

[

]

IVAN KIPER MALACARNE

**ATRAVESSEM A PLATAFORMA 9 ½: UMA RELAÇÃO ENTRE A SÉRIE HARRY
POTTER E O ENSINO CONFIRMATÓRIO NA IGREJA EVANGÉLICA DE
CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 09 de agosto de 2021

PROF. DR. JÚLIO CÉZAR ADAM (PRESIDENTE)
Participação por webconferência

PROF. DR. VALÉRIO GUILHERME SCHAPER (EST)
Participação por webconferência

PROF. DR. RENATO FERREIRA MACHADO (DOM BOSCO)
Participação por webconferência

AGRADECIMENTOS

Louvor a Deus, por sua graça que restaura a vida do domínio da magia das trevas pela capacidade de amar!

Esta dissertação é um trabalho em conjunto de muitas pessoas, por isso, agradeço...

...à minha família, meu pai Clair, minha mãe Eracy
e minha irmã Fabiana;

...à minha companheira Ingrid, por suportar cada dificuldade e
pelo apoio nessa caminhada;

...à Faculdades EST, por minha formação acadêmica,
onde a magia encontra um lar;

...ao professor Júlio César Adam, orientador, mestre e
amigo desde a graduação em teologia;

...ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq),
pelo fomento a esta pesquisa e investimento na educação brasileira;

...ao meu afilhado Pietro Fernando,
que me tornou dindo durante o mestrado
e espero que se torne um *potterhead* no futuro;

...aos amigos e às amigas Igon, Marcelo,
Priscila, Jociely e Maiquel;

...às minhas grandes amigas Horrara, Ingredi e Vanessa,
nosso eterno quarteto do IFES;

...à professora Gisela Isolde Waechter Streck

pelo incentivo à pesquisa,

...à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil,
e aos e às adolescentes do Ensino Confirmatório;

...à J. K. Rowling
pela estória do Menino-Que-Sobreviveu;

...à comunidade de *potterheads*, de todas as idades,
que tiveram e têm suas vidas afetadas pelo universo *Harry Potter*!

...a Harry, Rony e Hermione
e seu mundo mágico;

Louvor a Deus, por sua graça que restaura a vida do domínio da “magia das trevas” pela
capacidade de amar!

MEMORIAL

Presto minha homenagem póstuma a todas as 584.421 pessoas mortas no Brasil, alcançando o total de 4.597.751 de pessoas mortas pelo mundo em decorrência da COVID-19¹.

Vidas ceifadas desde 2019 na maior pandemia global das últimas décadas.

O impacto de tal tragédia poderia ser muito menor caso o governo federal brasileiro, representado pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, não fosse negligente com a situação e tornado a saúde pública um cenário de conflitos hedonistas político-partidários.

Às famílias e pessoas amigas e próximas das vítimas, minha solidariedade e meu abraço fraterno!

*“Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”.*²

Inscrição no epitáfio de Kendra e Ariana Dumbledore,
mãe e irmã de Alvo Dumbledore

*“Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte”.*³

Inscrição no epitáfio de Lílian e Tiago Potter,
mãe e pai de Harry Potter

¹ Dados retirados da seguinte fonte: REDAÇÃO OPERA MUNDI. Mapa da covid-19: siga em tempo real o número de casos e mortes por covid-19 no mundo, 2021. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/coronavirus/63574/mapa-da-covid-19-siga-em-tempo-real-o-numero-de-casos-e-mortes-por-covid-19-no-mundo>. Acesso em: 09 set. 2021.

² ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015g. p. 242.

³ ROWLING, 2015g, p. 244.

RESUMO

A pesquisa está inserida nos debates e reflexões a respeito da adolescência e do Ensino Confirmatório na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) a partir da série *Harry Potter*. O desdobramento metodológico foi constituído por meio da religião vivida como instrumento hermenêutico da Teologia Prática para investigar o fenômeno religioso, o qual não está restrito à prática eclesial. Diante de um processo que, frequentemente, torna-se obsoleto junto aos e às adolescentes, o Ensino Confirmatório tem sido pauta de vários debates desde as décadas de 1960 e 1970, principalmente a respeito de sua relevância tanto sob os parâmetros orientadores institucionais quanto através do impacto dele na vida daqueles e daquelas que participam. Diante de tal problemática, almeja-se neste trabalho ensejar alguns desdobramentos do fenômeno *Harry Potter* e de sua relação com a adolescência com o intuito de propor novos caminhos que ressignifiquem o Ensino Confirmatório. Para tal análise, a série será investigada principalmente sob o seu caráter de rito de passagem secular e como fenômeno midiático e tecnológico contemporâneo, de modo que represente tanto um apelo para a maturidade como também as transformações da cultura digital nos últimos trinta anos. O desdobramento deste percurso será apresentado por meio de uma abordagem temática e uma outra estrutural.

Palavras-chave: Adolescência. Harry Potter. Ensino Confirmatório. Religião vivida. Ritos de passagem. Cultura da convergência.

ABSTRACT

[The research is inserted in the debates and reflections about adolescence and Confirmation classes in the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil (IECLB) based on the *Harry Potter* series. The methodological development was constituted through lived religion as a hermeneutical instrument of Practical Theology to investigate the religious phenomenon, which is not restricted to ecclesiastical practice. Faced with a process that often becomes obsolete with adolescents, Confirmation classes have been the subject of several debates since the 1960s and 1970s, especially regarding its relevance both from the perspective of institutional guiding parameters and through the impact on the lives of those who participate. Faced with this problem, the aim of this work is to raise up some developments of the Harry Potter phenomenon and its relationship with adolescence in order to propose new paths that give new meaning to Confirmation classes. For such an analysis, the series will be investigated mainly based on its character as a secular rite of passage and as a contemporary media and technological phenomenon, so that it represents both an appeal for maturity and also the transformations of digital culture in the last thirty years. The unfolding of this path will be presented through a thematic and a structural approach.]

Keywords: Adolescence. Harry Potter. Confirmation classes. Lived religion. Rites of passage. Convergence culture.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 ADOLESCÊNCIA: BÊNÇÃO OU MALDIÇÃO? UMA REALIDADE HUMANA EM TENSÃO E CONSTRUÇÃO EM DIÁLOGO COM O ENSINO CONFIRMATÓRIO	19
2.1 AS ABORDAGENS DA ADOLESCÊNCIA.....	19
2.1.1 Adolescência como fase da vida: uma perspectiva moderna.....	19
2.1.2 Adolescência como sintoma cultural: a crise da modernidade	24
2.1.3 Adolescência como ideal cultural: uma vitrine e um produto do mercado global	29
2.1.4 Laços afetivos: para além da família	33
2.1.5 O término da adolescência.....	35
2.1.6 Espiritualidade na adolescência	39
2.2 ADOLESCER NO ENSINO CONFIRMATÓRIO.....	42
2.2.1 Panorama histórico da iniciação cristã.....	42
2.2.2 Refletindo sobre o Ensino Confirmação na IECLB.....	45
2.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
3 A SÉRIE HARRY POTTER SOB A PERSPECTIVA DA RELIGIÃO VIVIDA: NOVOS OLHARES E POSSIBILIDADES TEOLÓGICAS	51
3.1 O FENÔMENO RELIGIOSO CONTEMPORÂNEO E A RELIGIÃO VIVIDA	51
3.1.1 Modernidade e secularização: o fim da religião?	51
3.1.2 Novos princípios horizontes epistemológicos para a religião e para a teologia	55
3.1.3 Religião vivida: ampliando os horizontes da teologia prática	59
3.2 DE HOGWARTS PARA O MUNDO: A SÉRIE HARRY POTTER	63
3.2.1 Enredo	63
3.2.2 A constituição da narrativa	65
3.2.3 Fenômeno Harry Potter – da Escócia para o mundo.....	67
3.2.4 Relacionamento com grupos religiosos.....	74
3.2.5 Harry Potter como rito de passagem secular contemporâneo	82
3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
4 ATRAVESSEM A PLATAFORMA 9 ½: A SÉRIE HARRY POTTER NO ENSINO CONFIRMATÓRIO	93
4.1 A CULTURA POP COMO SIGNIFICANTE DA VIDA: POSSIBILIDADES PARA A IECLB.....	93

4.2 ABORDAGEM TEMÁTICA.....	98
4.2.1 A amizade	99
4.2.2 Morte.....	102
4.2.3 Uma moralidade para além da dicotomia infantil.....	106
4.2.4 Interface com debates contemporâneos	110
4.2.4.1 <i>Racismo e preconceito</i>	110
4.2.4.2 <i>A cultura do consumo</i>	111
4.3 ABORDAGEM ESTRUTURAL	114
4.3.1 Hogwarts como paradigma para reimaginar o Ensino Confirmatório	114
4.3.2 Mais mestres e menos orientadores e orientadoras: Dumbledore como símbolo desta transformação.....	118
4.3.3 As narrativas fantásticas e a narração da própria estória.....	120
4.3.4 Harry Potter e Ensino Confirmatório como ritos de passagem: aproximações e distanciamentos	123
4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
5 CONCLUSÃO	129
REFERÊNCIAS.....	133

1 INTRODUÇÃO

É preciso coragem para atravessar as fronteiras da fantasia e ir para o mundo da magia! O Expresso Hogwarts leva a pessoa que esteja disposta a atravessar a barreira em King's Cross em direção ao mundo bruxo. Novo mundo, novas aventuras, novas perspectivas e muita magia capaz de renovar e transformar a vida cotidiana. E foi com esta motivação que a presente dissertação foi constituída, na busca por ampliar e refrescar os espaços do Ensino Confirmatório na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IELCB), através da magia e bruxaria de *Harry Potter*. Para aqueles e aquelas que têm contato com o mundo bruxo pela primeira vez, não se preocupem! Aqui se combate qualquer tipo e uso da magia das trevas, porque acreditamos na força do amor na luta contra qualquer pessoa que anseia restaurar o poder Daquele-que-não-deve-ser-nomeado, ou melhor, de Lorde Voldemort.

Minha viagem ao mundo bruxo foi, assim como muitas outras pessoas, através dos filmes ainda na minha infância. Apesar de ter apreciado a série e assisti-la ela várias vezes, foi apenas na graduação em teologia, mais especificamente em um período de iniciação científica entre 2018 e 2019, que se formou a ideia de tornar *Harry Potter* um tema acadêmico teológico. Tal incursão se desdobrou na averiguação da potencialidade dos produtos da cultura pop para a igreja, mais especificamente para a IECLB, da qual faço parte. Esta aproximação me estimulou tanto na investigação por referenciais acadêmicos sobre *Harry Potter* quanto pela leitura dos livros pela primeira vez, fortalecendo a conexão e o amor pela obra. Assim como outros e outras *potterheads*, que dedicaram sua vida acadêmica no mundo mágico, agora eu faço parte de tal aventura!

O projeto de pesquisa desta dissertação foi constituído através da tensa relação entre igreja e adolescência, principalmente no que tange ao Ensino Confirmatório, o qual está formado na IECLB principalmente a partir de dois objetivos: ensino catequético teológico-confessional e rito de passagem, almejando tornar o e a adolescente responsáveis por sua fé junto das comunidades de fé e da sociedade. Entretanto, desde a década de 1960, mas principalmente a partir de 1970, várias vozes, movimentos, eventos e documentos questionaram a eficácia do Ensino Confirmatório para atender tais propósitos, considerando, principalmente, que uma grande parcela do grupo de adolescentes deixava ou deixa de participar do convívio comunitário logo após o término do processo. Além disso, muitos e muitas adolescentes participam apenas por uma exigência da família, acirrando o problema acima apresentado. Num primeiro momento, o debate norteador da IECLB e ainda dominante, estabeleceu uma busca por uma renovação pedagógica que demonstra uma preocupação muito mais pela clareza

confessional para os e as adolescentes, além de afirmar a educação cristã como um exercício contínuo para a vida. E, apesar dos avanços conquistados através de documentos e materiais reflexivos, os dilemas ainda permanecem.

Na tentativa de ampliar o panorama da problemática que envolve o Ensino Confirmatório, é necessário incluir os debates das áreas da sociologia, psicologia, antropologia e história a respeito do fenômeno da adolescência, indicando que alguns dos “problemas” indicados pelas análises internas na IECLB são, na verdade, resultados do processo de constituição e transformação da própria adolescência. Como exemplo, tais reflexões percebem o enfraquecimento ou a extinção de muitos ritos de passagem que direcionam o e a adolescente para a maturidade, não se tratando de um problema exclusivo da igreja. Assim, de modo que antes o Ensino Confirmatório cumpria com este papel agora se torna obsoleto para tal propósito, especialmente em contextos urbanos. Portanto, para além da renovação pedagógica, há uma necessidade de transformação do próprio papel e da organização da igreja junto à sociedade, inclusive através do Ensino Confirmatório.

De acordo com as aportes hermenêuticos proporcionados pela religião vivida, a série *Harry Potter* será apresentada como um possível caminho para ressignificar o Ensino Confirmatório. A religião vivida, como um instrumento hermenêutico da Teologia Prática, atenta para os processos de formação que cada indivíduo e grupo realizam para forjar significado e valores para a vida. De modo que a cultura pop, neste caso *Harry Potter*, apresenta-se como uma das fontes simbólicas contemporâneas que proporcionam tal tarefa. Como um fenômeno que marcou milhões de crianças e adolescentes pelo mundo, constituindo-se através da difusão da cultura digital e dos recentes avanços tecnológicos, *Harry Potter* tem grande potencial para análise de como a adolescência se desenvolveu nos últimos anos, capaz de fornecer importantes considerações para o debate em torno do Ensino Confirmatório.

Portanto, almeja-se, deste modo, analisar os possíveis desdobramentos da série *Harry Potter* no Ensino Confirmatório, através da religião vivida e considerando os principais debates a respeito da adolescência. O desenvolvimento de tal objetivo se constituirá em três capítulos estruturados da seguinte forma:

No segundo capítulo desta dissertação, resgatarei os principais meandros da discussão em torno da adolescência com o intuito de alcançar o público adolescente no Ensino Confirmatório. No primeiro tópico do capítulo, apresento as reflexões a partir de três abordagens da adolescência: fase da vida, sintoma e ideal, dando ênfase, em seguida, nos desdobramentos a respeito das relações afetivas, do término da adolescência e da

espiritualidade. Erik Erikson, Contardo Calligaris, Maria Rita Kehl, Françoise Dolto, Luciana Bispo, Gunther Klosinski e Philippe Àries são as principais pessoas autoras neste tópico.

Por sua vez, no segundo tópico, apresento o Ensino Confirmatório segundo um panorama da iniciação cristã e na sua cisão em batismo e confirmação e a transformação da confirmação em Ensino Confirmatório na IECLB. James White, Michael Meyer-Blanck, Karl Dienst, Manfredo Wachs, Janaína Hubner, Nelson Kirst, Edson Ponick, Valdemar Schultz, além dos documentos normativos da IECLB, são os autores e as autoras que apresentam tal quadro do Ensino Confirmatório.

O objetivo para o terceiro capítulo é expor a formação da série *Harry Potter* sob perspectiva da religião vivida, apresentando-a como uma referência contemporânea para estimular a maturidade junto a adolescentes. Consta-se que o fenômeno religioso sofreu uma reconfiguração na modernidade a partir da secularização, de modo que tais movimentos não significaram o fim da religião, como muitas “profecias” anunciaram. É por meio do indivíduo moderno que a escolha pela organização e estruturação do significado da vida acontece. Peter Berger, Thomas Luckmann, Wilfred Smith, Oneide Bobsin, Karen Armstrong, Rubem Alves, Clifford Geertz, Paul Tillich e Rodrigo Portella são as principais referências para contextualizar as transformações epistemológicas a respeito do fenômeno religioso. Meredith McGuire, Anastasia Apostolides, Júlio Adam e Ruard Ganzevoort são as principais pessoas autoras na abordagem da religião vivida.

Desta forma, surgem cada vez mais expressões religiosas fora do ambiente religioso institucional como é o caso de *Harry Potter* na cultura pop. Ela se constituiu como um dos maiores fenômenos literários da história, desdobrando-se para o cinema, jogos, plataformas online, parques temáticos e outros produtos. Nos segmentos religiosos, sua recepção foi marcada por uma intensa rejeição e certo acolhimento favorável. Estas análises direcionaram para a observação final do capítulo, onde eu discutirei a série em sua dimensão ritualística secular, sendo um caminho em potencial para que os leitores e as leitoras, principalmente crianças e adolescentes, encontrem referências identificatórias que estimulem a travessia da vida infantil para a maturidade, ainda que seja um processo inconsciente.

No quarto capítulo, a principal finalidade é aproximar e avaliar possíveis conexões e desdobramentos da série *Harry Potter* junto ao Ensino Confirmatório, de modo a enfatizar o seu caráter de estímulo para a maturidade. Desenvolverei no capítulo, inicialmente, uma reflexão a respeito da potencialidade da cultura pop nos debates teológicos. Em seguida, a discussão se constituirá em duas vertentes. A primeira vertente é a abordagem temática, onde temas de contato entre Ensino Confirmatório e *Harry Potter* são elencados e apresentados. Os

temas dissertados serão: a amizade, a morte, a moralidade e temas contemporâneos (racismo, intolerância e consumismo).

Na segunda vertente, a abordagem estrutural, desenvolvo a respeito da organização do Ensino Confirmatório. Os tópicos analisados serão: Hogwarts como paradigma para reimaginar o ensino confirmatório; Mais mestres, menos orientadores e orientadoras: Dumbledore como símbolo desta transformação; As narrativas fantásticas e a narração da própria estória; *Harry Potter* e Ensino Confirmatório como ritos de passagem: aproximações e distanciamentos.

O segundo e o terceiro capítulos estão constituídos, primeiramente, segundo a própria série literária *Harry Potter*, de Joanne Rowling. Além disso, as principais referências são: Melissa Anelli, Anastasia Apostolides, Lisia Nunes, João Fernando dos Santos, Beatriz Francisco, Marco Henriques, Henry Jenkins, Felipe Florêncio, Paula Mendes, Julio Valim, Arnold Van Gennep, Victor Turner, Claude Rivière, Joseph Campbell, Isabelle Cani, Isabelle Smadja, além dos autores e das autoras que constituíram a obra coordenada por Willian Irwin.

Um aviso antes de embarcarmos no Expresso Hogwarts. Para os alunos e as alunas do primeiro ano, apresentarei a narrativa de modo que seja possível reconhecer os principais trâmites da obra. Entretanto, convido você a percorrer os corredores literários e cinematográficos para experimentar a magia com mais intensidade. Se estiver em dúvida a respeito da casa que ficará, lembre-se que o Chapéu Seletor considera a sua escolha. Para quem já frequenta Hogwarts, eu espero que esta nova aventura letiva na escola possa levá-los e levá-las a novas câmaras e passagens secretas, além das vielas e lojas de Hogsmeade; voar novamente pelos céus encantados; aprender novos feitiços e poções; formar novas Armadas de Dumbledore para lutar contra Voldemort, que insiste em retornar até mesmo para controlar nosso mundo trouxa brasileiro! Nossa aventura começa agora, pois junto com Fred e Jorge Weasley posso dizer...

“Juro solenemente que não pretendo fazer nada de bom”.⁴

⁴ ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015c. p. 145. Tal encantamento revela as informações no pergaminho do Mapa do Maroto, onde é possível visualizar todo o espaço de Hogwarts e a localização real de cada pessoa e fantasma no local.

2 ADOLESCÊNCIA: BÊNÇÃO OU MALDIÇÃO? UMA REALIDADE HUMANA EM TENSÃO E CONSTRUÇÃO EM DIÁLOGO COM O ENSINO CONFIRMATÓRIO

Neste capítulo, discutir-se-á a adolescência, primeiro, de acordo com três abordagens abrangentes, sendo elas: fase da vida, sintoma e ideal cultural. Em seguida, três tópicos temáticos específicos serão dissertados, a saber, laços afetivos, final da adolescência e espiritualidade. Por fim, o Ensino Confirmatório será apresentado tanto em retrospecto na história da igreja cristã, como também em seus desdobramentos na IECLB. Almeja-se ampliar a compreensão a respeito do público que participa do Ensino Confirmatório na IECLB, rompendo com dicotomias que tendem a estabelecer a adolescência como “benção” ou como “maldição”.

Talvez fosse porque vivia em um armário escuro, mas Harry sempre fora pequeno e muito magro para a idade. Parecia ainda menor e mais magro do que realmente era porque só lhe davam para vestir as roupas velhas de Duda e Duda era quatro vezes maior do que ele. Harry tinha um rosto magro, joelhos ossudos, cabelos negros e olhos muito verdes. Usava óculos redondos, remendados com fita adesiva, por causa das muitas vezes que Duda o socara no nariz. A única coisa que Harry gostava em sua aparência era uma cicatriz fininha na testa que tinha a forma de um raio.⁵

2.1 AS ABORDAGENS DA ADOLESCÊNCIA

2.1.1 Adolescência como fase da vida: uma perspectiva moderna

A adolescência⁶ caracteriza uma complexa rede de conceitos que busca retratar quem já não está mais na infância, porém ainda não se encontra na vida adulta. Uma pluralidade de percepções, conceitos e justificativas que analisam tal transição que vai desde um certo “determinismo” biológico, onde a puberdade é a delimitadora do processo, até uma perspectiva onde tudo se trata de uma construção cultural recente. A amplitude das conceituações já apresenta a dificuldade em estabelecer parâmetros na orientação das diversas áreas do saber sobre como lidar com tal temática. Neste primeiro tópico, a perspectiva desenvolvimentista será interpelada onde a ênfase é na caracterização da adolescência como fase da vida que visa reorganizar aspectos biossociopsicológicos para o ingresso na vida adulta em decorrência do início da puberdade.

⁵ ROWLING, 2015a, p. 20.

⁶ Nesta pesquisa, o termo adolescência será adotado como referência. Ainda que o pesquisador esteja consciente da existência de outras delimitações e outros conceitos, tais como juventude e pré-adolescência. Em alguns momentos, a delimitação etária da adolescência acontecerá segundo a baliza do Ensino Confirmatório, que contempla, normalmente, adolescentes entre 11 e 15 anos.

O termo surge no final do século XIX, utilizado pela primeira vez pelo psicólogo estadunidense Granville Stanley Hall, para indicar que o período entre a infância e a vida adulta não se restringia aos processos biológicos, mas também sociais e psicológicos. Hall definiu o período na faixa etária que vai dos quatorze aos vinte e quatro anos, marcado por mudanças intensas em todas as dimensões da vida, deixando o adolescente muito instável. A puberdade demarca o início da adolescência, quando há intensos estímulos para a maturação de todo o aparelho sexual e, conseqüentemente, da sexualidade.⁷ Nesta abordagem, a adolescência se constitui como um momento preparatório para a consolidação do indivíduo autônomo, regido pela razão, “capaz de se autodeterminar independentemente da organização social”.⁸

Esta perspectiva tem certo consenso em considerar a puberdade⁹ o principal gatilho para as transformações experimentadas, de modo que a instabilidade provocada é tamanha que se aproxima de um quadro patológico.¹⁰ Ela provoca na criança uma espécie de luto que se divide em três: a perda do corpo infantil, a perda da identidade infantil e a perda da relação com as figuras paternas e maternas da infância.¹¹ Isso gera uma insegurança, reflexo daquilo que foi perdido na infância, a saber, “o amor incondicional dos adultos, sua proteção e solicitude imediatas”.¹²

Assim, como Cerqueira-Campos, Melo Neto e Koller observam, a adolescência caracteriza uma fase da vida entre a infância e a vida adulta.¹³ Há divergências quanto ao desenrolar da adolescência. Segundo esta abordagem, a adolescência é subdividida em três partes: puberdade, adolescência média e final,¹⁴ onde, na puberdade, estão as mudanças biológicas universais para a adolescência, como o desenvolvimento da “altura, forma e

⁷ TEÓFILO, Débora do Nascimento; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. Religiosidade na adolescência: a necessidade de uma construção consciente e social. *Revista Pistis Praxis*, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 635-652, jul./dez. 2011. p. 636-639.

⁸ BERTOL, Carolina Esmanhoto; SOUZA, Mériti de. Transgressões e Adolescência: Individualismo, Autonomia e Representações Identitárias. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 30, n. 4, p. 824-839, 2010. p. 829.

⁹ Nesta monografia, assume-se a definição do termo proposto por Calligaris, o qual define puberdade como o “amadurecimento dos órgãos sexuais”. CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2009. p. 19.

¹⁰ BERTOL; SOUZA, 2010, p. 26; KLOSINSKI, Gunther. *A adolescência hoje: situações, conflitos e desafios*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 17-32; BARBOSA, Iara Suckow. *Adolescente: eu já fui, meu filho é... por que somos tão diferentes?* Curitiba: Encontro, 2008. p. 44.

¹¹ ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio (Orgs.). *Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico*. 10 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p. 9-11; BERTOL; SOUZA, 2010, p. 833. Compreende-se que as figuras maternas e paternas não se limitam apenas aos pais e às mães biológicas. Porém, englobam as pessoas que assumem tais papéis na vida dos e das adolescentes.

¹² CALLIGARIS, 2009, p. 24.

¹³ CERQUEIRA-CAMPOS, Elder; MELO NETO, Othon Cardoso; KOLLER, Sílvia H. Adolescentes e Adolescências. In: HABIGZANG, Luísa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H. (Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 17-18.

¹⁴ CERQUEIRA-CAMPOS; MELO NETO; KOLLER, 2014, p. 17-18.

desenvolvimento sexual”.¹⁵ Na visão de Erikson e Dolto, a adolescência é a última fase da infância e conseqüente momento de travessia para a vida adulta.¹⁶ Dolto ainda acrescenta que a adolescência “é uma fase de mutação”.¹⁷

Em outra perspectiva, Dayrell não considera a adolescência como transição da infância para a vida adulta, mas é o início de um processo maior, a juventude, sendo ela um lugar onde se começa a depender menos da família e a assumir mais responsabilidades. Ele também destaca que a adolescência não pode ser tratada, exclusivamente, como uma passagem, uma vez que possui algo próprio.¹⁸

Além dessas perspectivas, Bispo desenvolve três conceitos: puberdade, adolescência e juventude. Eles tratam da experiência da transição entre a vida infantil e a vida adulta, porém cada um com uma ênfase em determinada área do conhecimento.

No caso da puberdade, trata-se de um fenômeno universal a despeito das transformações biológicas, ainda que ressalte “que estas transformações variam entre as pessoas e também entre as culturas; assim como, a leitura ou interpretação que se faz dessas transformações são carregadas de representações simbólicas que cada cultura ou sociedade atribui a estes fenômenos”.¹⁹ O termo adolescência tem maior incidência nos campos da psicanálise, pedagogia e psicologia, os quais tendem a refletir mais sobre a face do desenvolvimento psicológico, marcado por “crises, conflitos, rebeldia, variação de humor e mudanças corporais”.²⁰ Por fim, a juventude é um conceito tratado com mais afinco pela sociologia, a qual concebe aquela como um período de transformações que começam com a puberdade e culmina na maturidade adulta.²¹

Na maioria das definições propostas, senão em todas elas, busca-se uma orientação segura sobre como a pessoa adolescente deverá aprender e exercer os “padrões de condutas e comportamentos previstos para o desempenho dos vários papéis que assumirá nesta sociedade”²² ao final do processo. Porém, há que se considerar as variáveis dentro de cada contexto social e cultural.

¹⁵ CERQUEIRA-CAMPOS; MELO NETO; KOLLER, 2014, p. 18.

¹⁶ ERIKSON, Erik H. *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1976. p. 156; DOLTO, Françoise. *A causa dos adolescentes*. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

¹⁷ DOLTO, 2004, p. 14.

¹⁸ DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, 2003. p. 41-42.

¹⁹ BISPO, Luciana Santos. *Adolescência contemporânea e a busca pelo sentido da vida: contribuições a partir de um contexto escolar*. 2020. 326 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2020. p. 42.

²⁰ BISPO, 2020, p. 45.

²¹ BISPO, 2020, p. 51-54.

²² BISPO, 2020, p. 52.

As transformações biossociopsíquicas podem estimular uma série de situações, consideradas como “características” do período. Barbosa elenca algumas delas: certa rejeição pelo corpo, que está em completa modificação, deixando o corpo infantil para o corpo adulto; dificuldade para aceitar essas novas transformações e até certo estranhamento de si; aumento dos seus “domínios” dentro da sua própria casa, algo que emerge junto ao desenvolvimento do corpo, ou seja, um novo corpo, uma nova forma de lidar com a própria casa; conflito entre a família, que gera certo afastamento devido às instabilidades, não concedendo atenção e cuidado necessários; dificuldade da família em formar novos limites para os e as adolescentes.²³

O conflito, gerado principalmente pela angústia e frustração, compreende todas as tensões decorrentes de tal processo. Elas são provocadas pelo embate entre as “vivências infantis” e a necessidade de aprender as “vivências adultas”.²⁴ A “adolescência não é uma doença, mas uma crise normativa, isto é, uma fase normal de crescente conflito”.²⁵ Este conflito não é de todo algo pernicioso, porém possibilita a capacidade do e da adolescente em desafiar sua própria identidade para novas renovações, mecanismo que não existe na infância. Todavia, as experiências lúdicas, por meio da fantasia e da introspecção, são elementos infantis que persistem no e na adolescente.²⁶

Uma questão recorrente é a formação da identidade, estimulada por meio das crises geradas pela saída da infância.²⁷ Para Erik Erikson, uma das principais vozes nas reflexões sobre adolescência e juventude na segunda metade do século XX, a identidade humana é forjada em cada momento ou fase da vida humana, configurando uma relação de pertencimento na sociedade para cada pessoa²⁸. Ele identificara que a “crise de identidade”,²⁹ junto de seus conflitos, é sanada quando se alcança características centrais da vida adulta que são, principalmente, “certa *unidade de personalidade* e é capaz [a personalidade] de *perceber corretamente* o mundo e ela própria”.³⁰ É importante destacar que o autor compreende crise no

²³ BARBOSA, 2008, p. 22-34.

²⁴ BARBOSA, 2008, p. 36-43; RODRÍGUEZ, Susana Núñez; DAMÁSIO, Bruno Figueiredo. Desenvolvimento da identidade e do sentido da vida na adolescência. In: HABIGZANG, Luísa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H. (Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 31-33.

²⁵ ERIKSON, 1976, p. 163.

²⁶ ERIKSON, 1976, p. 163-164.

²⁷ KLOSINSKI, 2006, p. 33-42; SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos em Psicologia*, Campinas, v. 8, n. 1, p. 107-115, 2003. p. 107; DAYRELL, 2003, p. 41.

²⁸ ERIKSON, 1976, p. 13-15.

²⁹ Sobre identidade, Erikson entende o termo como algo que pode “referir-se a um conceito consciente de singularidade individual, ora a uma luta inconsciente pela continuidade da existência, ora, ainda, a uma solidariedade com os ideais de um grupo”. ERIKSON, 1976, p. 209.

³⁰ ERIKSON, 1976, p. 91.

seguinte conceito: “um ponto decisivo, um período crucial de crescente vulnerabilidade e potencial; e, portanto, a fonte ontogenética da força e do desajustamento generativos”.³¹

A percepção de si, por meio de valores e os direcionamentos dados para a existência, é ponto central na formação da identidade. Sua consolidação permite que cada pessoa se comprometa com algo, ou seja, assuma determinada ideologia como guia. As decisões são múltiplas e, conseqüentemente, as crises também. Salienta-se também que a formação da identidade permanece na vida adulta, mas é na adolescência que ela se consagra de modo intenso e mais consciente. Nesse momento, há um confronto maior com a sociedade e com as pessoas adultas.³²

É na adolescência que se possibilita a consideração sobre as próprias ações, constituindo reflexões abstratas e utópicas que influenciam na vida cotidiana. É como se o e a adolescente pudessem ver e pensar a sua vida “fora” de si, como expectador e expectadora.³³ No intuito de ter balizas para avaliar e pensar sobre si mesmo, inúmeras ideologias serão buscadas e experimentadas, especialmente as que são organizadas por “líderes carismáticos e convincentes”,³⁴ inclusive ideologias religiosas.

Neste processo de constituição de uma identidade “adulta”, há questionamento dos “valores, tradições e leis da sociedade”.³⁵ A maturidade é o ápice e a conclusão da adolescência, ingressando, desta forma, na vida adulta.³⁶ Para Dutra-Thomé e Amazarray, três são os principais critérios que definem a maturidade adulta, a saber: independência financeira; tomar decisões e assumir responsabilidades por si próprio.³⁷ Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares identificam que a identidade adulta de “identificar-se com uma ocupação determinada e com um núcleo de relações interpessoais relativamente estáveis”,³⁸ considerando a dificuldade e a incapacidade de encontrar e aceitar uma identidade ocupacional, é o item mais preocupante desta formação. Contudo, muito se discute sobre o que representa tal “maturidade”, afinal, uma das críticas feitas ao modelo desenvolvimentista é a que contesta ser a maturidade biológica a referência do término da adolescência.³⁹

³¹ ERIKSON, 1976, p. 96.

³² SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2003, p. 107-109.

³³ FOWLER, James W. *Estágios da Fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 67-73; BISPO, 2020, p. 61.

³⁴ FOWLER, 1992, p. 73.

³⁵ BERTOL; SOUZA, 2010, p. 827.

³⁶ BERTOL; SOUZA, 2010, p. 826-827.

³⁷ DUTRA-THOMÉ, Luciana; AMAZARRAY, Mayte Raya. Adolescente e adultos emergentes em transição para a vida adulta. In: HABIGZANG, Luísa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H. (Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 86.

³⁸ SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2003, p. 111.

³⁹ BERTOL; SOUZA, 2010, p. 826-827.

No processo de construção da identidade, a pluralidade de ofertas dos possíveis caminhos de identificação para constituí-la, acompanhada do rápido descarte dessas mesmas ofertas, tendem a provocar mais confusão no adolescente.⁴⁰ De modo que Fowler já constatara que o principal ponto de tensão da adolescência é a confusão de papéis e possibilidades.⁴¹ Diante de tal multiplicidade de escolhas, onde não há uma estrutura consistente em que seja possível formar uma identidade estável, há uma tendência, como observam Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares, ao descompromisso.⁴²

Apesar de trazer conflitos e insegurança, Erikson percebe a adolescência como potencial regenerador para a própria sociedade, numa espécie de propulsora de revoluções no convívio social.⁴³ Além disso, todas as culturas e grupos sociais compartilham algo em comum na adolescência, em que se revive conflitos da infância e há conseqüente reelaboração destes para um futuro.⁴⁴

2.1.2 Adolescência como sintoma cultural: a crise da modernidade

Philippe Ariès, historiador francês, observou que a adolescência como fase da vida é uma construção moderna tal qual a infância e até mesmo a família.⁴⁵ Somente depois do século XV é que a percepção do ser família se constituiu, em grande medida, pela centralização da criança e a sua inserção na escola. “A escola deixou de ser reservada aos clérigos para se tornar o instrumento normal da iniciação social, da passagem do estado da infância ao do adulto”.⁴⁶ E houve tensões, discussões e resistências entre deixar as crianças irem para escola e mantê-las dentro do modelo de aprendizagem junto à família e à comunidade. Porém, a escola se consolidou como principal espaço de educação, de disciplina e como autoridade moral.⁴⁷

Até o século XV, a infância não possuía contornos definidos e características peculiares, pois, assim quando a criança deixava a tutela da mãe, principalmente, viveria a vida adulta. De maneira que a infância não era limitada pela puberdade, mas estava relacionada à dependência, sendo possível considerar crianças, por volta dos séculos XVI e XVII, pessoas com vinte ou

⁴⁰ BISPO, 2020, p. 93; RAMÍREZ, José Fernando Ossa. Alternativas de identificación: una revisión de tema. *Revista Científica Guillermo de Ockhan*, v. 5, n. 2, p. 23-52, jul.-dez. 2007. p. 42-43.

⁴¹ FOWLER, 1992, p. 67-73.

⁴² SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2003, p. 112.

⁴³ ERIKSON, 1976, p. 134.

⁴⁴ ERIKSON, 1976, p. 180.

⁴⁵ O produto de família a que se refere Ariès é o sentimento da família, além dela ser agora estruturada como um núcleo independente na sociedade. Ele inclusive argumenta que é esta perspectiva de família que constitui o individualismo moderno. A vida privada foi uma conseqüência da formação da família e da centralidade desta na criança. ARIÈS, 2012, p. 191-195.

⁴⁶ ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012. p. 159.

⁴⁷ ARIÈS, 2012, p. 159-163.

trinta anos.⁴⁸ As crianças eram consideradas como pessoas adultas pequenas ainda no século XVIII. Transparece que este “período” da vida era assinalado como “um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança também era logo esquecida”.⁴⁹

De um período desprezado e do qual era rapidamente deixado, a infância começou, no século XVII, a ser considerada como um período frágil e idealizado.⁵⁰ Um processo de distinção surgiu no qual “a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto”.⁵¹ Num ato que Ariès caracteriza de “paparicação”, a infância se transformou em momento único para todas as camadas sociais. Tornou-se um centro catalisador da família na medida em que a sua educação não mais dependia exclusivamente do seio familiar, mas da escola, que permitia às crianças se tornarem pessoas adultas de acordo com os padrões morais da época.⁵² Ou seja, para se tornarem adultas, as crianças precisavam da escola como intermediária e não apenas deixarem de ser dependentes da mãe.

Ariès considera o século XX como o século da adolescência. Houve um exponencial aumento das pesquisas sobre a adolescência e juventude que, na maioria dos casos, representava a mesma coisa. Ele relata que a “juventude apareceu como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada”.⁵³ É somente agora que surge o desejo de alcançar e permanecer na adolescência.⁵⁴ Ela deixa de ser uma fase “natural” do ser humano, dentro de uma lógica onde a puberdade determinaria o conceito de adolescência.⁵⁵ De modo que os e as “adolescentes têm sido cada vez mais definidos por suas características sociais e econômicas e menos por sua aparência ou seu funcionamento físico e hormonal”.⁵⁶

Nesta perspectiva, a adolescência é um ponto de tensão da modernidade e principalmente na crise da própria modernidade, denominada de pós-modernidade ou

⁴⁸ ARIÈS, 2012, p. 11-12; 99-105.

⁴⁹ ARIÈS, 2012, p. 18.

⁵⁰ ARIÈS, 2012, p. 85.

⁵¹ ARIÈS, 2012, p. 100.

⁵² ARIÈS, 2012, p. 99-105.

⁵³ ARIÈS, 2012, p. 14.

⁵⁴ ARIÈS, 2012, p. 14.

⁵⁵ COIMBRA, Cecília; BOCCO, Fernanda; NASCIMENTO, Maria Livia do. Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005. p. 4-5; CERQUEIRA-CAMPOS; MELO NETO; KOLLER, 2014, p. 19; KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 90-94; CALLIGARIS, Contardo. *A sedução dos jovens*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 20 set. 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs20099804.htm>. Acesso em 18 fev. 2021; BERTOL; SOUZA, 2010, p. 829-831; MATHEUS, Tiago Corbisier. Quando a adolescência não depende da puberdade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia*, São Paulo, v. 11, n.4, p. 616-625, dez. 2008. p. 621.

⁵⁶ CERQUEIRA-CAMPOS; MELO NETO; KOLLER, 2014, p. 19.

modernidade líquida principalmente, dentre outras nomenclaturas para esclarecer tal crise.⁵⁷ Segundo Calligaris, ela surgiu como uma necessidade do mundo moderno na busca por satisfação plena dos ideais de liberdade, autonomia e, mais tarde, de consumo,⁵⁸ perspectiva corroborada por outros autores e autoras, tais como Assis, Sarti, Bertol e Souza.⁵⁹ Esta leitura sustenta uma certa subversão do “conceito de adolescência tal como concebido na modernidade, ou seja, como uma etapa intermediária de amadurecimento e desenvolvimento, que envolve uma preparação para a entrada no mundo adulto”.⁶⁰

Na base do pensamento moderno, está a defesa e valorização da identidade como essência do indivíduo e do humano, a qual é estimulada a se desenvolver sem a baliza das instituições pré-modernas.⁶¹ De modo que a crise da adolescência é um sintoma da crise da formação do indivíduo, da configuração e da consolidação da subjetividade individual. O problema surge quando se percebe que não há um jeito comum de experimentar essas crises, afinal, uma complexa gama de ofertas possíveis estará disponível para responder a tais crises.⁶²

A constituição da identidade do e da adolescente, principalmente, está dificultada também pelo “intenso desamparo simbólico produzido pela desestabilização das instituições normativas como Estado, Escola, Igreja e Família”.⁶³ A modernidade líquida, concebida como um movimento que prossegue a partir do final do século XX e início do século XXI, enreda e impede que as identidades permaneçam estáveis e seguras por muito tempo, afinal, a “efemeridade, transitoriedade e mobilidade”⁶⁴ são as principais características deste

⁵⁷ Zygmunt Bauman, principalmente em *Mal-estar da pós-modernidade* e *Modernidade líquida*, trata desta crise e algumas de suas nomenclaturas. Ver: BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998; BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001; BISPO, 2020, p. 55.

⁵⁸ CALLIGARIS, 2009, p. 56-60; ROCHA, Ana Paula Rongel; GARCIA, Cláudia Amorim. A Adolescência como Ideal Cultural Contemporâneo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 28, n. 3, p. 622-631, 2008. p. 626-627. Nesta pesquisa, ao se referir à crise da modernidade, a nomenclatura “modernidade líquida” será adotada, conforme a própria opção de Bauman. Tal atitude se justifica na percepção de Bauman ao tratar deste “momento” não como algo separado da modernidade, porém, como parte dela na medida em que representa sua própria crise.

⁵⁹ ASSIS, Maria de Fátima Pessoa. Figurações da adolescência e juventude na atualidade: metáforas da cultura. *Cadernos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 38, p. 183-206, jan./jun. 2018. p. 192-194; SARTI, Cynthia Andersen. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 115-129; BERTOL; SOUZA, 2010, p. 829

⁶⁰ ROCHA; GARCIA, 2008, p. 624. Ver também: BISPO, 2020, p. 37-38.

⁶¹ RAMÍREZ, 2007, p. 25.

⁶² MATHEUS, 2008, p. 618-619; ASSIS, 2018, p. 192-194.

⁶³ ASSIS, 2018, p. 184-185.

⁶⁴ ROCHA; GARCIA, 2008, p. 626.

momento.⁶⁵ As identidades se tornam mais fluidas e descartáveis, afinal, o indivíduo escolheria qual delas serve para determinado momento e espaço.⁶⁶

O desamparo simbólico também é experimentado pela falta de ritos de passagem que orientariam a criança para a vida adulta, como ocorria de certa maneira até a modernidade. Eles são importantes para demarcar o início, o desenvolvimento e o término da adolescência, dando orientação para o processo e integrando os e as adolescentes no mundo adulto. Contudo, as sociedades urbanas tendem a individualizar o sujeito, fragmentando a influência do social e diluindo a potência do rito.⁶⁷

Esta instabilidade é gerada pela sociedade adulta, que não oferece identificações seguras e referências objetivas como orientação para os e as adolescentes, constituindo grande insegurança.⁶⁸ Ainda que exista uma grande oferta de possibilidades para a formação da identidade, não há nenhuma que seja normativa. Ramírez argumenta que, mais do “que ser um simples sintoma individual de uma socialização deficiente, uma condição das complexas sociedades contemporâneas, é a convivência das sub-sociedades e sub-socializações discordantes que relativizam toda a realidade única”.⁶⁹ Também há certo descrédito associado à contradição que muitas pessoas adultas caem ao não agirem de acordo com o que representam.⁷⁰

De acordo com Calligaris, a adolescência é uma das formações culturais mais poderosas de nossa época.⁷¹ Este posto foi adquirido, principalmente, após a Segunda Guerra Mundial, já na década de 1950 e direcionada pelos Estados Unidos.⁷² A partir da década de 1960, uma

⁶⁵ ROCHA; GARCIA, 2008, p. 626-627.

⁶⁶ TOMAZ, Renata. A invenção dos *tweens*: juventude, cultura e mídia. *Intercom*, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 177-202, jul./dez. 2014. p. 184; ASSIS, 2018, p. 184-186.

⁶⁷ TEÓFILO; JUNQUEIRA, 2011, p. 639-642; ASSIS, 2018, p. 192-194; SARTI, 2004. p. 115-129; BERTOL; SOUZA, 2010, p. 829.

⁶⁸ OUTEIRAL, José. Adultos modernos e adolescentes pós-modernos. In: WEINBERG, Cybelle. *Geração Delivery: adolescer no mundo atual*. São Paulo: Sá, 2001a. p. 109; BISPO, 2020, p. 92; GURSKI, Rose; PEREIRA, Marcelo Ricardo. A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 429-440, 2016. p. 435; BISPO, 2020, p. 58.

⁶⁹ Tradução nossa: “que ser un simple síntoma individual de una socialización deficiente, una condición de las complejas sociedades contemporâneas, es la convivencia de sub-sociedades y sub-socializaciones discordantes que relativizan toda realidad única”. RAMÍREZ, 2007, p. 39.

⁷⁰ PESSOA, Alex Sandro Gomes; LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra. Nível de confiança de adolescentes e jovens em instituições e processos de resiliência. In: DELL’AGLIO, Débora Dalbosco; KOLLER, Silvia Helena (Orgs.). *Adolescência e Juventude: vulnerabilidade e contextos de proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 163-194. p. 177; LINHAS CRUZADAS. *Geração floco de neve*. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X7rdZwSA4G0>. Acesso em: 23 maio 2021.

⁷¹ CALLIGARIS, 2009, p. 9.

⁷² CALLIGARIS, 2009, p. 73; KEHL, 2004, p. 90-94; KLOSINSKI, 2006, p. 43-47; TOMAZ, 2014, p. 179-181; COIMBRA, NASCIMENTO, 2005, p. 4.

versão romantizada da adolescência foi adquirindo visibilidade na sociedade.⁷³ Garcia e Rocha reconhecem a Revolução Juvenil de 1968 como auge da mitificação da adolescência/juventude, ou seja, afirmou-se a independência e autonomia dela, diante das outras “fases” da vida, constituindo uma cultura que fosse própria a ela e independente de qualquer instância regulamentadora,⁷⁴ onde seria possível viver “um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos”.⁷⁵

Assim, a adolescência se estabeleceu como um referencial para todas as outras gerações.⁷⁶ Kehl analisa esta configuração segundo a perspectiva da psicanálise. De acordo com a autora, a pessoa adulta representa a lei para as novas gerações, de modo que seja possível o mundo adulto transmitir para elas a percepção da necessidade de limites para o gozo individual e assim possibilitar que um futuro seja imaginado.⁷⁷ Entretanto, ao ser desconstruída como uma fase transitória, porém estabelecida como síntese dos ideais modernos, a adolescência simboliza a rejeição deste modo de “ser” por entrar em conflito com os ideais modernos de liberdade e autonomia, contestando toda tradição e valores já estabelecidos.

Dentro de um sistema de valores e limites, a autonomia e a liberdade do indivíduo são consideradas perigosas e problemáticas, uma vez que geram contradições e ambiguidades na constituição e delimitação do próprio sistema em que estão. No fim, forma-se um círculo vicioso, no qual quanto mais as pessoas adultas se impõem como autoridade de valores e tradições a serem observadas pelo público adolescente, mais este contesta essa atitude adulta ao identificar um paradoxo nela, uma vez que ela contradiz os ideais modernos de autonomia e liberdade, prezados pelas pessoas adultas que tentam impor tradições e valores.⁷⁸ Deste modo, a “fantasia de um mundo regido pelo gozo é ao mesmo tempo fascinante e ameaçadora”⁷⁹.

Calligaris percebe que, nas “últimas décadas, nossa cultura parece ter aceitado a idéia [sic] de que as gerações estariam sempre, ‘naturalmente’, em conflito”,⁸⁰ quando, na verdade, com o surgimento da adolescência, esta competição foi sendo desestimulada, reconfigurando-a

⁷³ COUTINHO, Luciana Gageiro. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. *Pulsional*, São Paulo, n. 181, p. 16-23, mar. 2005. p. 17-23; LÍRIO, Luciano de Carvalho. Adolescência na contemporaneidade. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 29, p. 36-41, set.-dez. 2012; ASSIS, 2018, p. 186-188; ROCHA; GARCIA, 2008, p. 613; ROCHA; GARCIA, 2008, p. 624-626; SARTI, 2004, p. 123-125.

⁷⁴ ROCHA; GARCIA, 2008, p. 624-626; SARTI, 2004. p. 123-125.

⁷⁵ DAYRELL, 2003, p. 41.

⁷⁶ KEHL, 2004, p. 90-94; TOMAZ, 2014, p. 179-181; GURSKI; PEREIRA, 2016, p. 435-436.

⁷⁷ KEHL, 2004, p. 96-99; ROCHA; GARCIA, 2008, p. 627-631.

⁷⁸ CALLIGARIS, 2009, p. 24-30.

⁷⁹ KEHL, 2004, p. 98.

⁸⁰ CALLIGARIS, Contardo. *Entre as gerações: a guerra dos gozos*. Folha de São Paulo, São Paulo, 16 ago. 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1608200129.htm>. Acesso em: 18 fev. 2021.

de modo que os e as “jovens fogem dos adultos, e não os enfrentam”,⁸¹ afinal, a adolescência foi consagrada como a referência maior para todas as questões da vida e não mais o mundo adulto.

2.1.3 Adolescência como ideal cultural: uma vitrine e um produto do mercado global

Este tópico se relaciona com o anterior na medida em que a adolescência tende a deixar de ser concebida como uma fase transitória para se transformar em um paraíso perdido para as pessoas adultas, e, portanto, um sonho de consumo destas, além de considerá-la um nicho exemplar do mercado para vender seus produtos que prometem a felicidade individual.⁸² Ela serve ao capitalismo uma vez que estimula o comércio, consumindo e promovendo *marketing* de seus produtos, além de representar com maestria o ser individualista moderno (que vive por meio dos méritos e desejos individuais).⁸³ De modo que ela se transforma em “terra virgem” a ser cultivada pelo mercado para possibilitar que o capitalismo seja renovado.⁸⁴

A consolidação da adolescência como ideal cultural, que representa o individualismo, a autonomia, a liberdade e o consumo, também transforma em parâmetro daquilo que se concebe como virtude, vitalidade, beleza, novo, lazer, moderno e tecnológico.⁸⁵ De modo que, o “adolescente pós-moderno desfruta de todas as liberdades da vida adulta, mas é poupado de quase todas as responsabilidades”.⁸⁶ Assis ressalta que, entre as décadas de 1960 e 1980, a adolescência foi de um movimento “contra cultural” para ser um ideal⁸⁷. Kehl segue tal perspectiva ao declarar que “as forças do capital – as mesmas que, inadvertidamente, contribuíram para evocar espíritos juvenis adormecidos -, com seu senso imbatível de oportunidade, souberam reorganizar o caos em torno da chamada lógica do mercado”.⁸⁸ Calligaris constata que tal movimento transformou a adolescência como “especialidade” do marketing.⁸⁹

⁸¹ DOLTO, 2004, p. 197.

⁸² TEÓFILO; JUNQUEIRA, 2011, p. 639-642; ASSIS, 2018, p. 192-194; SARTI, 2004. p. 115-129; BERTOL; SOUZA, 2010, p. 829.

⁸³ COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005, p. 6-7.

⁸⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 52-56.

⁸⁵ COUTINHO, 2005, p. 17-23; LÍRIO, 2012, p. 36-38; ASSIS, 2018, p. 186-188; ROCHA, 2008, p. 613; ROCHA; GARCIA, 2008, p. 626.

⁸⁶ KEHL, 2004, p. 93.

⁸⁷ ASSIS, 2018, p. 189-192.

⁸⁸ KEHL, Maria Rita. *A “teenagização” da cultura*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 20 set. 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs20099809.htm>. Acesso em: 18 fev. 2021.

⁸⁹ CALLIGARIS, 2009, p. 56-60.

Apesar de abordar em seu trabalho mais sobre a perspectiva desenvolvimentista da adolescência, Françoise relata que, principalmente, a partir depois da Segunda Guerra Mundial, houve mudanças na compreensão do tema.⁹⁰ O indivíduo “adolescente é realmente como uma mercadoria encomendada mas recusada pela sociedade, ele não é mais nada com relação ao que era antes”.⁹¹ Na década de 1980, Françoise indicava que o desejo dos e das adolescentes influenciava intensamente no volume das compras feitas na França, denominando-a de “geração-propaganda”.⁹² Naquele momento a televisão e o cinema estiveram no rol dos principais elementos da mídia que contribuíram para construir tal cenário.⁹³

Tomaz identifica nos e nas *tweens* a formação de um novo período intermediário entre a infância e a adolescência, a pré-adolescência,⁹⁴ onde meninos e meninas que estão entre os oito e quinze anos representam o ser adolescente/jovem ideal.⁹⁵ Na reflexão da autora, a puberdade não mais demarcaria o início da adolescência, afinal, a pré-adolescência já indicaria o término e a negação da infância. As crianças são estimuladas a se tornarem jovens o quanto antes para participarem de um *estilo jovem* que é tido como ideal máximo contemporâneo de felicidade, bem-estar, vida completa, sucesso pelos próprios méritos e de êxtase máximo.⁹⁶ A força que move estas crianças para o ideal jovem está no “consumo e nas habilidades tecnológicas”.⁹⁷

Em nossas sociedades laicas, em que faltam ritos de passagem para sinalizar o ingresso na vida adulta, os objetos de consumo e os espaços próprios para freqüentação [sic] adolescente – a lanchonete, o baile *funk*, a boate os *megashows* de rua – substituem ritos característicos das culturas pré-modernas.⁹⁸

E quando não há, por parte das pessoas ditas “adultas”, uma clara orientação de referências para que adolescentes constituam sua vida, um grande abismo de desamparo é constituído. Este espaço “vazio” é rapidamente preenchido por outras forças, sendo a do mercado e do consumo as mais vorazes e eficazes para suprir o desamparo contemporâneo.⁹⁹ Nesse cenário, quando a autoridade da família é enfraquecida pelo ideal supremo da contemporaneidade, a saber, a liberdade sem limites, e vivida por meio do consumo, a

⁹⁰ DOLTO, 2004, p. 55-56.

⁹¹ DOLTO, 2004, p. 142.

⁹² DOLTO, 2004, p. 263.

⁹³ DOLTO, 2004, p. 263-265.

⁹⁴ TOMAZ, 2014, p. 198.

⁹⁵ TOMAZ, 2014, p. 181-185.

⁹⁶ TOMAZ, 2014, p. 193-197; COIMBRA, BOCCO, NASCIMENTO, 2005, p. 7.

⁹⁷ TOMAZ, 2014, p. 194; RAMÍREZ, 2007, p. 48.

⁹⁸ KEHL, 2004, p. 95.

⁹⁹ KEHL, 1998.

adolescência se transforma em símbolo cultural do mais-gozar.¹⁰⁰

No Ocidente, a dramaticidade da adolescência mais estaria relacionada com a necessidade e urgência que as crianças passam por terem de escolher qual caminho seguir dali em diante, considerando que sua posição social não está previamente definida. E aqui está o que a caracteriza como símbolo e desejo da vida adulta moderna, pois a adolescência consolida os ideais modernos.¹⁰¹ “O adolescente portanto é o herói para todas as estações. [...] Estar adolescente é um traço normal da vida adulta moderna”.¹⁰² A adolescência é o espelho pelo qual as pessoas adultas se observam e pelo qual os e as adolescentes se contemplam.¹⁰³ O “imperativo jovem tem o interesse de nos forçar contra a inércia que a passagem do tempo confere aos corpos”.¹⁰⁴

Os meios de comunicação em massa “passaram a ofertar material simbólico para a construção identitária, uma tarefa individual e reflexiva”,¹⁰⁵ impulsionando o mercado a ofertar seus produtos de modo que eles transmitam ideais de vida e que possam responder pela necessidade de formação das identidades individuais.¹⁰⁶ E diferente da estável e fixa identidade da modernidade, a mobilidade, a parcialidade, a imprevisão e a precariedade esboçam as características identitárias contemporâneas,¹⁰⁷ ou seja, trata-se “de identidades sempre efêmeras, incompletas. O novo logo fica velho”.¹⁰⁸

Em suma, se a infância é uma utopia para os ideais modernos, principalmente de vida feliz e satisfeita, a adolescência se configura na modernidade líquida como a possibilidade das pessoas adultas realizarem estes ideais.¹⁰⁹

A imagem da infância encantada nos deleita porque nos consola e contém uma promessa. A imagem da adolescência feliz nos propõe um espelho para contemplar a satisfação de nossos ávidos desejos, se por algum milagre pudéssemos deixar de lado os deveres e as obrigações básicas que nos constroem.¹¹⁰

¹⁰⁰ KEHL, 2004, p. 99; TOMAZ, 2014, p. 179-181; GURSKI; PEREIRA, 2016, p. 436; MARIN, Isabel da Silva Kahn. Violência e transgressão: interrogando a adolescência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia*, São Paulo, ano 6, n. 3, p. 94-109, set. 2003. p. 99-101; ROCHA; GARCIA, 2008, p. 627-631.

¹⁰¹ CALLIGARIS, 1998.

¹⁰² CALLIGARIS, 1998.

¹⁰³ MARIN, 2003, p. 104-106.

¹⁰⁴ KEHL, 1998.

¹⁰⁵ TOMAZ, 2014, p. 184.

¹⁰⁶ TOMAZ, 2014, p. 184-185; RAMÍREZ, 2007, p. 24.

¹⁰⁷ RAMÍREZ, 2007, p. 24.

¹⁰⁸ TOMAZ, 2014, p. 185.

¹⁰⁹ CALLIGARIS, 2009, p. 61-67.

¹¹⁰ CALLIGARIS, 2009, p. 68.

Adolescentes são, nesta perspectiva, “adultos de férias, sem lei”.¹¹¹ A própria vida adulta deixa de existir, uma vez que é possível esticar a adolescência até a velhice.¹¹² Ela está sendo deslocada cada vez mais para o centro da cultura. Por isso, deixá-la não é mais um objetivo benéfico e desejável.¹¹³

Nesse círculo de exigência pela realização do prazer máximo, junto ao incentivo de viver a liberdade em todas as suas possibilidades, deixa-se o e a adolescente em um estado de mal-estar uma vez que “o gozo jamais será pleno”.¹¹⁴ “Entre a criança que se foi e o adulto que ainda não chega, o espelho do adolescente é frequentemente vazio. Podemos entender então como essa época da vida possa ser campeã em fragilidade de autoestima, depressão e tentativas de suicídio”.¹¹⁵ É um recolhimento introspectivo ao não suportar a angústia de ver os difusos contornos da identidade.¹¹⁶ A depressão, por exemplo, pode ser uma reação ao ideal da adolescência, onde a procura pelo gozo sem limites é de certo modo interrompida.¹¹⁷ A alta prevalência de quadros patológicos entre adolescente reverbera na gigantesca proporção que se mantém medicada, além do aumento da entrada e internação em clínicas e hospitais.¹¹⁸

Portanto, ao mesmo tempo em que os e as adolescentes representam um impasse do mundo contemporâneo, dificultando a elaboração de ideais responsáveis na formação de cada pessoa e de toda a sociedade, eles e elas estão à mercê no seu próprio crescimento por não possuírem balizas seguras em que se orientam na ressignificação da infância e ingresso no mundo adulto.¹¹⁹ “Nesse sentido, os adolescentes experimentam de maneira radical o desamparo decorrente da crise cultural à qual estão submetidos todos os sujeitos do mundo atual”.¹²⁰ A adolescência se apresenta como aquela que encarna a cultura líquido-moderna, conforme esboça Bauman, no que tange a esta ser “uma cultura do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento”.¹²¹ Ela é o símbolo da “civilização do excesso, da redundância, do dejetivo e do seu descarte”.¹²²

¹¹¹ CALLIGARIS, 2009, p. 69.

¹¹² ASSIS, 2018, p. 189-192.

¹¹³ CALLIGARIS, 2009, p. 68-74.

¹¹⁴ GURSKI; PEREIRA, 2016, p. 436.

¹¹⁵ CALLIGARIS, 2009, p. 25.

¹¹⁶ ERIKSON, 1976, p. 166-169.

¹¹⁷ ROCHA; GARCIA, 2008, p. 627-631; COSTA, Jurandir Freire. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 85-87.

¹¹⁸ LINHAS CRUZADAS, 2021.

¹¹⁹ COUTINHO, 2005, p. 17-23.

¹²⁰ COUTINHO, 2005, p. 20.

¹²¹ BAUMAN, 2013, p. 36.

¹²² BAUMAN, 2013, p. 23.

Com a internet e as novas tecnologias, houve uma profunda mudança na percepção do espaço e tempo.¹²³ A intensa conectividade digital transformou a desconexão em algo a ser evitado, afinal, ela deixaria o ser humano em completo “desamparo” e “solidão”. Uma das consequências mais imediatas disso é o enfraquecimento dos laços afetivos, os quais são descartáveis do modo semelhante ao dar ou não *like* nas redes sociais. Para a adolescência, esta nova dinâmica de percepção do tempo esboça um cenário onde o presente é vivido “eternamente”. Afinal, o passado deixa de ser importante e o futuro é uma continuação do presente.¹²⁴

2.1.4 Laços afetivos: para além da família

Na adolescência, dá-se início ao investimento afetivo com outros grupos além do círculo familiar.¹²⁵ Aberastury e Knobel indicam que o luto pela perda da infância desdobra-se na reconfiguração da relação com as figuras paternas e maternas. Para tanto, busca-se grupos sociais distintos da família para constituir novos vínculos afetivos.¹²⁶

É por meio do grupo de amigos e amigas, principalmente, que os e as adolescentes são estimulados e estimuladas à socialização e ao desenvolvimento dos relacionamentos afetivos.¹²⁷ “Durante a adolescência, mais do que com a família, os indivíduos começam a passar boa parte de seus dias com outros adolescentes, utilizando muito do seu tempo de lazer em atividades de socialização com amigos e amigas e grupos de pares”.¹²⁸ Importante ressaltar que os laços familiares não se extinguem, porém a família não detém mais a tutela sobre a constituição da individualidade de cada pessoa, o que inclui a formação das amizades.¹²⁹ Agora a família se transforma em lugar de “valor-refúgio”.¹³⁰

A pertença grupal possui “uma importância transcendental”¹³¹ e tende à uniformidade, na qual quase não se consegue fazer uma distinção entre o grupo e a pessoa.¹³² As relações

¹²³ OLIVEIRA, 2017, p. 287-290; OUTEIRAL, 2001a, p. 98-105.

¹²⁴ OLIVEIRA, Eloiza Silva Gomes. Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 64, p. 283-298, abr./jun. 2017. p. 287-290.

¹²⁵ DOLTO, 2004, p. 16-23; MARIN, 2003, p. 98-99; PESSOA; LIBÓRIO, 2011, p. 174-177.

¹²⁶ ABERASTURY; KNOBEL, 1992, p. 36-37; KLOSINSKI, 2006, p. 17-32.

¹²⁷ DESOUSA, Diogo Araújo; RODRÍGUEZ, Susana Núñez; ANTONI, Clarissa de. Relacionamento de amizade, grupos de pares e tribos urbanas na adolescência. In: HABIGZANG, Luísa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H. (Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 119-120; PESSOA; LIBÓRIO, 2011, p. 174-177.

¹²⁸ DESOUSA; RODRÍGUEZ; ANTONI, 2014, p. 119.

¹²⁹ BISPO, 2020, p. 69; BARBOSA, 2008, p. 85-101.

¹³⁰ DOLTO, 2004, p. 16-23.

¹³¹ ABERASTURY; KNOBEL, 1992, p. 37.

¹³² KLOSINSKI, 2006, p. 17-32; p. 111-118; OUTEIRAL, José. Adolescência: modernidade e pós-modernidade. In: WEINBERG, Cybelle. *Geração Delivery: adolescer no mundo atual*. São Paulo: Sá, 2001b. p. 19.

afetivas com outros grupos podem ser espaços para validação de opiniões, comportamentos e valores que estão sendo gestados e testados através dos vínculos,¹³³ de modo que seja possível “apaziguar o sentimento de inadequação ou de exclusão próprios da adolescência”.¹³⁴ As novas redes de apoio, constituídas e mantidas por meio da confiança, também incluem as instituições que de alguma forma o e a adolescente possuem algum vínculo, como a escola.¹³⁵ A internet e as novas tecnologias proporcionaram uma socialização jamais vista, considerando que a adolescência está quase completamente imersa na cultura digital.¹³⁶

Os e as adolescentes estão muito mais propensos a transitarem por diferentes microssistemas¹³⁷ no processo de formação da própria identidade.¹³⁸ “A família é o microssistema no qual as crianças e os adolescentes tendem a estabelecer suas primeiras relações interpessoais”.¹³⁹ É por meio da família que a criança tem seu primeiro contato e seus estímulos com a cultura e vivência social. Deste modo, não há como definir um único modelo padrão normativo para família, haja vista que ela não pode ser reduzida a uma relação consanguínea, pois assume inúmeras formações.¹⁴⁰ Na verdade, o “imaginário constituído socialmente sobre a família nuclear, burguesa e feliz massifica e oprime as especificidades dos grupos familiares”.¹⁴¹

Mas há riscos no processo tanto na relação com a família quanto junto às novas redes de apoio. A reconfiguração das relações pode provocar conflitos que se estabelecem em polaridades que estão entre “dependência e independência, poder e fraqueza (potência e impotência), passividade e agressividade, amor próprio e amor ao próximo, identidade e difusão de identidade, racionalidade e irracionalidade (irreligiosidade e religiosidade)”.¹⁴² Assim os vínculos gerados tanto podem contribuir na formação de uma identidade saudável como podem comprometer este processo.¹⁴³

¹³³ DESOUSA; RODRÍGUEZ; ANTONI, 2014, p. 119-120; PESSOA; LIBÓRIO, 2011, p. 174-177.

¹³⁴ TEÓFILO; JUNQUEIRA, 2011, p. 641.

¹³⁵ PESSOA; LIBÓRIO, 2011, p. 166; WENDT, Guilherme Welter; LISBOA, Carolina. Adolescência no contexto das novas tecnologias de informação e comunicação. In: HABIGZANG, Luísa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H. (Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 188.

¹³⁶ WENDT; LISBOA, 2014, p. 181.

¹³⁷ “Microssistema é o contexto imediato no qual ocorrem as interações face a face, formado por pessoas que trocam experiências e afetos, desenvolvem atividades em conjunto, exercem influência e são influenciadas umas pelas outras”. DESOUSA; RODRÍGUEZ; ANTONI, 2014, p. 121.

¹³⁸ DESOUSA; RODRÍGUEZ; ANTONI, 2014, p. 121-122.

¹³⁹ MORAIS, Normanda Araujo de; LIMA, Rebeca; FERNANDES, Juliana. Adolescência e contexto familiar. In: HABIGZANG, Luísa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H. (Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 101.

¹⁴⁰ MORAIS; LIMA; FERNANDES, 2014, p. 101-103.

¹⁴¹ MORAIS; LIMA; FERNANDES, 2014, p. 109.

¹⁴² KLOSINSKI, 2006, p. 24.

¹⁴³ DESOUSA; RODRÍGUEZ; ANTONI, 2014, p. 119-120.

No caso específico das famílias, a relação com os e as adolescentes não acontece mais por meio de uma única direção. De modo que a maturidade adolescente necessita vir acompanhada de uma maturidade familiar.¹⁴⁴ Haja vista que no convívio com adolescentes as pessoas adultas revivem as suas aflições adolescentes.¹⁴⁵ Elas também experimentam um luto pela perda de suas crianças. O processo será mais complicado quando não se tem clareza dos incômodos e dos conflitos que a adolescência dos filhos e das filhas as provocam.¹⁴⁶ Desta forma, não é incomum perceber “a ambivalência e a resistência dos pais em aceitar o processo de crescimento”¹⁴⁷ dos e das adolescentes. Assim, a família “ora pode ser aquela família que vitimiza, abandona e negligencia, ora pode ser aquela que apoia e monitora as necessidades dos adolescentes”.¹⁴⁸

Já é antiga certa tensão entre pessoas adultas e adolescentes/jovens, pois o “poder adulto, tanto feminino quanto masculino, não suporta a ascensão da juventude em sua graça e seu gênio”.¹⁴⁹ Pois veem na juventude um grande potencial de usurpação do “monopólio da sedução e do amor”.¹⁵⁰ Diferentes gerações, com diferentes costumes, valores e rotinas, atritam e provocam conflitos.¹⁵¹ “O que mais dói nos adolescentes é ver os pais [e as mães] vivendo sua imagem dos filhos e em concorrência com eles [e elas]”.¹⁵² Ainda que possa existir tais conflitos e estranhamentos, as reflexões a respeito da adolescência como sintoma e ideal cultural tendem a observar que a tensão entre pessoas adultas e adolescentes se dissolve na medida que a adolescência se torna um objeto de desejo e símbolo para a vida adulta. Os conflitos entre gerações se dissolvem na medida que acolhem e aceitam tal ideal. O que pode tornar mais complicada a relação entre os e as adolescentes e suas famílias, uma vez que estas buscam viver a experiência eterna da adolescência.¹⁵³

2.1.5 O término da adolescência

De modo que o próprio termo adolescente já envolve muitas polêmicas e uma ampla

¹⁴⁴ MORAIS; LIMA; FERNANDES, 2014, p. 105.

¹⁴⁵ ABERASTURY; KNOBEL, 1992, p. 10; BARBOSA, 2008, p. 36-43; KLOSINSKI, 2006, p. 53-54.

¹⁴⁶ ABERASTURY; KNOBEL, 1992, p. 15-21.

¹⁴⁷ ABERASTURY; KNOBEL, 1992, p. 16.

¹⁴⁸ MORAIS; LIMA; FERNANDES, 2014, p. 104.

¹⁴⁹ DOLTO, 2004, p. 31

¹⁵⁰ DOLTO, 2004, p. 31.

¹⁵¹ BARBOSA, 2008, p. 14-21; ERIKSON, 1976, p. 28-29; DOLTO, 2004, p. 50-52.

¹⁵² DOLTO, 2004, p. 51.

¹⁵³ ADAM, Júlio César; PUNTEL, Clairton. As melhores coisas do mundo: um olhar sobre a adolescência a partir do cinema na perspectiva da teologia prática e da psicologia. *Reflexus*, Vitória, ano 14, n. 24, p. 755-787, 2020. p. 777-779.

variedade de definições,¹⁵⁴ seu término também apresenta tal conflito, uma vez que não há balizas definidoras a seu respeito e sobre o começo da vida adulta.¹⁵⁵ Até mesmo o significado de vida adulta é relativizado, possuindo uma ampla variedade de caracterizações.

De acordo com Aberastury e Knobel, o término da adolescência tem como principal parâmetro o momento em que os e as adolescentes podem participar do mundo adulto, superando o luto infantil através da “busca de ideais e de figuras ideais”¹⁵⁶ num processo de identificação própria. Segundo Dolto, a adolescência chega ao fim “quando a angústia de seus pais não causa neles [adolescentes] nenhum efeito inibidor”,¹⁵⁷ de modo que seja necessária uma educação capaz de “favorecer o desenvolvimento e a confiança em si e a coragem de superar suas impotências”.¹⁵⁸

Uma adolescência “sadia”, segundo Klosinski, “consiste em saber como conseguiremos estabelecer relações e experimentar empatia, como poderemos criar uma atitude de sábia e bem-intencionada agressão e autoafirmação, e de como iremos nos avir com nossas próprias culpas e com as culpas dos outros”.¹⁵⁹ De acordo com Erikson, ela só está concluída “quando o indivíduo subordinou as suas identificações da infância a uma nova espécie de identificação, realizada com a absorção da sociabilidade e a aprendizagem competitiva com (e entre) os companheiros da sua idade”.¹⁶⁰

A identidade adolescente é forjada pelas identificações e isto “dependerá de maneira decisiva dos modelos, ideais e ídolos que lhe possam ser oferecidos no seu ambiente, e antes de tudo dos pais”.¹⁶¹ Ou seja, a duração da adolescência é influenciada pelas projeções recebidas das pessoas adultas, principalmente da família, e pelos limites estabelecidos pela sociedade,¹⁶² na medida em que o e a adolescente sejam reconhecidos como participantes da vida adulta pelas pessoas adultas.¹⁶³

Todavia há entraves para a realização de tal processo. Uma vez que as revisões propostas nos tópicos que identificam a adolescência como um sintoma e um ideal cultural questionam a divisão da vida humana em fases bem delimitadas, sendo tal delimitação uma característica da modernidade, o que não relativiza apenas a adolescência, mas a própria vida adulta como uma

¹⁵⁴ BISPO, 2020, p. 40-41.

¹⁵⁵ CERQUEIRA-CAMPOS; MELO NETO; KOLLER, 2014, p. 20.

¹⁵⁶ ABERASTURY; KNOBEL, 1992, p. 19.

¹⁵⁷ DOLTO, 2004, p. 25.

¹⁵⁸ DOLTO, 2004, p. 16.

¹⁵⁹ KLOSINSKI, 2006, p. 162.

¹⁶⁰ ERIKSON, 1976, p. 156.

¹⁶¹ KLOSINSKI, 2006, p. 53.

¹⁶² DOLTO, 2004, p. 13-14; ABERASTURY; KNOBEL, 1992, p. 71.

¹⁶³ ERIKSON, 1976, p. 242.

fase da vida.¹⁶⁴ Assim, na pluralidade de expressões, permanece um enorme desafio determinar características e limites para a adolescência. Além disso, ao se tornar um ideal, a adolescência se torna um objeto de desejo e de permanência, o que faz muitas pessoas buscarem uma identidade adolescente. Afinal, envelhecer e aceitar a morte são um grave problema numa sociedade onde se estimula o descarte do antigo e o consumo do novo.

Outro entrave é a falta de ritos de passagem que invistam e estimulem os e as adolescentes a assumirem as responsabilidades e os riscos da vida adulta. Como não há referências e motivações, elas e eles tendem a permanecerem onde estão, pois qualquer investimento é incerto.¹⁶⁵ Há muitas provas que consideram alguém uma pessoa adulta, porém nenhuma delas é conclusiva.¹⁶⁶ Através dos ritos de passagem, a sociedade permitia e acompanhava os e as adolescentes no processo de inserção social. Em seu enfraquecimento ou na sua ausência completa, a adolescência se torna um rito que cada pessoa atravessa de forma particular.¹⁶⁷ Seguindo a perspectiva de Calligaris, Bispo observa “que mesmo as provas mais duras, ainda presentes em muitas culturas como rito de iniciação da vida adulta”¹⁶⁸ são mais eficientes e melhores do que permanecer nas imprecisões da adolescência moderna.

A saída tardia dos filhos e das filhas de casa; a dificuldade em ganhar suficientemente bem para sobreviver; postergar o projeto de ter filhos e filhas; manter relacionamentos por longo tempo; maior investimento em educação e na carreira profissional, em alguns casos indo até os trinta anos, retardando a autonomia financeira; a possibilidade de ter relações sexuais antes do casamento, são alguns dos motivos para o prolongamento e permanência da adolescência.¹⁶⁹ Isso faz com que muitos e muitas adolescentes ainda vivam na casa da família e sendo, de certa forma, tutelados e tuteladas pelas figuras parentais.¹⁷⁰

Como apresentado acima, o fim da adolescência acontecerá por meio do reconhecimento das pessoas adultas, possibilitando que os e as adolescentes possam participar da vida adulta. Porém, sem referenciais externos objetivos e com a diluição ou inexistência de ritos de passagem, o fim da adolescência evidenciou um problema contemporâneo. Erikson descreve este fenômeno sob a perspectiva de uma *moratória psicossocial*.¹⁷¹ É um fenômeno

¹⁶⁴ MATHEUS, 2008, p. 618-619.

¹⁶⁵ DOLTO, 2004, p. 34-36; KLOSINSKI, 2006, p. 60-62; MARIN, 2003, p. 104-106; BERTOL; SOUZA, 2007, p. 825; LINHAS CRUZADAS, 2021.

¹⁶⁶ CALLIGARIS, 2009, p. 16-21.

¹⁶⁷ MATHEUS, 2008, p. 618-619.

¹⁶⁸ BISPO, 2020, p. 57.

¹⁶⁹ DUTRA-THOMÉ, AMAZARRAY, 2014, p. 85; LINHAS CRUZADAS, 2021; BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121; CALLIGARIS, 1998; BISPO, 2020, p. 92.

¹⁷⁰ DUTRA-THOMÉ; AMAZARRAY, 2014, p. 85; BISPO, 2020, p. 92.

¹⁷¹ ERIKSON, 1976, p. 237.

reconhecido no período da segunda metade do século XX em diante¹⁷². Calligaris indica que foi Erikson “o primeiro a usar o termo ‘moratória’ para falar da adolescência”.¹⁷³

Kehl a define como um tempo intermediário entre a infância e a vida adulta numa espécie de limbo preparatório, mas sem direções e tempo definidos.¹⁷⁴ Calligaris é ainda mais radical quanto à sua percepção da moratória, pois ele a compreende como característica de toda a adolescência, não apenas do seu fim. Quando a criança está pronta para ser uma pessoa adulta, o tempo para exercer esta vida é postergado no tempo daquilo que se denomina de “adolescência”.¹⁷⁵

Nela, a sociedade prolonga o pleno exercício das capacidades sexuais dos e das adolescentes e do seu reconhecimento como pessoa adulta, em “um período de espera para testar os fundamentos de alguma verdade, antes de vincular os poderes do corpo e do espírito a um segmento da ordem existente (ou vindoura)”.¹⁷⁶ É uma crescente transformação da adolescência em um fim em si mesma.¹⁷⁷ Na moratória, a sociedade faz uma seleção, em tempos e de formas diferentes, dos e das adolescentes no reconhecimento de sua identidade adulta.¹⁷⁸

Outros autores e outras autoras posteriores a Erikson desenvolveram as reflexões em torno da temática da moratória, constituindo-a como um dos principais percalços da adolescência. Para Knobel e Aberastury, a moratória é resultado da inconformidade das pessoas adultas em reconhecer e aceitar o tempo que cada criança leva para processar o luto infantil.¹⁷⁹ Nesta perspectiva, a sociedade dificulta o ingresso dos e das adolescentes no mundo adulto pelo perigo que aqueles e aquelas apresentam para este, uma vez que haverá uma “revisão crítica de suas conquistas [do mundo adulto] e do seu mundo de valores”.¹⁸⁰

A constituição de linguagens próprias dos e das adolescentes é uma consequência da moratória e acontece em processo de diferenciação das pessoas adultas.¹⁸¹ Na tentativa de superá-la, o e a adolescente podem se reorganizar em cinco “categorias”: adolescente gregário, que forma as *tribos*, onde se busca viver paralelamente à sociedade; adolescente delinquente, expressa na violência aquilo que a sociedade pede para reprimir; adolescente taxicômano, que tem as drogas, especialmente as ilícitas, como tentativa de reconhecimento social; adolescente

¹⁷² CALLIGARIS, 2009, p. 16.

¹⁷³ CALLIGARIS, 2009, p. 78.

¹⁷⁴ KEHL, 2004, p. 90-94.

¹⁷⁵ CALLIGARIS, 2009, p. 12-16.

¹⁷⁶ ERIKSON, 1976, p. 237.

¹⁷⁷ ERIKSON, 1976, p. 128-129.

¹⁷⁸ ERIKSON, 1976, p. 156-158.

¹⁷⁹ ABERASTURY; KNOBEL, 1992, p. 21-22.

¹⁸⁰ ABERASTURY; KNOBEL, 1992, p. 89. Ver também: KLOSINSKI, 2006, p. 158.

¹⁸¹ DOLTO, 2004, p. 85.

que se enfeia, ou seja, pretende “assustar” as pessoas adultas indo contra os padrões de beleza adultos; e, por fim, adolescente barulhento, que tenta ser reconhecido por meio do não ouvir as pessoas adultas.¹⁸²

Ademais, há que se considerar as diferenças entre adolescentes de classes sociais distintas, haja vista que os e as que estão em níveis sociais mais baixos tendem a entrar no mercado de trabalho mais rápido, de modo que podem não passar pela experiência da adolescência. Cabe observar também que se trata de um fenômeno das sociedades industrializadas.¹⁸³

Por fim, Erikson assinala que a força da fidelidade só poderá ser alcançada e exercitada quando há investimentos no que é “perigoso”, assim como uma ave se lança para aprender a voar e deixar o seu ninho.¹⁸⁴ Costa pode complementar esta perspectiva ao indicar que essa sociedade consumista moderna não está alheia de resistências e estas podem se desenrolar em projetos alternativos ao que é dominante.¹⁸⁵ Klosinski oferece uma alternativa para superar a falta e a fragilidade dos ritos de passagem, estimulando a identificação do e da adolescente com pessoas “mentoras”, ou seja, figuras referência que não fazem parte do núcleo familiar primário (pai, mãe ou a pessoa responsável).¹⁸⁶

2.1.6 Espiritualidade na adolescência

Neste tópico o conceito de espiritualidade retratará “uma forma do ser humano externar a sua busca pelo sagrado”.¹⁸⁷ Trata-se da busca por sentido para a vida,¹⁸⁸ na qual as práticas religiosas institucionais podem vir a representar uma dimensão de tal demanda e não sua totalidade.¹⁸⁹ Para Rodríguez e Damásio, o sentido da vida é “a percepção de ordem e de coerência na própria existência, aliada à busca e ao cumprimento de metas/objetivos significativos, que resulta na sensação de realização e/ou felicidade”.¹⁹⁰ Com início do desenvolvimento da reflexão e do pensamento abstrato e por meio das novas formas de

¹⁸² CALLIGARIS, 2009, p. 32-53.

¹⁸³ BOURDIEU, 1983, p. 112-121; DUTRA-THOMÉ; AMAZARRAY, 2014, p. 85.

¹⁸⁴ ERIKSON, 1976, p. 249.

¹⁸⁵ COSTA, 2004, p. 85-87.

¹⁸⁶ KLOSINSKI, 2006, p. 60-62.

¹⁸⁷ TEÓFILO; JUNQUEIRA, 2011, p. 643.

¹⁸⁸ TEÓFILO; JUNQUEIRA, 2011, p. 643-646; MARQUES, Luciana Fernandes; CERQUEIRA CAMPOS, Elder; DELL’AGLIO, Débora Dalbosco. Religiosidade e identidade positiva na adolescência. In: DELL’AGLIO, Débora Dalbosco; KOLLER, Silvia Helena (Orgs.). *Adolescência e Juventude: vulnerabilidade e contextos de proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 79-81; APOSTOLIDES, Anastasia. Adolescent spirituality with the support of adults. *HTS Teologiese Studies/Theological Studies*, Cidade do Cabo, v. 73, n. 4, p. 1-6, 2017. p. 3.

¹⁸⁹ APOSTOLIDES, 2017, p. 3.

¹⁹⁰ RODRÍGUEZ; DAMÁSIO, 2014, p. 34.

interação social, o e a adolescente começam a refletir sobre a própria existência e, ao buscarem alguma identidade, constituem significado para suas vidas.¹⁹¹ “Ter um claro sentido de quem se é e da pessoa que se deseja vir a ser é uma das tarefas mais importantes e árduas da adolescência”.¹⁹²

De modo que a tarefa de escolher e organizar o sentido da vida e a escolha de valores ficam sob responsabilidade de cada indivíduo,¹⁹³ eles e elas constituirão para si um universo simbólico que reúne os valores da família, dos amigos e das amigas, além dos múltiplos valores oferecidos pela sociedade no geral. Os produtos da cultura pop (filmes, livros e músicas) e a arte de modo geral também são fontes para tal construção, onde, por exemplo, é possível se identificar com figuras heroicas de acordo com questões individuais.¹⁹⁴

Tal escolha não está livre das angústias e das dúvidas frente à tarefa de se constituir no mundo como pessoa adulta,¹⁹⁵ de modo que os e as adolescentes podem “oscilar do ateísmo anárquico ao misticismo fervoroso”.¹⁹⁶ Eles e elas conferirão sentido à vida com maior segurança e clareza na medida em que os desdobramentos da identidade para a vida cotidiana estão mais evidentes.¹⁹⁷ Assim, como observa Dayrell, o e a adolescente se tornam sujeito que “se apropria do social, transformando em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém”.¹⁹⁸

As religiões institucionais perdem o que Klosinski denomina de “monopólio do reconhecimento cultural”,¹⁹⁹ ou seja, tendem a não mais ordenar o que é válido ou não para o convívio social.²⁰⁰ Isso reverbera junto aos e às adolescentes uma vez que os espaços religiosos podem não se tornar opções atraentes para eles e elas.²⁰¹ O autor observa que isso também é estimulado por certa relativização do que foi ensinado e transmitido na infância, o que pode gerar certa desvinculação com os símbolos e rituais religiosos.²⁰²

¹⁹¹ RODRÍGUEZ; DAMÁSIO, 2014, p. 30-33; BARBOSA, 2008, p. 106-113.

¹⁹² RODRÍGUEZ; DAMÁSIO, 2014, p. 31.

¹⁹³ HUBNER, Janaina. *Pré-adolescência contemporânea: novos desafios e perspectivas para a educação cristã* contínua. 2012. 201 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2012. p. 60-63.

¹⁹⁴ HUBNER, 2012, p. 63; APOSTOLIDES, 2017, p. 1-3.

¹⁹⁵ APOSTOLIDES, 2017, p. 1-2; NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 321-330, 2004. p. 328.

¹⁹⁶ ABERASTURY; KNOBEL, 1992, p. 28.

¹⁹⁷ RODRÍGUEZ; DAMÁSIO, 2014, p. 34.

¹⁹⁸ DAYRELL, 2003, p. 44.

¹⁹⁹ KLOSINSKI, 2006, p. 97.

²⁰⁰ KLOSINSKI, 2006, p. 96-97.

²⁰¹ LÍRIO, 2012, p. 36-38.

²⁰² KLOSINSKI, 2006, p. 90-96.

Algo semelhante é observado por Adam e Puntel em sua leitura sobre a adolescência evidenciada no filme *As melhores coisas do mundo*. Não há no filme alguma referência religiosa explícita, de modo que os autores constatam que o filme é honesto em retratar a obsolescência da religião e da espiritualidade tradicional junto aos e às adolescentes na compreensão e resolução de seus conflitos. Porém, em sentido mais amplo, há possíveis caminhos interpretativos para se compreender certo fenômeno religioso presente no filme, como a amizade que se torna indispensável na constituição de uma identidade adulta.²⁰³

Teófilo e Junqueira observam que a “religião no seio da família já não é mais determinada pelos pais”.²⁰⁴ De modo que há incentivo para o sucesso e a autorrealização, a pertença religiosa já não é homogênea para toda a família.²⁰⁵ Assim, ao analisar a população de adolescentes/jovens entre 15 e 24 anos, Novaes indica que é esta a faixa que mais adere ao grupo dos “sem religião”, de acordo com os dados demográficos do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano 2000.²⁰⁶ Fernandes mantém tal argumento mesmo depois do último censo realizado no Brasil em 2010.²⁰⁷ O conceito “sem religião” é amplo e pode, segundo Nunes, indicar “formas não institucionais de espiritualidade”.²⁰⁸

De acordo com a pesquisa de Novaes, constatou-se que três seriam as características da geração de jovens daquele momento em relação à religião: “a) forte disposição para mudança de religião; b) ênfase na escolha individual gerando maior disponibilidade para a reafirmação pessoal do pertencimento institucional; c) desenvolvimento de religiosidade sem vínculos institucionais”.²⁰⁹ Há uma competitividade e uma pluralidade que, aliados com maior peso da decisão individual, possibilitam a uma geração de jovens transitarem pelo mundo religioso a partir de seus próprios parâmetros.²¹⁰ Semelhantemente, Fernandes observa que a

modernização da sociedade brasileira acontece de modo não linear, com um pluralismo intenso e surpreendente em função da expansão cultural que se intensifica pelas novas mídias e aparatos virtuais. A juventude está nesse caldeirão e o compõe

²⁰³ ADAM; PUNTEL, 2020, p. 780-781.

²⁰⁴ TEÓFILO; JUNQUEIRA, 2011, p. 646.

²⁰⁵ TEÓFILO; JUNQUEIRA, 2011, p. 646-648.

²⁰⁶ NOVAES, 2004, p. 321-323.

²⁰⁷ REVISTA IHU ON-LINE. Desvinculação religiosa entre os jovens é maior do que a adesão ao pentecostalismo. Entrevista especial com Silvia Fernandes. 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/566902-desvinculacao-religiosa-entre-os-jovens-e-maior-do-que-a-adesao-ao-pentecostalismo-entrevista-especial-com-silvia-fernandes>. Acesso em: 24 maio 2021. O censo de 2020 ainda não foi realizado em virtude da pandemia do COVID-19, de modo que as últimas atualizações para tais dados permanecem do censo de 2010.

²⁰⁸ NOVAES, 2004, p. 323.

²⁰⁹ NOVAES, 2004, p. 325.

²¹⁰ NOVAES, 2004, p. 325-326.

ora desejando manter as tradições para assegurar suas escolhas sem se perder, ora reagindo às tradições e buscando caminhos alternativos que as questionam.²¹¹

Ainda que haja certo distanciamento dos e das adolescentes dos círculos religiosos institucionais, eles ainda têm potencial para constituírem resiliência, oferecerem suporte, encorajamento, enfrentamento dos problemas e das dificuldades, formação de valores e de laços fraternos.²¹² De semelhante forma a outros grupos sociais, como a escola, os grupos religiosos podem oferecer uma rede de apoio indispensável, capaz de ressignificar o convívio social, antes controlado pela família, e promover o autoconhecimento.²¹³

2.2 ADOLESCER NO ENSINO CONFIRMATÓRIO

2.2.1 Panorama histórico da iniciação cristã

De modo geral, nos primeiros quatro séculos da igreja, a iniciação cristã era constituída pelo ingresso ao catecumenato, no qual a pessoa era acolhida em processo preparatório por até três anos por algum “padrinho” da comunidade que tinha a função de ser um “mestre”, um “guia”. Durante o período de preparação para o batismo, as pessoas iniciadas permaneciam de algum modo afastadas da comunidade, não podendo “orar com os fiéis, dar o ósculo da paz ou ficar para a eucaristia”.²¹⁴ Após este tempo, a pessoa iniciada era batizada na Páscoa e participava da eucaristia pela primeira vez. Além do rito com a água, os ritos de unção com óleo e imposição de mãos constituíam o momento e simbolizam a transferência e recepção de poder e bênção através do Espírito Santo.²¹⁵

No processo de iniciação, o batismo, a unção e a eucaristia compunham um único momento.²¹⁶ Além de significar o ato batismal (momento do rito com água), o batismo também se referia à iniciação cristã. É por meio de tal rito que reconhece o recebimento da graça de Deus e que estimula para a confissão de uma vida de fé.²¹⁷ “O batismo se tornou uma imagem da morte sacrificial de Cristo. Tanto o nascimento como a morte estão representados no

²¹¹ REVISTA IHU ON-LINE, 2017.

²¹² APOSTOLIDES, 2017, p. 3; MARQUES; CERQUEIRA CAMPOS; DELL’AGLIO, 2011, p. 77; BARBOSA, 2008, p. 109; TEÓFILO; JUNQUEIRA, 2011, p. 648.

²¹³ MARQUES; CERQUEIRA CAMPOS; DELL’AGLIO, 2011, p. 97; APOSTOLIDES, 2017, p. 5; BARBOSA, 2008, p. 106-113; RODRÍGUEZ; DAMÁSIO, 2014, p. 34-36.

²¹⁴ WHITE, James F. *Introdução ao culto cristão*. 3. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 133.

²¹⁵ WHITE, 2012, p. 130.

²¹⁶ KIRST, Nelson (Org.). *Livro de Batismo*. 2. ed. rev. e atual. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 16-18; MEYER-BLANCK, Michael; DIENST, Karl. A Confirmação. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich. *Manual de ciência litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. São Leopoldo: Sinodal, 2011. v. 3. p. 44-49; HUBNER, 2012, p. 12-17.

²¹⁷ KIRST, 2008, p. 12-14.

batismo”.²¹⁸ White destaca o fato de ser um processo rico e diverso em “ações, todas elas implicando uma forte sensação de toque: unções, lavagem, imposição das mãos e selagem, o beijo (ósculo da paz), além de comer e beber”.²¹⁹

Entretanto, a partir do século V, após o cristianismo se tornar religião oficial do Império Romano, o processo da iniciação foi alterado profundamente.²²⁰ O aumento do número de pessoas convertidas ao cristianismo e do número de crianças batizadas estimulou para que o batismo ficasse reservado aos presbíteros, enquanto que a unção permanecesse uma tarefa exclusiva dos bispos.²²¹ Deste modo, a iniciação foi separada em dois momentos: o batismo e a confirmação, o momento da unção com óleo. Já no século V, a confirmação era compreendida como um momento distinto do batismo e posta como culminância dele. Tudo ainda permanecia dentro do processo de iniciação cristã.²²²

O termo *confirmação* provém do termo latino *confirmatio* e foi instituído “oficialmente no Concílio de Orange (441) e o seu uso é consolidado, após um longo caminho, no Concílio de Florença (1439)”,²²³ quando foi transformado em um sacramento.²²⁴ Um pouco antes, em 1245, o Concílio de Lyon corroborou “o direito exclusivo de confirmação pelo bispo”.²²⁵ Tal desdobramento a tornou um tema controverso ao permanecer distanciada do batismo e, na maioria das vezes, um apêndice na iniciação cristã. A separação do processo da iniciação em alguns momentos além do rito batismal, como a confirmação, fragmentou a experiência da iniciação.²²⁶

Depois do século V até Tomás de Aquino na Idade Média (século XIII), a compreensão da confirmação se direcionou para uma “preparação espiritual para combater os inimigos da fé cristã”.²²⁷ A ênfase é no rito em detrimento da instrução, fortalecendo a perspectiva sacramental. Próximo aos séculos XV e XVI, principalmente, devido à influência humanista, houve uma maior preocupação com a formação catequética, concedendo maior atenção à pessoa em relação ao sacramento.

²¹⁸ WHITE, 2012, p. 130.

²¹⁹ WHITE, 2012, p. 133.

²²⁰ MEYER-BLANCK; DIENST, 2011, p. 44-49.

²²¹ WACHS, Manfredo Carlos. *Confirmação na IECLB: contribuições para um método*. 245 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1995. p. 27; MEYER-BLANCK; DIENST, 2011, p. 44-49; WHITE, 2012, p. 141.

²²² WACHS, 1995, p. 23-27; HUBNER, 2012, p. 12-17.

²²³ WACHS, 1995, p. 23.

²²⁴ WACHS, 1995, p. 23-25.

²²⁵ MEYER-BLANCK; DIENST, 2011, p. 48.

²²⁶ WHITE, 2012, p. 141-142; KIRST, 2008, p. 36-38.

²²⁷ WACHS, 1995, p. 29.

Os reformadores protestantes no século XVI foram mais adiante e destituíram a confirmação do rol dos sacramentos da igreja.²²⁸ “Os únicos pensamentos que encontraram unanimidade [no contexto protestante] são a negação da confirmação como sacramento e a rejeição da compreensão de confirmação como ratificação ou complementação da graça recebida no Batismo”.²²⁹ O protestantismo enfatizou a relação da confirmação com o ensino e como um pré-requisito para a admissão à eucaristia.²³⁰ “A confirmação luterana, por sua vez, sempre foi descrita como *catequética*, referindo-se não só às aulas, mas também ao exame sobre o catecismo no final”.²³¹ A confirmação foi assumindo o caráter de ingresso em determinada confissão, insistindo na responsabilidade de cada pessoa na relação com a fé cristã.²³²

Durante o período do Iluminismo, quando os conceitos de infância e de vida adulta foram estabelecidos, a confirmação adquiriu o caráter de rito social para a maturidade, uma transição entre as duas fases.²³³ Além disso, ainda permanece um “consenso geral o fato de que a confirmação tem a ver com ensino e também com a formação de uma opinião própria (que certamente é um conceito melhor que ‘decisão’, a qual pode ser entendida equivocadamente em sentido soteriológico)”.²³⁴

No contexto luterano, a ênfase no ensino estimulou a produção dos Catecismos Maior e Menor por Martim Lutero com o propósito de apresentar um material que esboçasse uma síntese da fé. Posteriormente, os dois materiais se constituíram como referência confessional para as igrejas luteranas e a ênfase do Ensino Confirmatório²³⁵ se deteve na apreensão e, em muito, na memorização dos conteúdos estabelecidos nos catecismos e de outros materiais estabelecidos por cada igreja,²³⁶ o que também incidiu na IECLB.

Atualmente, de acordo com os documentos normativos da IECLB, a participação no Ensino Confirmatório tem como objetivo “ensinar as bases da fé, através da mensagem bíblica, da confissão de nossa Igreja, do testemunho do Catecismo Menor e da vivência da comunhão cristã”.²³⁷ Também o momento “quer facilitar a experiência e prática de uma vida de fé e

²²⁸ WACHS, 1995, p. 31-32.

²²⁹ WACHS, 1995, p. 40.

²³⁰ MEYER-BLANCK; DIENST, 2011, p. 49-56; KIRST, 2008, p. 36-38; WHITE, 2012, p. 137.

²³¹ MEYER-BLANCK; DIENST, 2011, p. 50.

²³² MEYER-BLANCK; DIENST, 2011, p. 49-56.

²³³ WACHS, 1995, p. 42.

²³⁴ MEYER-BLANCK; DIENST, 2011, p. 43.

²³⁵ Daqui em diante este termo será utilizado com o propósito de acolher tanto o tempo de preparo quanto o culto conhecido como Confirmação, que encerra este período.

²³⁶ HUBNER, 2012, p. 12-17.

²³⁷ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Nossa Fé, Nossa Vida*: guia da vida comunitária na IECLB. 8. ed. rev. ampliada. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2011. p. 32.

amor”.²³⁸ Tudo isto está concebido em um processo de desenvolvimento para a vivência ativa do batismo.²³⁹

É o momento de renovação da bênção de Deus, concedida no batismo, por meio da profissão pública de fé à participação ativa no seio da comunidade. Neste momento, é reconhecido que Deus, por meio da ação do Espírito Santo, deposita sua confiança na comunidade cristã para que cada pessoa se torne uma colaboradora d’Ele em sua missão salvífica.²⁴⁰ “Portanto, a rememoração do Batismo, acompanhada pela confissão de fé, é o próprio conteúdo da confirmação”.²⁴¹

O Ensino Confirmatório é uma ação da igreja no auxílio às pessoas batizadas no exercício da missão cristã. A maturidade da fé envolve o reconhecimento das responsabilidades individuais e comunitárias, através dos carismas/dons de cada pessoa. O diálogo, como base desta relação, junto ao contexto cultural é o desdobramento desta maturidade.²⁴² O discipulado também estimula a uma mútua troca de experiência e saberes que têm como alvo o crescimento na fé,²⁴³ de modo que a comunidade cristã auxilie na jornada de cada pessoa batizada em sua experiência batismal, “para o crescimento na fé, na esperança e no amor”.²⁴⁴

2.2.2 Refletindo sobre o ensino confirmatório na IECLB

Na IECLB, até próximo da década de 1960, os materiais a respeito da confirmação centralizavam “a sua preocupação em transmitir o conhecimento das histórias bíblicas, em memorizar o Catecismo Menor e em informar a história da Igreja Luterana”.²⁴⁵ A partir deste período, começou um movimento de maior preocupação com a revisão da confirmação como único momento de formação cristã, além da procura por um material que não se limitasse ao ato de memorizar o Catecismo Menor.

Na década de 1970, as preocupações pedagógicas foram intensificadas, especialmente dirigidas ao envolvimento dos confirmandos e das confirmandas no processo e também no fortalecimento da preparação das pessoas para assumirem os cargos de orientadores e

²³⁸ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2011, p. 32.

²³⁹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2011, p. 34.

²⁴⁰ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2011, p. 30-31.

²⁴¹ WACHS, 1995, p. 194.

²⁴² IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Discipulado Permanente, Catecumenato Permanente*. 1974. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/governanca-suporte-normativo/discipulado-permanente-catecumenato-permanente-1. Acesso em: 28 dez 2020; WACHS, 1995, p. 148.

²⁴³ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 1974.

²⁴⁴ KIRST, 2008, p. 30.

²⁴⁵ WACHS, 1995, p. 81.

orientadoras do Ensino Confirmatório.²⁴⁶ Schultz declara que nesta época havia muita insatisfação quanto ao modelo de “decoreba” dos conteúdos aplicados no Ensino Confirmatório, além de sua linguagem “pouco compreensível para os jovens”.²⁴⁷ As reflexões deste período apontaram “para a aprendizagem contínua, criativa, contextual e consciente e menos memorização irrefletida”.²⁴⁸

No IX Concílio Geral da IECLB, realizado no ano de 1974, o documento *Discipulado Permanente, Catecumenato Permanente*, foi apresentado e aprovado como orientador e um estímulo para uma educação/catecumenato que promovesse uma vivência ativa de cada pessoa cristã por toda a vida.²⁴⁹ O documento prioriza a assimilação das verdades da fé, das doutrinas, em relação à assimilação existencial da fé cristã. Ou seja, há certa separação entre viver existencialmente a fé e apreendê-la a partir do estudo intelectual e propositivo, de modo que o documento expressa: “existem conteúdos do Evangelho a serem aprendidos e adquiridos”²⁵⁰, mesmo que esta afirmação esteja em conexão com o estímulo à atividade crítico-reflexiva em relação ao sistema doutrinal²⁵¹.

Ainda que a década de 1970 pode ser considerada um marco na “busca de uma renovação litúrgica e por uma Educação Cristã mais participativa e envolvente”,²⁵² como observou Ponick, nos debates e nas consultas nacionais desenvolvidas até próximo a 1995, quando Wachs escreve, “se evidencia mais a preocupação pela identidade luterana do que por uma clareza teológico-pedagógica da confirmação”.²⁵³

No âmbito luterano mundial, já antes dos debates brasileiros, havia preocupações quanto à restrição da educação cristã ao Ensino Confirmatório.²⁵⁴ O que levou a Federação Luterana Mundial (FLM), na década de 1990, a afirmá-lo “como uma oportunidade de nova aprendizagem e crescimento na jornada de fé pela vida inteira”.²⁵⁵

Vários motivos estimularam tais debates e outros surgiram nas últimas décadas. O primeiro deles aparece já nas primeiras inquietações na década de 1960, quando se questionou a redução da educação cristã ao Ensino Confirmatório. Junto a esta questão, surgiu a pergunta

²⁴⁶ WACHS, 1995, p. 76-85.

²⁴⁷ PONICK, Edson; WACHS, Manfredo Carlos; SCHULTZ, Valdemar (Orgs.). *Ensino confirmatório e confirmação: memória do Fórum Nacional de Ensino Confirmatório*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 12.

²⁴⁸ WACHS, 1995, p. 85.

²⁴⁹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 1974.

²⁵⁰ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 1974.

²⁵¹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 1974.

²⁵² PONICK; WACHS; SCHULTZ, 2005, p. 15.

²⁵³ WACHS, 1995, p. 88.

²⁵⁴ PONICK; WACHS; SCHULTZ, 2005, p. 12-15.

²⁵⁵ WACHS, 1995, p. 60.

por métodos pedagógicos mais eficientes para o exercício dele.²⁵⁶

Manfredo Wachs, uma das principais vozes a respeito do Ensino Confirmatório e da educação cristã na IECLB, desenvolvendo inclusive uma dissertação que propusera a revisão dos métodos teológico-pedagógicos do Ensino Confirmatório segundo as reflexões de Paulo Freire, ressaltou, nesse mesmo trabalho, a necessidade do processo do conhecimento ser assumido em relação. A dinamicidade e a transitoriedade do ser humano, dentro da realidade em que está e é formado, são importantes no ato de conhecer. Portanto, o “objeto” a ser conhecido deve ser palpável para quem participa e não uma simples abstração.²⁵⁷

O documento *Discipulado Permanente, Catecumenato Permanente* apresentou reflexões provenientes das duas questões e, mais recentemente, na final da década de 2000, o Plano de Educação Cristã Contínua (PECC) reafirmou o que já havia sido declarado no primeiro documento, confirmando ser a educação cristã um exercício para toda a vida, não se limitando ao Ensino Confirmatório.²⁵⁸

Entretanto, o debate identificou outros dilemas. Uma pesquisa social sobre o ensino confirmatório, preparada e realizada entre os anos de 2001 e 2003 indicou que, aproximadamente, 31% dos e das adolescentes que fizeram parte da pesquisa permaneciam na vida comunitária após o Ensino Confirmatório, indicando que este seja “pouco eficaz para garantir a continuidade da participação dos jovens na vida comunitária da igreja”,²⁵⁹ mesmo sendo o período de maior destaque e visibilidade na educação cristã.²⁶⁰ Algo semelhante já foi notado e relatado na década de 1970, uma vez que o documento *Discipulado Permanente, Catecumenato Permanente* expressa que o “ato de Confirmação significa, em muitos casos, despedida da igreja, ainda que permaneça a filiação formal à comunidade”.²⁶¹

Ainda com todos os estímulos, reflexões e ações para propor melhorias, formando adolescentes conscientes de “sua confessionalidade e responsáveis diante da comunidade”,²⁶² como orientam os documentos normativos da IECLB neste momento, não está se evidenciando isso na prática²⁶³. Afinal, o Ensino Confirmatório se tornou um momento em que a maioria dos

²⁵⁶ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 1974.

²⁵⁷ WACHS, 1995, p. 210.

²⁵⁸ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Plano de Educação Cristã Contínua da IECLB*. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/site/conteudo_organizacao/governanca-suporte-normativo/plano-de-educacao-crista-continua-pecc-1. Acesso em: 20 maio 2021; HUBNER, 2012, p. 22.

²⁵⁹ SCHULTZ, Valdemar. Relatório da pesquisa sobre o ensino confirmatório e a confirmação na IECLB. In: PONICK, Edson; WACHS, Manfredo Carlos; SCHULTZ, Valdemar (Orgs.). *Ensino confirmatório e confirmação*: memória do Fórum Nacional de Ensino Confirmatório. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 82.

²⁶⁰ SCHULTZ, 2005, p. 75-82; HUBNER, 2012, p. 17-21.

²⁶¹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 1974.

²⁶² IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 1974.

²⁶³ HUBNER, 2012, p. 21; PONICK; WACHS; SCHULTZ, 2005, p. 15-17.

e das adolescentes participam em virtude da coerção realizada por suas famílias, aumentando o estímulo para que deixem de participar da vida eclesial logo após a confirmação. Wachs assinala ser um dos principais desafios “a pergunta de como reverter a dimensão de formatura e de despedida que para muitas pessoas está embutida no culto de confirmação”.²⁶⁴

De modo que o Ensino Confirmatório na IECLB está fundamentado no ensino catequético e no seu caráter de rito de passagem adolescente, seu outro dilema surge na medida em que ele deixa de ser um rito de passagem. Meyer-Blanck e Dienst observaram tal fenômeno no contexto europeu motivado em grande medida pela incerteza da transição entre a infância e a vida adulta, perspectiva corroborada pelas reflexões a respeito da adolescência realizadas nos tópicos acima.²⁶⁵ A “confirmação em si vai perdendo cada vez mais seu caráter de rito de passagem em função da ampliação da faixa etária considerada jovem”.²⁶⁶

As características delegadas ao ensino confirmatório provêm de uma época em que o indivíduo com 14 anos de idade poderia responsabilizar-se por si mesmo, trabalhar, casar e sair de casa. Hoje, toda essa responsabilidade sobre si e perante a sociedade é postergada, pelo menos, para quando o jovem completar 18 anos de idade.²⁶⁷

Tal cenário também se desdobra de alguma forma no contexto da IECLB, como indicado pela pesquisa desenvolvida por Streck e Malacarne em uma comunidade urbana na região metropolitana de Porto Alegre.²⁶⁸ Ainda que seja um estudo preliminar e pequeno, houve indicações de que principalmente nas comunidades urbanas o caráter de rito de passagem tem se enfraquecido ou já não está presente. Muitos adolescentes inclusive descobrem a comunidade de fé na qual pertencem apenas quando ingressam no Ensino Confirmatório.²⁶⁹ De modo que, ao não atender mais seus objetivos, ele se transforma em algo obsoleto.²⁷⁰

As referências anteriormente descritas nesta pesquisa indicam algumas novas reflexões e alguns possíveis caminhos que tentam ressignificar o Ensino Confirmatório, para que este contribua para a formação dos e das adolescentes, de suas famílias e das comunidades de fé. A primeira delas apresenta o e a adolescente não como um “objeto” que participa passivamente, recebendo os “conteúdos” importantes para a vida de fé, mas considera-os como sujeitos

²⁶⁴ WACHS, 1995, p. 46-47.

²⁶⁵ MEYER-BLANCK; DIENST, 2011, p. 67-68.

²⁶⁶ MEYER-BLANCK; DIENST, 2011, p. 85.

²⁶⁷ HUBNER, 2012, p. 24.

²⁶⁸ STRECK, Gisela I. W.; MALACARNE, Ivan Kiper. Adolescência e ritos de passagem: a partir de uma perspectiva do Ensino Confirmatório e Confirmação. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 44, n. 1, p. 127-139, 2018.

²⁶⁹ HUBNER, 2012, p. 25.

²⁷⁰ HUBNER, 2012, p. 24.

“relacionais, que expressam, de forma direta e indireta, seus desejos, suas expectativas e suas experiências”.²⁷¹ Trata-se de estimular uma sensibilidade para perceber as mudanças que estão acontecendo com o e a adolescente, muitas apresentadas e discutidas neste capítulo, junto às consequências que isso traz para o processo de ensino-aprendizagem.²⁷²

Wachs esclarece que a “comunicação do Evangelho não é a transmissão de uma verdade fechada e acabada, mas ela se torna verdade quando ocorre uma relação comunicativa entre o Evangelho e a pessoa como sujeito”.²⁷³ Também acrescenta que o diálogo é mais do que uma proposta pedagógica, todavia, constitui a própria comunhão entre Deus e os seres humanos marcada especialmente no batismo.²⁷⁴ O ato de “conhecer” a fé é o caminho em que se atenta para a multiplicidade de formas e jeitos de se experimentar a fé. E assim, a comunicação da fé, como sugere Wachs, desdobra-se na reafirmação da necessidade dos relacionamentos na adolescência e de experimentar a fé através de novas perspectivas.²⁷⁵

Destaca-se também a necessidade da família acompanhar, estimular e orientar os e as adolescentes no processo do ensino confirmatório.²⁷⁶ Também perceber a importância do Ensino Confirmatório como estímulo às relações fraternas dos e das adolescentes como outras pessoas. Kehl identifica que tais relações entre eles e elas com outros grupos para além dos círculos familiares são sumamente importantes na renovação da sua própria linguagem e no rompimento das barreiras infantis que antes circunscreviam eles e elas em torno da família.²⁷⁷ De modo que a formação de espaços que estimulem a constituição de relações, da autoconfiança, do engajamento em atividades e causas e do fomento da capacidade de empatia é um incentivo para a maturidade e para a prevenção e combate das violências que possam ameaçar eles e elas,²⁷⁸ além de promover caminhos que superem o desamparo sobre o qual está constituída a adolescência.

Talvez o grande desafio para o Ensino Confirmatório seja preparar o e a adolescente para viver em um mundo em que a pluralidade, a quantidade de informações e a exigência por rápidas mudanças são movimentos altamente presentes e impactantes.

²⁷¹ WACHS, Manfredo Carlos. Projetos Alternativos na prática do ensino confirmatório. In: PONICK, Edson; WACHS, Manfredo Carlos; SCHULTZ, Valdemar (Orgs.). *Ensino confirmatório e confirmação*: memória do Fórum Nacional de Ensino Confirmatório. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 47.

²⁷² WACHS, 1995, p. 175.

²⁷³ WACHS, 1995, p. 155.

²⁷⁴ WACHS, 1995, p. 216.

²⁷⁵ WACHS, 1995, p. 205-208.

²⁷⁶ PONICK; WACHS; SCHULTZ, 2005, p. 19.

²⁷⁷ KEHL, 2004, p. 111-114.

²⁷⁸ KLOSINSKI, 2006, p. 110.

2.3 Considerações finais

Diante do que foi exposto, percebe-se que o debate a respeito da adolescência não pode permanecer na simplicidade de escolher uma ou outra abordagem conceitual. Cada uma delas e seus desdobramentos revelam a complexidade sobre a qual ela está constituída, ao mesmo tempo em que reverbera a complexa dinâmica da sociedade contemporânea. Há que se considerar que ser adolescente não se refere a passar por uma fase da vida delimitada, afinal, trata-se de uma classificação moderna. A adolescência revela a transformação da própria modernidade a medida em que deixou de ser compreendida como uma fase para se tornar um produto de desejo de consumo à medida que sintetiza os ideais de liberdade, autonomia, felicidade, gozo ilimitado e consumo.

A moratória imposta aos e às adolescentes indica um dos principais mal-estares contemporâneo, a saber, o desejo de viver uma liberdade sem responsabilidades, de acordo com os desejos de cada indivíduo. Ao mesmo tempo em que dilui os referenciais identificatórios adultos para os e as adolescentes, criando uma sociedade onde há muitos excessos, principalmente, de positividade, de consumo e de exigência por felicidade. De modo que doenças como a depressão indicam certa exaustão desta exigência, além de sinalizar o desamparo simbólico sobre o qual estão os e as adolescentes. A adolescência é, ao mesmo tempo, símbolo dos desejos e reflexo das mazelas da modernidade líquida.

O panorama a respeito da adolescência reverbera no Ensino Confirmatório na medida em que afeta os e as adolescentes que ali participam e suas famílias; dilui o seu caráter de rito de passagem; destitui a igreja como autoridade moral e educacional; além de ser um espaço onde há grande evasão por parte dos e das adolescentes ao concluírem o processo, principalmente por não identificarem nas comunidades de fé referenciais simbólicos para que possam resolver os dilemas cotidianos.

Entretanto, esta pesquisa assume a perspectiva de que é possível tornar o espaço do Ensino Confirmatório e, conseqüentemente, das comunidades de fé, lugares que ofereçam relações de apoio e afeto. Principalmente como ação preventiva para os quadros patológicos e de violência que possam surgir diante do desamparo adolescente. Oferecer ideais positivos em direção à maturidade, ainda que seja um conceito sem delimitações concretas, pode preparar os e as adolescentes para uma sociedade plural, ambígua, com rápidas mudanças, inclusive de sua própria identidade. Ao mesmo tempo em que sejam preparados e preparadas para resistir às mazelas causadas pela modernidade líquida, seja na fragilidade dos laços afetivos, no estímulo ao descarte e consumo de objetos e relações, no desamparo e na individualidade narcisista que cega o ser humano para o seu caráter relacional.

3 A SÉRIE *HARRY POTTER* SOB A PERSPECTIVA DA RELIGIÃO VIVIDA: NOVOS OLHARES E POSSIBILIDADES TEOLÓGICAS

Neste capítulo, a religião vivida será apresentada como uma disposição da teologia prática para observar os meandros do fenômeno religioso contemporâneo, considerando que este não está determinado pelos limites das instituições religiosas, mas perpassa todo o tecido cultural. De modo que a série *Harry Potter* será apresentada como um fenômeno cultural secular, que tem potencial, especialmente para adolescentes, para conferir significado à vida humana, constituir valores e promover a sociabilidade.

Ele vai ser famoso, uma lenda. Eu não me surpreenderia se o dia de hoje ficasse conhecido no futuro como o dia de Harry Potter. Vão escrever livros sobre Harry. Todas as crianças no nosso mundo vão conhecer o nome dele!²⁷⁹

3.1 O FENÔMENO RELIGIOSO CONTEMPORÂNEO E A RELIGIÃO VIVIDA

3.1.1 Modernidade e secularização: o fim da religião?

De modo abrangente, o processo de secularização se refere ao conflito entre religião e modernidade. O conceito tem a sua origem na distinção feita pelo próprio cristianismo entre aquilo que é do “mundo”, a dimensão “secular”, e o que é do “espiritual”. Ele adquiriu notoriedade a partir da Revolução Francesa, quando fora assimilado como característica de processo de desenvolvimento da Idade Moderna.²⁸⁰ A secularização, deste modo, seria uma afirmação de que o mundo religioso está em um processo de “extinção”, sendo esta argumentação gestada no Iluminismo.²⁸¹ Entretanto, Peter Berger, sociólogo e teólogo austro-americano, argumenta “ser falsa a suposição de que vivemos em um mundo secularizado”.²⁸²

Na verdade, trata-se de uma revisão do próprio conceito de secularização no que tange a sua afirmação de fim da religião, porém, caracterizando-a como uma reconfiguração tanto a nível religioso-institucional quanto fora deste âmbito.²⁸³ Os debates sobre secularização apresentam uma complicada tensão na relação entre religião e sociedade moderna.²⁸⁴

²⁷⁹ ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015a. p. 15.

²⁸⁰ RANQUETAT JÚNIOR, Cesar Alberto. *Laicidade à brasileira: um estudo sobre a controvérsia em torno da presença de símbolos religiosos em espaços públicos*. 2012. 321 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. p. 16-20.

²⁸¹ RANQUETAT JÚNIOR, 2012, p. 16-20.

²⁸² BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 9-24, 2000. p. 10.

²⁸³ BERGER, 2000, p. 10-11; ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2007. p. 33-37.

²⁸⁴ BERGER, 2000, p. 10-11.

Na verdade a religião nunca desapareceu do horizonte, foram as ciências sociais que mudaram o foco de atenção para outros temas, porque estavam dominadas por pressupostos epistemológicos que viam a religião como resquício de um mundo destinado a desaparecer.²⁸⁵

Tal movimento também faz uma revisão do próprio termo *religião*.²⁸⁶ Afinal, como observa Smith, este conceito, tal como se apresenta hoje, foi gerado por influência do próprio secularismo europeu e por meio do qual “a coesão ou integridade anterior da vida social e pessoal do ser humano, então religiosamente expressa e religiosamente santificada”²⁸⁷ foi rompida e fragmentada.

No Ocidente, o conceito de religião foi modelado ao ponto de conceber “a religião em uma coisa, passando gradualmente a concebê-la como uma entidade sistemática objetiva”.²⁸⁸ É, sobretudo, a partir do século XVII que o conceito de religião vai significando “cada vez mais o sistema de idéias [sic] em que pessoas de fé estavam envolvidas ou com que pessoas de fé potencial eram confrontadas”.²⁸⁹ Religião se transformou em sinônimo de doutrina tanto para quem está dentro como fora dos círculos religiosos.²⁹⁰

Em conjunto com este debate, também influi outra característica da modernidade, a saber, a contestação das certezas.²⁹¹ De modo que isto também intensificou a destituição das instituições religiosas de serem “o elemento axial em torno do qual gravitam os variados campos sociais, declinando na medida em que perde influência e força sobre as instituições sociais”.²⁹² Os grandes sistemas religiosos, caracterizados pela definição de religião acima mencionada não possuem mais o domínio simbólico-religioso sobre toda a sociedade.²⁹³ E no caso do Ocidente, o cristianismo, mais especificamente, deixa de ser a religião que detém este poder ainda que esta perda de influência e de poder seja variável em cada lugar.

²⁸⁵ MOREIRA, Alberto da Silva. *O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 23.

²⁸⁶ SMITH, Wilfred Cantwell. *O sentido e o fim da religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 117; CARVALHAES, Cláudio. *Transgressões: religião, performance e arte*. São Paulo: Emblema, 2005. p. 47.

²⁸⁷ SMITH, 2006, p. 117.

²⁸⁸ SMITH, 2006, p. 57.

²⁸⁹ SMITH, 2006, p. 46.

²⁹⁰ SMITH, 2006, p. 41-49.

²⁹¹ BERGER, 2000, p. 14.

²⁹² RANQUETAT JÚNIOR, 2012, p. 19.

²⁹³ PORTELLA, Rodrigo. A Religião na Sociedade Secularizada: urdindo as tramas de um debate. *Numen*, Juiz de Fora, v. 11, n. 1 e 2, p. 33-53, 2008. p. 37; GABATZ, Celso. A afirmação de um paradigma religioso pluralista na contemporaneidade. *Reflexus*, Vitória, ano 11, n. 18, p. 401-423, 2017. p. 415-418; BOBSIN, Oneide. *Correntes Religiosas e Globalização*. 2. ed. São Leopoldo: CEBI; IEPG; Curitiba: PPL, 2006. p. 31.

Assim, o indivíduo se torna o responsável por gerir e constituir seu sistema simbólico-religioso, não sendo necessário a mediação por alguma entidade religiosa especializada, afinal, ele é a medida e o fim na modernidade.²⁹⁴ Esta religiosidade individual é menos estável e rígida em relação àquela religiosidade que internaliza os modelos religiosos “oficiais”.²⁹⁵ A identidade pessoal é constituída por cada indivíduo o que para Luckmann talvez “seja o aspecto mais revolucionário da sociedade moderna”.²⁹⁶

A globalização intensificou o processo acima descrito. De acordo com Bobsin, a “flexibilização e diluição de fronteiras confessionais”²⁹⁷ permitiu que as ideias religiosas fossem retiradas de seus lugares de origem para gerar novas ideias em outros lugares, ou seja, um processo de desterritorialização. Essa migração é causada pelo movimento da destradicionalização, no qual as vozes das autoridades externas não constituem a decisão final. A transversalidade é o fenômeno que caracteriza este novo movimento, no qual “uma idéia [sic] religiosa pode se fazer presente em várias igrejas, atravessando-as”.²⁹⁸ A transversalidade é uma das características da globalização e que está presente também nos movimentos do mercado econômico.

As fronteiras confessionais/religiosas são ignoradas e há grande trânsito das pessoas fiéis entre os sistemas simbólico-religiosos.²⁹⁹ Elas se tornam difusas e o indivíduo se vale das tradições religiosas conforme as suas necessidades e os seus desejos imediatos. O que antes era assegurado para cada pessoa pela autoridade da tradição, grupo social e família, agora se transformou em produto do mercado. É oferecido a cada indivíduo um leque de possibilidades de “consumo religioso” por meio de ofertas em diferentes áreas da vida humana. O indivíduo moderno se apropria tanto de elementos que provêm das religiões institucionalizadas como de movimentos “religiosos” alternativos.³⁰⁰ Observa-se “que representações tradicionais especificamente religiosas ainda fazem parte do heterogêneo cosmos sagrado na sociedade moderna e são a única parte habitualmente reconhecida como religiosa”.³⁰¹

²⁹⁴ SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? *In*: HOORNAERT, Eduardo (Org.). *História da igreja na América Latina e no Caribe: 1945-1995*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: CEHILA, 1995. p. 90-94; ABUMANSUR, Edin Sued. O desejo, a religião e a felicidade. *In*: VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio (Orgs.). *Religião e consumo: relações e discernimentos*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 104-105; PORTELLA, 2008, p. 34; MOREIRA, 2008, p. 29; GABATZ, 2017, p. 415; LUCKMANN, Thomas. *A religião invisível*. São Paulo: Olho d'Água; Loyola, 2014. p. 117-126.

²⁹⁵ LUCKMANN, 2014, p. 117-126.

²⁹⁶ LUCKMANN, 2014, p. 117.

²⁹⁷ BOBSIN, 2006, p. 13.

²⁹⁸ BOBSIN, 2006, p. 14.

²⁹⁹ BOBSIN, 2006, p. 13-16.

³⁰⁰ SANCHIS, 1995, p. 90-94; PORTELLA, 2008, p. 45-48.

³⁰¹ LUCKMANN, 2014, p. 119.

Bobsin descreve tal fenômeno como uma “nova religiosidade” ou uma “religiosidade difusa”, estimulada pela reconfiguração das fronteiras religiosas nas últimas décadas, a qual “não evidencia ritos [institucionalizados] e não se proclama como tal, mas se impregna de forma abrangente em diversas áreas, como na arte, comunicação, reflexão científica, novelas”.³⁰² Há uma difusão de símbolos que, ainda que possam ser considerados religiosos, não constituem formalmente uma religião institucionalizada.³⁰³ Isto é resultado da diluição das fronteiras do sagrado e do profano, de modo que a “fonte de transcendência e sentido se pluralizou e fugiu do campo das religiões instituídas”.³⁰⁴

A pluralidade das ofertas religiosas constitui a relação entre indivíduo e consumo religioso.³⁰⁵ Ela não permitirá que nenhuma religião tenha o domínio simbólico-religioso da sociedade.³⁰⁶ Embora este pluralismo já estivesse presente antes da modernidade, a ordem e a regulamentação dos valores estavam rigidamente controladas em cada comunidade. Isto se aplicava até mesmo quando uma comunidade entrava em contato com outra, afinal, o encontro com o diferente também era orientado.³⁰⁷

Consequentemente, onde o pluralismo não é controlado por algo maior, surge “um enorme relativismo dos sistemas de valores e da interpretação”.³⁰⁸ Ao mesmo tempo, como força contrária e em permanente tensão, está o surgimento “de comunitarismos, nacionalismos e fundamentalismos”,³⁰⁹ além disso, a permanência na incerteza é algo assumido por poucas pessoas, sendo assim, qualquer movimento religioso que reviva ou mantenha alguma certeza também possui excelente recepção.³¹⁰

Quanto ao cenário teológico-religioso brasileiro, Adam e Schultz esboçam a complexidade e algumas particularidades de tal quadro através das suas ambiguidades; da simultaneidade entre imanência e transcendência e religioso e não-religioso; e da difusão entre público e privado, sem separações evidentes.³¹¹ Schultz considera que a ambiguidade deste

³⁰² BOBSIN, Oneide. Tendências religiosas e Transversalidade: Hipóteses sobre a transgressão de fronteiras. In: ALTMANN, Walter; ALTMANN, Lori. *Globalização e religião: desafios à fé*. São Leopoldo: CECA; Quito: CLAI, 2000. p. 26-27.

³⁰³ BOBSIN, 2006, p. 13-16; GABATZ, 2017, p. 415-418.

³⁰⁴ BOBSIN, 2000, p. 28. Ver também: HENRIQUES, Marco Polo Ribeiro. *De Hogwarts a Paraisópolis: discurso e recepção da obra Harry Potter em um contexto de capitalismo periférico*. 2015. 439 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. p. 37.

³⁰⁵ ABUMANSUR, 2012, p. 104-105.

³⁰⁶ MOREIRA, 2008, p. 29.

³⁰⁷ BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 39-41.

³⁰⁸ BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 52.

³⁰⁹ SANCHIS, 1995, p. 94.

³¹⁰ BERGER, 2000, p. 14.

³¹¹ SCHULTZ, Adilson. Estrutura Teológica do Imaginário Religioso Brasileiro. In: BOBSIN, Oneide; LINK, Rogério Sávio; NÚÑEZ DE LA PAZ, Nivia Ivette; REBLIN, Iuri Andréas (Orgs.). *Uma religião chamada*

cenário “é fruto de um longo processo de criação religiosa que agencia formas – geralmente populares – de escapar ou conviver com a rigidez doutrinária, desenvolvendo criativamente a capacidade de conciliar dois ou mais cultos ou de ludibriar e enganar o culto oficial”.³¹²

Em conexão com esta percepção do cenário brasileiro, Droogers propõe o conceito de Religiosidade Mínima Brasileira (RBM) como “uma religiosidade que se manifesta publicamente em contextos seculares, que é veiculada pelos meios de comunicação de massa, mas também pela linguagem cotidiana”.³¹³ Ela está além do domínio de qualquer religião institucionalizada ou de outras instâncias seculares, porém auxilia na formação do substrato de cada religião. A RBM também não pode ser igualada à uma religião “civil”, considerando que a RBM é mais ampla do que esta³¹⁴, pois está vinculada à cultura de massa e sua linguagem é maleável para comunicar junto ao maior número de pessoas, permitindo uma combinação de elementos religiosos ainda que sejam conflitantes.³¹⁵

Deste modo, conclui-se que a secularização como fenômeno da modernidade não provocou o fim da religião, mas destituiu as instituições religiosas de sua supremacia na organização sociocultural.³¹⁶ No caso do Ocidente, o cristianismo deixou de ter domínio sobre o sistema simbólico-religioso, ainda que em intensidade diferente em cada lugar. Portanto, “o fim da religião é o fim daquela dita cuja totalizante da sociedade”.³¹⁷

3.1.2 Novos horizontes epistemológicos para a religião e para a teologia

Ao refletir sobre o futuro da religião, Moreira aponta que a religião continuará a ter “a capacidade organizadora dos *mitos* na sociedade moderna”.³¹⁸ Os mitos convivem com a ciência e se distinguem em mitos secularizados e religiosos. Na interpretação do autor, é esta a perspectiva de Clifford Geertz, antropólogo do século XX.³¹⁹ O mito está na gênese da religião e da ciência, inclusive, sendo utilizado para formular as primeiras explicações de como funciona

Brasil: Estudos sobre Religião e Contexto Brasileiro. São Leopoldo: Oikos; EST, 2008. p. 50; ADAM, Júlio César. Religião vivida e teologia prática: possibilidades de relacionamento no contexto brasileiro. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 51, n. 2, p. 311-328, mai./ago. 2019. p. 320-324.

³¹² SCHULTZ, 2008, p. 58.

³¹³ DROOGERS, André. Religiosidade Mínima Brasileira. *Religião e Sociedade*, v. 14, n. 2, p. 63-86, 1987. p. 65.

³¹⁴ DROOGERS, 1987, p. 65-67.

³¹⁵ DROOGERS, 1987, p. 80.

³¹⁶ PORTELLA, 2008, p. 37-41.

³¹⁷ PORTELLA, 2008, p. 49.

³¹⁸ MOREIRA, 2008, p. 24.

³¹⁹ MOREIRA, 2008, p. 24.

e para que existe o mundo.³²⁰ “Os mitos, por assim dizer, indicam a atividade criadora e a sacralidade, uma sobrenaturalidade dos seres humanos, das obras e ações realizadas, e rememoradas através da linguagem”.³²¹

O mito faz parte da imaginação coletiva da humanidade criando, destruindo e recriando possibilidades de sobrevivência e convívio. Junto com o rito, ele garante que a sociedade e as suas múltiplas relações sejam sustentadas e tenham sentido. “A mitologia surgiu assim para auxiliar os seres humanos a lidar com questões problemáticas da existência de forma simbólica”.³²² Trata-se de uma conexão ancestral da humanidade, ligando-a entre si e constituindo o próprio caráter de *humanidade*. Como algo consequente do mito e do rito, a linguagem religiosa obtém seus contornos. É por meio da dupla mito-rito, observados nas experiências religiosas, que o ser humano superou seus próprios limites.³²³ Estas acontecem sob várias “roupagens”, considerando que todas apontam e se relacionam para uma realidade fora do cotidiano.³²⁴

Os mitos e ritos constituem o caminho que guia o ser humano na dialética entre vida e morte. A religião, como instituição, surge desse processo de insatisfação com a realidade tal como se apresenta.³²⁵ Ela “é um fenômeno através do qual um significado último nos problemas existenciais da vida, do sofrimento, da alegria e da morte, pode ser compartilhado com a humanidade, porque estes assuntos são experimentados por todos os seres humanos”.³²⁶ Os símbolos simbólico-religiosos, que perpassam e constituem os mitos e os ritos, expressam o *ethos* de um povo, algo que torna possível a constituição de ordem para a vida.³²⁷

Os sistemas simbólicos são formados e remodelados através de inúmeras gerações. Este processo é o que caracteriza, primordialmente, a experiência religiosa. Luckmann descreve-a

³²⁰ NUNES, Lisia Cristina Paiva. *What do you see? Revaluation of standards and the Harry Potter saga*. 2010. 116 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. p. 41-43.

³²¹ COSTA, Carolina Bitencourt da. *Performance cosplay: mito, rito e práticas (Religiosas) da cultura pop*. 2019. 133 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2019. p. 74.

³²² COSTA, 2019, p. 76.

³²³ COSTA, 2019, p. 70-83; MAGALHÃES, Antônio; PORTELLA, Rodrigo. *Expressões do Sagrado: reflexões sobre o fenômeno religioso*. Aparecida: Santuário, 2008. p. 67; BERGER, 2000, p. 19.

³²⁴ MAGALHÃES; PORTELLA, 2008, p. 51-57.

³²⁵ MAGALHÃES; PORTELLA, 2008, p. 66-75; ARMSTRONG, Karen. *Breve história do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 12-13.

³²⁶ Tradução nossa: “Religion is a phenomenon whereby ultimate meaning in the existential problems of life, suffering, joy and death, may be shared with humanity because these matters are experienced by all human beings”. APOSTOLIDES, Anastasia. *Kids seeking alternative identity and spirituality through the lived theology glimpsed in the Harry Potter series*. 2014. Tese (doutorado) – Faculdade de Teologia, Universidade de Pretória, Pretória, 2014a. p. 59.

³²⁷ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. p. 103-108; BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985; CARVALHAES, 2005, p. 37-38; APOSTOLIDES, 2014a, p. 59.

segundo a expressão “visão de mundo”, na qual os sistemas simbólicos são gestados, transmitidos e influenciam nas dimensões individual e social.³²⁸ Alves argumenta que o caráter de ambivalência da religião pode servir a interesses opostos, pois tudo depende da forma como os símbolos sagrados são manipulados.³²⁹

Moreira compactua com a perspectiva de Berger no que tange a atuação da religião no contexto moderno. Ainda que a religião já não possua um domínio tão expressivo para afetar a sociedade de forma mais ampla, como possuiu na Idade Média, ela ainda é influente “no nível microssocial, onde provê as pessoas com complexos de significados e símbolos suficientes para que elas orientem suas vidas num mundo confundido pela complexidade e mudança”.³³⁰ Nesta perspectiva, há necessidade de estar atento para o fenômeno religioso, tanto em sua dimensão institucional, mas também por meio da busca por experiências e formas religiosas que permanecem “marginalizadas” e “escondidas”.³³¹

Armstrong também percebeu uma certa “religiosidade difusa” ou “invisível” em lugares considerados seculares da sociedade como “na arte, na música, na poesia, no rock, na dança, nas drogas, no sexo ou no esporte”.³³² E, de modo que as fronteiras entre sagrado e profano não estão mais definidas com exatidão, é necessário repensar em todas as áreas do conhecimento o paradigma epistemológico que afirma ser o fenômeno religioso centrado nas instituições religiosas.³³³ Particularmente no Ocidente, deve ser revisto o princípio epistemológico que transforma a igreja cristã em parâmetro para todo o fenômeno religioso.³³⁴

Novos paradigmas são necessários para a investigação deste fenômeno. Paul Tillich, uma das principais referências teológicas no debate entre religião e cultura do século XX, apresentou alguns direcionamentos importantes. No prefácio de sua obra *Teologia da Cultura*, Tillich indicara que as suas reflexões e preocupações teológicas buscaram “definir a maneira como cristianismo relaciona-se com a cultura secular”.³³⁵

Por isso, ele concebeu a religião como algo que perpassa todas as dimensões da existência humana,³³⁶ num exercício de fazer perguntas e buscar repostas que confirmam significado à vida humana. Assim, a “linguagem religiosa exprime referência à realidade

³²⁸ LUCKMANN, 2014, p. 73-89.

³²⁹ ALVES, Rubem. *O que é religião?* 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 103.

³³⁰ MOREIRA, 2008, p. 23.

³³¹ ALVES, 2007, p. 39-41.

³³² ARMSTRONG, 2005, p. 13.

³³³ MCGUIRE, Meredith B. *Lived Religion: Faith and Practice in Everyday Life*. Oxford: University Press, 2008. p. 20-28; TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 81-84.

³³⁴ LUCKMANN, 2014, p. 43-48.

³³⁵ TILLICH, 2009, p. 33.

³³⁶ TILLICH, 2009, p. 39-46.

última”.³³⁷ Tillich definiu religião segundo um conceito mais amplo, onde ela “significa preocupação suprema com aquilo que nos preocupa em última análise”.³³⁸ Ainda que de certo modo restrito ao cristianismo, ele apresentou reflexões possíveis para perceber a amplitude do fenômeno religioso.

Alves sugere semelhante caminho na medida em que argumenta que “o esforço para pensar a realidade toda a partir da exigência de que a vida faça sentido”³³⁹ é o que define todas as religiões. Inclusive considerando que símbolos religiosos secularizados também possuem a potencialidade de responder perguntas referentes às questões sobre o sentido da vida e da morte, pois novas roupagens linguísticas travestiram o que antes era religioso.³⁴⁰

As percepções de Gabatz também são importantes no que tange à percepção de uma mudança de paradigma. Ela ocorre em “substituir a atenção voltada para as identidades, pela atenção voltada para os processos de identidade”.³⁴¹ Com o surgimento de novas formas de crer, houve uma flexibilização da formação da identidade, que passou a ser mais volátil e menos permanente, dando ao indivíduo a tarefa de reinventá-la cotidianamente.³⁴² Em conjunto com a perspectiva de Gabatz, Smith acrescenta a tarefa e o desafio de compreender e conviver com uma pluralidade de sentidos, considerando que cada indivíduo fará escolhas em um mercado religioso que aumenta exponencialmente.³⁴³ Pode-se acrescentar a proposta de Sanchis ao sugerir que “o papel das instituições religiosas pode ser fundamental no equacionamento pacífico do questionamento contemporâneo das identidades”.³⁴⁴

A procura por novos termos que englobem as novas demandas epistemológicas a respeito do fenômeno religioso tende a considerar o termo “espiritualidade” como uma possibilidade para tal tarefa. E ainda que não seja possível substituir os conceitos de religião e religiosidade por espiritualidade, como observa Streib,³⁴⁵ é um termo que mantém certa abertura para a possibilidade de viver várias experiências religiosas sem necessariamente manter uma relação direta com uma instituição religiosa.³⁴⁶

³³⁷ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 89.

³³⁸ TILLICH, 2009, p. 81.

³³⁹ ALVES, 2013, p. 9.

³⁴⁰ ALVES, 2013, p. 10-13.

³⁴¹ GABATZ, 2017, p. 406.

³⁴² GABATZ, 2017, p. 405-410.

³⁴³ SMITH, 2006, p. 21.

³⁴⁴ SANCHIS, 1995, p. 120.

³⁴⁵ STREIB, Heinz. More Spiritual than Religious: Changes in the Religious Field Require New Approaches. *In*: STREIB, Heinz; DINTER, Astrid; SÖDERBLOM, Kerstin (ed.). *Lived Religion: Conceptual, Empirical and Practical-Theological Approaches Essays in Honor of Hans-Günter Heimbrock*. Leiden and Boston: Brill, 2008. p. 53-55.

³⁴⁶ STREIB, 2008, p. 64-65.

Apostolides é mais receptiva em relação ao termo e o define como uma ânsia profunda do ser humano na busca por significar a sua vida, o que pode ser encontrado nas práticas religiosas. Porém também é possível encontrá-la na vida cotidiana através da leitura de um livro ou ao ato de assistir um filme. As questões últimas, que definem o cerne da espiritualidade, podem ser respondidas por esta “religião vivida”, a qual não está limitada aos limites religiosos institucionais. E isto é uma das principais marcas da espiritualidade em um contexto secular.³⁴⁷

Diante das observações e argumentações registradas nos tópicos anteriores, torna-se indispensável incorporar tal debate e seus desdobramentos específicos no campo teológico, o que é proposto pela religião vivida junto à teologia prática.

3.1.3 Religião vivida: ampliando os horizontes da teologia prática

A religião vivida, teologia vivida ou ainda religião vivenciada, observa o fenômeno religioso para além das delimitações institucionais. Ela investiga aquilo que fascina, que faz o ser humano se sentir em “casa” nas experiências do cotidiano, ainda que não sejam reconhecidas como religiosas. Trata-se de observar, primeiramente, qual a prática religiosa de cada pessoa e grupo segundo os parâmetros epistemológicos a respeito da religião acima desenvolvidos.

Ainda que a Idade Média seja vista como um bloco religioso homogêneo, centrado no cristianismo, já existia uma diversidade de expressões religiosas.³⁴⁸ A modernidade e a secularização destituíram o cristianismo do posto de autoridade máxima na gerência e organização do sistema simbólico-religioso que permite a constituição do sentido para a vida e da formação e socialização de valores.³⁴⁹

“Religião vivida, portanto, passa a ser para a teologia prática ao mesmo tempo uma hermenêutica, uma chave de leitura do contexto, mas também um fenômeno de manifestação do religioso e da religião de maneira mais ampla”.³⁵⁰ Ainda que a reflexão sobre ela se originou no contexto europeu, no mesmo período já havia produção acadêmica brasileira no âmbito teológico e em outras áreas que se preocupava com o debate a respeito da interação entre religião e cultura.³⁵¹

³⁴⁷ APOSTOLIDES, Anastasia. The sacralisation of popular culture as adolescent lived spirituality. *Stellenbosh Theological Journal*, Stellenbosh, v. 3, n. 1, p. 13-27. 2017. p. 13-14.

³⁴⁸ MCGUIRE, 2008, p. 25-26.

³⁴⁹ ADAM, 2019, p. 317-320.

³⁵⁰ ADAM, 2019, p. 312.

³⁵¹ ADAM, 2019, p. 312-313.

A religião vivida estimula o exercício teológico a ser rastreado dos caminhos de transcendência nas experiências cotidianas.³⁵² Ela é uma forma “de olhar e interpretar a teologia prática a partir daquilo que as pessoas vivenciam, percebem e expressam como sendo religião e teologia”.³⁵³ Dito de outra forma, ela “significa uma mudança de foco – das formas e práticas de fé institucionalizadas para um foco mais preciso de atenção na religiosidade das pessoas, de indivíduos e grupos inseridos nos contextos dos mundos-de-vida e das biografias”.³⁵⁴ E este é o desafio da religião vivida para a teologia prática, a saber, não ser apenas o “estudo da prática da Igreja, mas como mapeamento e interpretação da religião vivenciada”.³⁵⁵

GANZEVOORT e ROELAND declaram que a teologia prática tende a permanecer atenta apenas aos movimentos e às características da religião institucional.³⁵⁶ Além disso, Ganzevoort acrescenta que os conceitos clássicos de *religião* e *religioso* não exprimem a dinamicidade e amplitude do fenômeno religioso nos âmbitos da cultura além dos espaços religiosos institucionais.³⁵⁷ Por isso, Ganzevoort apresenta um conceito de transcendência que se refere a um “processo de transcendimento das fronteiras de nossa existência humana”³⁵⁸, de modo que ela não pode ser reduzida a algum Ser ou Realidade para além do mundo cotidiano.

Assim, a religião vivida permite ampliar os limites do conceito de religião, que não pode ser identificada exclusivamente com a igreja, mas também como questionamento da perspectiva da secularização na qual a sociedade se tornaria cada vez menos religiosa. É perceber que há uma “religião invisível” como pontuou Thomas Luckmann.³⁵⁹ Por estes caminhos, apresenta-se o seguinte conceito de religião: “todo o exercício humano de transcender e transpor os limites

³⁵² APOSTOLIDES, 2014a, p. 25-30; WEYEL, Birgit. Practical Theology as a Hermeneutical Science of Lived Religion. *International Journal Practical Theology*, v. 18, n. 1, p. 150-159, 2014. p. 153-155; ADAM, Júlio César. Religião vivida na mídia como subsídio para o Ensino Religioso. In: BRANDENBURG, Laude E.; KLEIN, Remí; REBLIN, Iuri A.; STRECK, Gisela I. W. (Orgs.). *Ensino Religioso e Docência e(m) formação*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 79-83; STREIB, 2008, p. 53-55; APOSTOLIDES, 2017, p. 17; GANZEVOORT, Ruard. Molduras para os deuses: o significado público da religião de um ponto de vista cultural. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 358-375, jul./dez. 2016. p. 373-374.

³⁵³ ADAM, Júlio César. Teologia em movimento: perspectivas da teologia prática como hermenêutica da religião vivida a partir do cinema brasileiro. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 21, n.1, p. 114-128, jan./jun. 2018. p. 115.

³⁵⁴ Tradução nossa: “signifies a shift of focus—from the institutionalized forms of beliefs and practices to a more precise focus of attention on the religiosity of the people, of individuals and groups as embedded in the contexts of life-worlds and biographies”. STREIB, 2008, p. 53.

³⁵⁵ ADAM, Júlio César. Deuses e liturgias nas mídias: a teologia prática como rastreamento da religião vivenciada. In: GROSS, Eduardo; OLIVEIRA, Kathlen L. de; SCHAPER, Valério G., WESTHLLE, Vítor (Orgs.). *Deuses e Ciências Na América Latina*. São Leopoldo: Oikos; EST, 2012. p. 178.

³⁵⁶ GANZEVOORT, Ruard; ROELAND, Johan H. Lived religion: the praxis of practical theology. *International Journal of Practical Theology*, v. 18, n. 1, p. 91-101, 2014. p. 4.

³⁵⁷ GANZEVOORT, 2016, p. 359-360.

³⁵⁸ GANZEVOORT, 2016, p. 361.

³⁵⁹ WEYEL, 2014, p. 153-155; ADAM, 2019, p. 317-320; GANZEVOORT; ROELAND, 2014, p. 6.

do tempo e do espaço, através da imaginação, na busca de sentido, de valor, de contato, de esperança, para que a vida seja suportável e viável”.³⁶⁰

Observa-se o que acontece nos entrelaçamentos do sagrado e profano haja vista que, na contemporaneidade, as fronteiras entre ambos estão diluídas, de modo que a experiência religiosa não está determinada por nenhuma instituição religiosa ou poder religioso.³⁶¹ Uma das consequências é a dificuldade e a impossibilidade de distinguir com certeza o que é sagrado e o que é profano.³⁶² Não se trata de eliminar ou desconsiderar a normatividade e as apreensões dogmáticas religiosas, mas indicar a amplitude do fenômeno religioso e assumir que este está em uma simbiose intensa, impossível de ser dominado por alguém ou alguma instituição.³⁶³

McGuire aponta que as experiências religiosas individuais na era moderna não são fixas e determinadas exclusivamente por um viés religioso institucional. A identidade religiosa sofre mudanças constantemente e é influenciada por sistemas simbólicos religiosos institucionalizados ou por outros sistemas de significado e de valor em níveis "seculares" da sociedade.³⁶⁴ A religião como experiência vivida no cotidiano não é, necessariamente, coerente com a fé institucionalizada. Sua coerência está em fazer sentido na vida.³⁶⁵ Adam acresce à perspectiva de McGuire algumas características que constituem a religião vivida: há uma vivência estética que prioriza as emoções e as experiências, sendo melhor quanto mais intensa for; e a imaginação é a ferramenta de conexão com a realidade e aquilo que ainda não se concretizou, permitindo o relacionamento com outros espaços e tempos, isto é, com a transcendência.³⁶⁶

O Sagrado, aqui compreendido como “um centro ao redor do qual nossa vida gravita, bem como uma presença que evoca reverência e paixão”,³⁶⁷ está difuso e assume, inclusive, roupagens seculares.³⁶⁸ Das consequências desta reorganização no espaço epistemológico a respeito da religião, da teologia, da religiosidade e da espiritualidade, pode-se indicar que “as

³⁶⁰ ADAM, Júlio César. A Bíblia, o Livro de Eli e a religiosidade vivida: o mapeamento do religioso a partir da mídia e do cinema como tarefa teológica. In: REIMER, Ivoni Richter; REIMER, Haroldo (Orgs.). *Perspectivas: interpretação e recepção de textos bíblicos*. São Leopoldo: Oikos, 2013. p. 131.

³⁶¹ ADAM, 2013, p. 131-133.

³⁶² ADAM, Júlio César. Religião e culto em 3D: o filme Avatar como Vivência religiosa e as implicações disso para a teologia prática. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 50, n. 1, p. 102-115, jan./jul. 2010. p. 103-106.

³⁶³ ADAM, 2018, p. 115-119; MCGUIRE, 2008, p. 12-15.

³⁶⁴ MCGUIRE, 2008, p. 12.

³⁶⁵ MCGUIRE, 2008, p. 12-15.

³⁶⁶ ADAM, 2012, p. 190.

³⁶⁷ ADAM, 2018, p. 119.

³⁶⁸ ADAM, 2013, p. 79-83; APOSTOLIDES, 2017, p. 16.

crenças, atitudes e condutas religiosas”³⁶⁹ se transformaram em alternativas numa imensa constelação de ofertas, tanto do meio religioso institucional quanto do espaço secular.³⁷⁰

A cultura pop, por exemplo, é uma dimensão secular que alimenta o sistema simbólico-religioso de muitas pessoas.³⁷¹ Ela está articulada “na literatura, nos super-heróis das histórias em quadrinhos, na moda e em tenências de comportamento, na música, no *marketing*, nos *sites* da internet, no cinema”.³⁷² No exercício de seu ministério pastoral em uma escola confessional no Brasil, Adam relata que a sua comunicação, principalmente com jovens entre 10 a 17 anos, aconteceu por meio da cultura pop, uma vez que havia pouco ou nenhum interesse por parte de alunos e alunas, professores e professoras, famílias e demais funcionários e funcionárias na teologia confessional e institucional.³⁷³

Entretanto, Ulrich Körtner questiona o potencial da religião vivida para a teologia. Ele argumenta que a teologia prática “estuda os processos comunicativos e formativos da fé cristã, assim como toda forma de agir na qual a fé é aplicada ou apresentada”.³⁷⁴ Deste modo, para Körtner, a religião “vivenciada” se contrapõe, parcialmente, “a uma teologia da palavra e da autorrevelação de Deus”.³⁷⁵ Ela tem o *sentido de vida* como principal categoria de análise e, por meio dela, a “teologia prática [...] não deve orientar-se por conceitos dogmáticamente normativos como a fé, igreja e religião, mas deve assumir como seu ponto de partida uma descrição empírica de práticas de vida e fenômenos religiosos”.³⁷⁶

Körtner indica dois principais problemas na religião vivida: o primeiro está na decisão de cada indivíduo no que tange à escolha para compor seu sistema simbólico de sentido. O outro problema está na diluição e ausência do significado de transcendência.³⁷⁷ Körtner identifica certa ameaça na religião vivida para a normatividade do compêndio dogmático teológico e do caráter transcendental de Deus, prevendo que, ao validar toda experiência religiosa como correta, enfrenta-se o “perigo” da relativização total.

Todavia, é justamente sobre este reducionismo teológico que a religião vivida atua, indicando que, ainda que os sistemas simbólicos religiosos institucionais sejam bem estruturados, as experiências cotidianas humanas revelam uma lógica muito mais ambígua.

³⁶⁹ GANZEVOORT, 2016, p. 361.

³⁷⁰ GANZEVOORT, 2016, p. 360-361; ADAM, 2019, p. 317-320.

³⁷¹ GANZEVOORT, 2016, p. 359.

³⁷² ADAM, 2013, p. 80.

³⁷³ ADAM, 2019, p. 313-314.

³⁷⁴ KÖRTNER, Ulrich H. J. *Introdução à hermenêutica teológica*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009. p. 202.

³⁷⁵ KÖRTNER, 2009, p. 214.

³⁷⁶ KÖRTNER, 2009, p. 217-221.

³⁷⁷ KÖRTNER, 2009, p. 214.

A religião vivida amplia a articulação teológica junto a outras áreas do saber, de modo que seja possível dialogar com outras pessoas e grupos, fora e dentro do cristianismo, proporcionando uma renovação da comunicação e partilhando a carga simbólica do próprio cristianismo. Assim, nesta pesquisa, tal experiência será articulada a partir da série *Harry Potter* como uma possível fonte de significado com potencial para formar adolescentes, auxiliando eles e elas na resolução dos seus dilemas cotidianos, na formação de sentido, na partilha de valores e na socialização.

3.2 DE HOGWARTS PARA O MUNDO: A SÉRIE *HARRY POTTER*

3.2.1 Enredo

Num mundo onde bruxos, bruxas e outras criaturas mágicas convivem com pessoas trouxas,³⁷⁸ uma longa jornada é narrada. A história começa no subúrbio de Londres, quando Harry Potter, então um bebê de quase um ano, é deixado na porta de seu tio Válder Dursley, sua tia Petúnia Dursley e seu primo Duda Dursley pelo professor Alvo Dumbledore, pela professora Minerva McGonagall e por Rúbeo Hagrid. Harry é entregue aos cuidados desta família após Lorde Voldemort, então o bruxo das trevas mais poderoso, assassinar seu pai, Tiago Potter, e sua mãe, Lílian Potter, e tentar realizar o mesmo feito com ele. Por algum motivo desconhecido, Harry não foi morto e Voldemort desapareceu, o que faz com que muitas pessoas acreditassem que ele estivesse morto.³⁷⁹ Uma cicatriz em forma de raio é a lembrança deste momento, marcada na testa do garoto, conhecido por ser “o menino que sobreviveu!”³⁸⁰.

Anos se passam deste momento até que, prestes a completar 11 anos, Harry recebe inúmeras cartas da Escola de Magia e Bruxaria Hogwarts. Elas revelavam que ele era um bruxo, algo até o momento desconhecido, e que possuía uma vaga na escola para iniciar os seus estudos nas próximas semanas. É Hagrid quem começa a revelar o passado para Harry, inclusive sendo seu primeiro amigo deste “novo mundo”, auxiliando-o nos preparativos para ingressar na escola³⁸¹. Para chegar a Hogwarts, Harry segue até a estação de King’ Cross, localizada no centro de Londres, e passa por um portal mágico até a plataforma 9 e ½, vista apenas por bruxos

³⁷⁸ Denominação para uma pessoa que não é bruxo ou bruxa. Neste mundo, bruxas e bruxos estão escondidos por vários encantamentos do mundo trouxa, sendo que algumas pessoas trouxas conhecem a magia, no geral, por se casarem com bruxos ou bruxas.

³⁷⁹ ROWLING, 2015a, p. 7-18.

³⁸⁰ ROWLING, 2015a, p. 18.

³⁸¹ ROWLING, 2015a, p. 28-48.

e bruxas. Ali parte para a escola no Expresso Hogwarts onde conhece seu futuro melhor amigo Rony Weasley e sua futura melhor amiga Hermione Granger.³⁸²

Harry, Rony e Hermione são selecionados para a casa da Grifinória³⁸³ e iniciam o ano com inúmeras descobertas, tanto do passado de Harry como da própria organização e dinâmica do mundo bruxo. Também percebem que Voldemort ainda está vivo, mas com seu corpo desfigurado e enfraquecido o suficiente para o forçar a se esconder ao mesmo tempo em que tenta retomar seus poderes. Dumbledore, o diretor da escola, torna-se um grande mestre e amigo de Harry, sendo o principal responsável por auxiliar o garoto a descobrir o seu passado, a sua relação com Voldemort e buscar maneiras de derrotar o vilão. E cada livro vai representar um ano letivo repleto de novas aventuras.

No quarto ano em Hogwarts, com o auxílio de Rabicho, um dos seus servos, Voldemort consegue recuperar seus poderes e ter seu corpo restaurado. Logo em seguida, o vilão se prepara para reorganizar o seu exército de comensais da morte³⁸⁴ e de outras criaturas mágicas, como os dementadores e os gigantes.³⁸⁵ De igual modo, Dumbledore, ao saber da notícia, prepara-se para a resistência reativando a Ordem da Fênix³⁸⁶, buscando formas de deter a nova ascensão de Voldemort em direção ao domínio do mundo bruxo.

Dá-se início a Segunda Guerra Bruxa³⁸⁷ e novas aventuras acontecem nos três anos seguintes. Além do medo e dos perigos que surgem à medida que Voldemort vai se fortalecendo, o Ministério da Magia³⁸⁸ permanece incrédulo quanto ao retorno do vilão, alegando se tratar de uma propaganda falsa de Harry, um garoto “traumatizado”, e de Dumbledore, que supostamente almeja o cargo de ministro da magia. Entretanto, no livro *A Ordem da Fênix*, a verdade sobre o retorno de Voldemort é descoberta pelo mundo bruxo. No livro seguinte, *O Enigma do Príncipe*, Harry e Dumbledore descobrem o segredo mais profundo de Voldemort que o mantivera vivo até ali. O vilão dividiu sua “alma” em seis partes, ocultando-as em objetos, as chamadas Horcruxes, de modo que para derrotá-lo por completo é necessário

³⁸² ROWLING, 2015a, p. 68-85.

³⁸³ Hogwarts é uma escola-internato, por isso, as alunas e os alunos são distribuídos em quatro casas: Corvinal, Lufa-Lufa, Sonserina e Grifinória. Ambas possuem o sobrenome dos quatro fundadores da escola. Até o seu último dia ali, a casa para qual foi designado será seu lar em Hogwarts. ROWLING, 2015a, p. 86-89.

³⁸⁴ Comensais da morte é o título dado para o bruxo ou a bruxa que segue Voldemort.

³⁸⁵ ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015d. p. 465-475.

³⁸⁶ Organização criada pelo professor para lutar contra Voldemort e seu exército no primeiro momento de sua ascensão ao poder. Lílian e Tiago Potter participaram da primeira turma da Ordem. ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015e. p. 52-59.

³⁸⁷ A primeira aconteceu quando Voldemort ascendeu ao poder pela primeira vez, terminando quando foi derrotado ao tentar assassinar Harry.

³⁸⁸ O Ministério da Magia é o órgão representativo do mundo mágico que tem como principal objetivo esconder o mundo da magia dos trouxas.

destruí-las³⁸⁹.

A jornada de Harry, Rony e Hermione passa a ser caçar e destruir as Horcruxes, o que se dá no final do livro *O Enigma do Príncipe* e no livro *As Relíquias da Morte*. Entre muitos percalços, descobertas avassaladoras sobre o passado de Harry, de sua família, de Dumbledore e de Voldemort, o ápice da narrativa acontece na Batalha de Hogwarts, quando o vilão e seu exército cercam Hogwarts e atacam o grupo que ali resistia, incluindo o trio de amigos. A batalha se encerra após uma longa noite e Voldemort finalmente é morto. A paz nos mundos bruxo e trouxa começa a ser restaurada.

3.2.2 A constituição da narrativa

Conta a lenda que a história do menino bruxo nasceu numa viagem de trem entre Manchester e Londres no início dos anos 1990. Quem criava esta história e participava desta viagem mágica era Joanne Rowling, posteriormente conhecida e eternizada pelo pseudônimo J. K. Rowling.³⁹⁰ Foi o início de uma longa jornada que até hoje reúne uma comunidade global de fãs e tal história foi revelada pela própria autora anos depois.³⁹¹ Rowling iniciou a escrita da série enquanto vivia na Escócia, desempregada, divorciada e com uma filha ainda pequena.³⁹²

Seis meses depois de iniciar o processo de escrita do primeiro livro, sua mãe foi acometida por um quadro grave de esclerose múltipla vindo a falecer aos 45 anos.³⁹³ Este acontecimento mudou e definiu completamente a própria narrativa da série, porque, segundo Rowling, ela está constituída sob vários caminhos para lidar com a morte. O fracasso foi a base para a construção da sua obra mas não de forma romântica.³⁹⁴ Em entrevista para Oprah Winfrey, Rowling revelou que chorou copiosamente apenas duas vezes na vida: quando a sua

³⁸⁹ No final do último livro, Harry descobre que Voldemort criou uma sétima Horcrux acidentalmente, no momento em que ele tentou assassinar o garoto. De modo que Harry é uma Horcrux.

³⁹⁰ O nome do meio “Kathelen” (nome da sua avó paterna) e a abreviação do primeiro nome foram recomendações da editora para criar um pseudônimo com o intuito de prevenir o afastamento de meninos que, possivelmente, não leriam uma série escrita por uma mulher. ANELLI, Melissa. *Harry e seus fãs*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. p. 65; ROWLING, J. K. *Oprah e J.K. Rowling na Escócia*. Edimburgo, The Oprah Winfrey Show, 01 out. 2010. Entrevista concedida a Oprah Winfrey; FRANCISCO, Beatriz Masson. *Leitores e leitoras de Harry Potter*. 2019. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. p. 14-15.

³⁹¹ ANELLI, 2011, p. 11; ROWLING, 2010; NUNES, 2010, p. 28-30.

³⁹² FRANCISCO, 2019, p. 14-15; ANELLI, 2011, p. 59-60.

³⁹³ MALONE, Aubrey. *O universo de Harry Potter de A a Z: o guia não oficial definitivo de toda a série*. Rio de Janeiro: HaperCollins Brasil, 2016. p. 44; FRANCISCO, 2019, p. 14-15; APOSTOLIDES, Anastasia; MEYLAHN, Johann-Albrecht. *The lived theology of the Harry Potter series*. *HTS Theologiese Studies/Theological Studies*, Cidade do Cabo, v. 70, n. 1, p. 1-6, 2014c. p. 3; ROWLING, 2010.

³⁹⁴ APOSTOLIDES; MEYLAHN, 2014c, p. 3; ROWLING, 2010; NUNES, 2010, p. 28-30; FRANCISCO, 2019, p. 14-15; SANTOS, João Fernando de Castro Gonçalves dos. *Os Talismãs da Vida: Magia, Religião e Ciência na Saga de Harry Potter*. 2015. 81 f. Mestrado (Dissertação) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2015. p. 66.

mãe morreu e ao terminar o último livro da série,³⁹⁵ dois eventos que estão profundamente vinculados. É importante registrar que a primeira pessoa afetada pela obra é a própria autora, pois ela traz, a partir da sua memória, estas experiências, fontes de inspiração para a narrativa.³⁹⁶

A série começa com a publicação de *Harry Potter and the Philosopher's Stone* (Harry Potter e a Pedra Filosofal na versão brasileira) no ano de 1997 pela editora *Bloomsbury*, após o material ser rejeitado por outras doze.³⁹⁷ O principal argumento das editoras para justificar a rejeição do material era, basicamente, devido ao tamanho do livro que “tinha mais ou menos três vezes o tamanho que livros para crianças deveriam ter”,³⁹⁸ além de afirmar que os “colégios internos são para os ricos e as elites”.³⁹⁹ Sete livros⁴⁰⁰ foram publicados até o ano de 2007 e compuseram o cânone principal do universo *Harry Potter*.⁴⁰¹ Cada um deles “narra um ano da vida de Harry Potter, dos onze aos dezessete anos”.⁴⁰²

Em 2000, os três primeiros volumes da série foram traduzidos em conjunto para o português no Brasil pela editora Rocco, detentora dos direitos autorais da obra no país. Enquanto isso o mercado internacional já esperava pelo quarto volume. A repercussão internacional e as intensas estratégias de divulgação desenvolvidas pela editora brasileira logo proporcionaram uma alta recepção por parte do público brasileiro. Durante a década de 2000, os livros ficaram entre os mais vendidos no Brasil, alcançando o primeiro lugar por diversas vezes.⁴⁰³ Nelly Novais Coelho, professora de literatura infantil, foi a primeira acadêmica brasileira a receber a série positivamente.⁴⁰⁴

Mesmo que Rowling tenha admitido que a criação de *Harry Potter* foi realizada fora do círculo do sucesso que ela desencadeava, buscando escrever como ela gostaria de lê-lo e evitando que suas palavras fossem “escravas” da busca pelo sucesso,⁴⁰⁵ este foi arrebatador em pouco tempo. E apesar do desenlace da série ter estimulado a criação de inúmeros segmentos

³⁹⁵ ROWLING, 2010.

³⁹⁶ PÉREZ, José Rafael Simón. Harry Potter: uma comprensión desde lo simbólico. *Letras*, Caracas, v. 51, n. 79, p. 191-222, 2008. p. 205.

³⁹⁷ FRANCISCO, 2019, p. 14-15. NUNES, 2010, p. 28-30.

³⁹⁸ ANELLI, 2011, p. 61.

³⁹⁹ ANELLI, 2011, p. 60.

⁴⁰⁰ Os nomes dos livros, na versão brasileira, são os seguintes: *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (1997); *Harry Potter e a Câmara Secreta* (1998); *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (1999); *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (2000); *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2003); *Harry Potter e o Príncipe Mestiço* (2005); *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (2007).

⁴⁰¹ FRANCISCO, 2019, p. 15-18.

⁴⁰² FRANCISCO, 2019, p. 15.

⁴⁰³ HENRIQUES, 2015, p. 47-51; LIGNAMI, Ângela Maria de Oliveira. *J. K. Rowling: diálogo literário e cultural com Monteiro Lobato e Isabel Allende*. 2007. 221 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belo Horizonte, 2007. p. 23-28.

⁴⁰⁴ LIGNAMI, 2007, p. 39-42.

⁴⁰⁵ ANELLI, 2011, p. 11-14.

dentro da cultura pop, movimentando bilhões de dólares, *Harry Potter* foi a certo modo um fenômeno não planejado. Conforme aponta Anelli, Rowling nem mesmo tinha caneta e papel para rabiscar os primeiros contornos da série na viagem de trem. Também o mundo da literatura infantil era pouco valorizado senão quase inexistente no rol da fama de autores e autoras.⁴⁰⁶

A recepção entre crianças e adolescentes foi intensa ainda que conquistou o coração de muitas pessoas adultas.⁴⁰⁷ A série recebeu elogios pelo estímulo à leitura de crianças e jovens, além de ressignificar o contexto educacional.⁴⁰⁸ Assim como outras obras literárias, *Harry Potter* está no rol das obras que “se tornaram mais que referências literárias: tornaram-se referências culturais para além de seus próprios escritos”.⁴⁰⁹ Uma característica recente do fenômeno literário é o sucesso não apenas dos livros, mas de tudo o que estivesse ao seu redor, de modo que a autora, por exemplo, tornou-se uma celebridade além dos atores e das atrizes dos filmes.⁴¹⁰ Rowling também se tornou a mulher mais rica na Grã-Bretanha em 2003 igualando-se com a rainha. Em 2010, no momento em que Nunes escreve, ela estava em primeiro lugar no ranking da revista Forbes como autora mais rica do mundo.⁴¹¹ Rowling chegou a conquistar o pódio de primeira escritora bilionária.⁴¹²

3.2.3 Fenômeno *Harry Potter* – da Escócia para o mundo

Harry Potter se consagrou como o maior *best-seller* de todos os tempos, ainda que este não fosse o objetivo de Rowling ao iniciar o projeto de produção da série. Não apenas a coletânea de livros foi um sucesso, mas os produtos relacionados com o universo *Harry Potter* como, por exemplo, a saga cinematográfica.⁴¹³ Tornou-se a primeira série infanto-juvenil a adquirir o status de um *best-seller* para o público adulto. Um potente *marketing* se encarregou de observar e anunciar cada movimento da publicação dos livros em inglês e em inúmeras outras línguas e da conseqüente formação dos outros produtos.⁴¹⁴

⁴⁰⁶ ANELLI, 2011, p. 33-37.

⁴⁰⁷ NUNES, 2010, p. 28-30; FRANCISCO, 2019, p. 14-15; ANELLI, 2011, p. 65.

⁴⁰⁸ JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2. ed. ampl. e atual. São Paulo: Aleph, 2009. p. 237.

⁴⁰⁹ ANDRADE, Fellip Agner Trindade. *Harry Potter: a imaginação de uma comunidade*. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2017. p. 17.

⁴¹⁰ NUNES, 2010, p. 23.

⁴¹¹ NUNES, 2010, p. 28.

⁴¹² ROWLING, 2010.

⁴¹³ NUNES, 2010, p. 19-20.

⁴¹⁴ COELHO, Nelly Novaes. *O fenômeno Harry Potter e nosso tempo em mutação*. Disponível em: <https://www.hildahilst.com.br/wp-content/uploads/2016/12/Harry-Potter.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2020. p. 1-2.

Principalmente depois de 1999, de forma muito mais intensa e cada vez mais avassaladora pelo Reino Unido e pelo planeta, a série despontou como fenômeno mundial.⁴¹⁵ No lançamento do quarto livro, além da intensa presença de crianças e pessoas adultas nas livrarias para o momento, houve forte cobertura jornalística algo jamais visto para um livro infanto-juvenil.⁴¹⁶ O fenômeno *Harry Potter*, depois de ocupar semanas a lista de *best-sellers* do *The New York Times*, estimulou para que o jornal dividisse a sua lista de *best-sellers* “em bestsellers e bestsellers para crianças”,⁴¹⁷ indicando o seu impacto na completa mudança das configurações do mercado de literatura infanto-juvenil.⁴¹⁸

Ainda em 1999, o segundo e o terceiro livro foram publicados em um espaço de três meses e a partir dali ficou decidido que cada livro seguinte seria publicado em “data com hora marcada”.⁴¹⁹ Em julho de 2007, um verdadeiro “campo de batalha” foi organizado para acompanhar os momentos do lançamento do último livro, o qual foi considerado “o livro de venda mais rápida da história”.⁴²⁰ A espera pelo último livro gerou uma mobilização de várias pessoas e instituições de forma “religiosa” pelo desfecho de *Harry Potter*.⁴²¹

Ainda que os “direitos do filme tinham sido comprados em outubro de 1998 para a Warner Bros”,⁴²² o primeiro livro da série foi lançado como produto cinematográfico no ano de 2001 pela produtora. Os outros volumes da série também seguiram pelo mesmo processo até no ano de 2011 quando o último livro foi adaptado como filme.⁴²³ Na época do lançamento do último livro, o valor da bilheteria que os cinco filmes lançados acumularam até então correspondia a “um quarto dos vinte filmes de maior bilheteria em todo o mundo, em todos os tempos”.⁴²⁴ De modo que a produção dos filmes foi realizada em quase total paralelo com a publicação dos livros, muitas pessoas adentraram no universo mágico primeiro pelos filmes e

⁴¹⁵ ANELLI, 2011, p. 88-92; NUNES, 2010, p. 19; DERING, Renato de Oliveira. O ethos de Harry Potter a partir da trajetória do herói. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 168-180, 2012. p. 168-169.

⁴¹⁶ ANELLI, 2011, p. 88-92.

⁴¹⁷ ANELLI, 2011, p. 92.

⁴¹⁸ ANELLI, 2011, p. 86.

⁴¹⁹ ANELLI, 2011, p. 86. Fenômeno semelhante também se constituiu no Brasil como descreve Florêncio. FLORÊNCIO, Felipe Jailson Souza Oliveira. *Depois de todo esse tempo? Sempre: Um estudo de interações e experiências estéticas e belgas da saga Harry Potter*. 2018. 224 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. p. 33.

⁴²⁰ COSTA, Flávia Zummerle da Nóbrega; LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza. A vida organizada dos fãs de Harry Potter. *Organizações e Sociedades*, Salvador, v. 25, n. 84, p. 122-154, 2018a. p. 123.

⁴²¹ ANELLI, 2011, p. 23-31.

⁴²² ANELLI, 2011, p. 82.

⁴²³ MIKLOS, Jorge; PEREIRA, Gislene Lima. A Participação dos Conteúdos Religiosos Arcaicos nos Meios de Comunicação: Harry Potter e o Percurso do Herói. In: PENSACOM BRASIL, 6., 2019, São Paulo. *Anais da VI Conferência do Pensamento Comunicacional Brasileiro*, São Paulo: Intercom, 2019. p. 2; FLORÊNCIO, 2018, p. 33-37. O último livro foi adaptado em dois filmes.

⁴²⁴ ANELLI, 2011, p. 33.

depois por meio dos livros.⁴²⁵ Nos anos subsequentes, Rowling publicou outros livros que ampliaram o universo bruxo, como *Animais fantásticos e Onde Habitam*, *Quadribol Através dos Séculos* e *Os Contos de Beedle, o Bardo*.⁴²⁶

Vários são os motivos elencados pelos autores e pelas autoras a respeito do sucesso da série que mais do que um produto literário se tornou numa indústria.⁴²⁷ Muito da influência e rápida disseminação da série pelo mundo se deu pela força capitalista contemporânea em tornar tudo mercantilizável, o que permitiu considerar a série como um *best-seller*. Os recentes avanços tecnológicos intensificaram o processo. Assim, *Harry Potter* se consagrou como “uma franquia, com desdobramentos nos segmentos de filmografia, jogos eletrônicos e uma série de produtos da indústria de entretenimento que se mantêm ativos até os dias atuais”.⁴²⁸

Outro aspecto que corrobora o sucesso da série é a disseminação da internet. No final da década de 1990 e início dos anos 2000, no mesmo período do lançamento dos primeiros livros da série, a internet se alastrava pelo mundo em alta velocidade. Junto à ascensão dos livros, sites com conteúdo da série estavam surgindo. “À medida que se tornou mais fácil navegar e se comunicar via internet, através de páginas rudimentares, adolescentes precoces aprenderam como criar aquelas páginas rudimentares e colocá-las online”.⁴²⁹ De jogos até especulações sobre os novos livros, os e as fãs forjavam uma imensa teia de conteúdo que envolvia a série para além dos trâmites da autora e das empresas oficiais responsáveis pelo mundo bruxo.⁴³⁰

A internet tanto facilitou a interação entre fãs da série como facilitou que crianças mantivessem uma relação próxima com ela mesmo quando se tornaram pessoas adultas.⁴³¹ “O desempenho de Harry Potter foi impulsionado por ter sido uma das primeiras sagas a crescer junto com a geração de fãs que acompanhou o desenvolvimento da *Internet*”.⁴³² Como exemplo disso, está o canal *Pottermore* lançado em 2012 em parceria com a *Warner Bros*. Isto possibilitou que a escritora pudesse manter uma forma de contato com os e as fãs e certa continuação da história, inclusive publicando conteúdos inéditos sobre o universo bruxo. Outros materiais e serviços são ofertados no espaço.⁴³³

⁴²⁵ NUNES, 2010, p. 22.

⁴²⁶ FLORÊNCIO, 2018, p. 33-37; NUNES, 2010, p. 23.

⁴²⁷ MALONE, 2016, p. 94; ANDRADE, 2017, p. 23-26.

⁴²⁸ HENRIQUES, 2015, p. 40; DERING, 2012, p. 168-169.

⁴²⁹ ANELLI, 2011, p. 109.

⁴³⁰ ANELLI, 2011, p. 107-111.

⁴³¹ FLORÊNCIO, 2018, p. 41.

⁴³² FLORÊNCIO, 2018, p. 41.

⁴³³ ANDRADE, 2017, p. 62-65; FLORÊNCIO, 2018, p. 33-37; APOSTOLIDES, 2014a, p. 194-197. Em 2019, a plataforma sofreu uma profunda reconfiguração, inclusive deixando de ser chamada *Pottermore* para *Wizarding World*. Tal mudança se deu, principalmente, pelo lançamento dos livros e dos filmes referentes da

Outra justificativa para o sucesso está na cultura da convergência como expõe Henry Jenkins. Trata-se de um fenômeno que identifica um alto fluxo interativo entre quem produz e quem consome qualquer forma de entretenimento junto aos diversos meios de comunicação.⁴³⁴ Por meio dele, um produto é distribuído por meio de várias mídias e esta interação “depende fortemente da participação ativa dos consumidores”⁴³⁵. O relacionamento entre quem produz e quem consome está altamente imbricado e seus desdobramentos ainda são incertos. “A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros”.⁴³⁶ O consumo se torna um processo coletivo. As pessoas consumidoras não são apenas receptáculos dos produtos comercializados pelo mercado, mas se tornam “produtoras” deles.⁴³⁷

Se os antigos consumidores eram tidos como passivos, os novos consumidores são ativos. Se os antigos consumidores eram previsíveis e ficavam onde mandavam que ficassem, os novos consumidores são migratórios, demonstrando uma declinante lealdade a redes ou meios de comunicação. Se os antigos consumidores eram indivíduos isolados, os novos consumidores são mais conectados socialmente. Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos.⁴³⁸

Assim nasce o fã. Ele é um personagem que surge da confluência da indústria midiática e do entretenimento, especialmente na segunda metade do século XX em diante, e do surgimento das novas tecnologias digitais nos últimos anos. As comunidades de fãs, denominadas *fandoms*, correspondem ao núcleo do fenômeno contemporâneo de consumo e por meio das quais as identidades são gestadas, onde o *fandom* é “o repositório dos valores e vínculos que subsidiam esse suporte”.⁴³⁹ Importante ressaltar que estas comunidades não possuem fronteiras e esboçam as configurações da globalização.⁴⁴⁰

série Animais Fantásticos, um segmento dentro do universo mágico. WIZARDING WORLD. Disponível em: <https://www.wizardingworld.com/>. Acesso em 25 maio 2021.

⁴³⁴ JENKINS, 2009, p. 29-30.

⁴³⁵ JENKINS, 2009, p. 29

⁴³⁶ JENKINS, 2009, p. 30.

⁴³⁷ CASTRO, Gisela G. S. Screenagers: entretenimento, comunicação e consumo na cultura digital. In: BARBOSA, Livia. (Org.). *Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina/Universidade, 2012. p. 67-68.

⁴³⁸ JENKINS, 2009, p. 47.

⁴³⁹ LEÃO, André Luiz Maranhão de; COSTA, Flávia Zimmerle da Nóbrega. Agenciados pelo desejo: o consumo produtivo dos potterheads. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 74-86, jan./fev. 2018b. p. 83.

⁴⁴⁰ LEÃO; COSTA, 2018b, p. 76-78.

Percebe-se que a movimentação dos e das fãs está guiada, basicamente, pelo consumo e dentro do espaço oferecido pelas novas tecnologias e pelo meio digital.⁴⁴¹ A cultura midiática possibilita que o código do consumo seja exercitado através de “marcas produtos e serviços nas diversas experiências da vida”.⁴⁴² Surgem, neste cenário, os *screenagers*, nome atribuído por Castro aos e às adolescentes que, ao mesmo tempo são pessoas receptoras e produtoras dos “produtos” dispostos no mercado.⁴⁴³ O e a *screenager* é aquele e aquela adolescente que estão imersos dentro do fenômeno da onipresença das telas de inúmeros produtos tecnológicos como computadores e celulares.⁴⁴⁴ Sem dúvida, *Harry Potter* também se constituiu como um fenômeno por ser adaptado a várias mídias, um processo que teve a sua gênese praticamente ao mesmo tempo do lançamento dos livros.⁴⁴⁵

A comunidade formada pelas pessoas fãs de *Harry Potter* não está agregada em torno de uma tradição transmitida pela família ou por alguma questão sociopolítica, mas por compartilhar “uma leitura comum, gostos, interesses, sentimentos e conhecimentos comuns”.⁴⁴⁶ Esta comunidade “virtual” foi a principal responsável pelo estreitamento e pela manutenção de laços afetivos em torno da série principalmente entre adolescentes.⁴⁴⁷ Tal possibilidade não apenas conectou fãs distantes no globo, mas permitiu que estes e estas pudesse ser coautores e coautoras do próprio universo *Harry Potter*.⁴⁴⁸

Os e as *potterheads*⁴⁴⁹ são fãs formados e formadas⁴⁵⁰

numa sociedade constituída simbolicamente pela comunicação; usam de modo intenso e ágil os dispositivos tecnológicos para ter acesso imediato a conteúdos, informações e interatividade. Tais experiências com as plataformas móveis possibilitam a esses jovens a construção de identidade e da própria realidade.⁴⁵¹

Harry Potter é um “representante exemplar do cenário da globalização das estruturas socioeconômicas, convergência de mídias, imbricamento identitário e cultural”.⁴⁵² A série

⁴⁴¹ COSTA; LEÃO, 2018a, p. 123-124; VENANCIO, Milena de Azeredo Pacheco; FARBIARZ, Alexandre. Do prazer ao pensamento crítico em *Harry Potter*. *Comunicação e educação*, ano 22, n. 2, p. 77-84, jul./dez. 2017. p. 77-78; ANDRADE, 2017, p. 23-26; FLORÊNCIO, 2018, p. 45-50.

⁴⁴² CASTRO, 2012, p. 61.

⁴⁴³ CASTRO, 2012, p. 61-62.

⁴⁴⁴ CASTRO, 2012, p. 65-67.

⁴⁴⁵ NUNES, 2010, p. 31-33; APOSTOLIDES, 2014a, p. 7.

⁴⁴⁶ ANDRADE, 2017, p. 58-62; COSTA; COSTA, 2018, p. 58.

⁴⁴⁷ CORVAL, Camilla Almeida Cruzal da Silva. *Tradição e inovação: uma análise da popularidade das fanfictions de Harry Potter*. 2013. 91 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013. 91 f. p. 20.

⁴⁴⁸ ANDRADE, 2017, p. 58-62; COSTA; LEÃO, 2018b, p. 126-128.

⁴⁴⁹ Título que se refere aos e às fãs da série.

⁴⁵⁰ COSTA; LEÃO, 2018a, p. 123-124.

⁴⁵¹ COSTA; LEÃO, 2018a, p. 137.

⁴⁵² HENRIQUES, 2015, p. 23.

representou um marco neste processo, uma vez que gerou debates também na própria indústria cultural que não sabia como lidar com a produção de conteúdo por parte das pessoas fãs, tendo em vista os direitos autorais.⁴⁵³ Um dos principais conflitos envolvendo *Harry Potter* se deu com a Warner Bros. na busca pela constituição do controle dos fãs na constituição da série, argumentando que eles e elas estavam infringindo os direitos da empresa no que tange ao domínio dos produtos da série.⁴⁵⁴ “Os fãs discordam entre si sobre o grau de controle que J. K. Rowling ou a Warner Bros. deveriam ter sobre o que os consumidores fazem com *Harry Potter*”.⁴⁵⁵ Diante do avanço do mundo organizado pelos e pelas fãs, Rowling determinou juntamente com seus advogados que “nunca poderia ser feito dinheiro e nunca ter material de conteúdo pornográfico”⁴⁵⁶ vinculado à série fora dos domínios autorais.

O sucesso também foi estimulado por meio da identificação dos leitores e das leitoras com as narrativas.⁴⁵⁷ A magia e o mundo mágico estão próximos do mundo trouxa que é, afinal, o mundo cotidiano de todas as pessoas leitoras.⁴⁵⁸

A empatia causada pelo fato de os personagens e a estrutura narrativa amadurecerem à medida que os livros e filmes avançam, acompanhando o amadurecimento do público-alvo, favorece a identificação, além de a narrativa se passar em ambiente escolar.⁴⁵⁹

A pluralidade dos arquétipos exemplificados pela influência das mitologias greco-romana, egípcia, celta, judaico-cristã, principalmente,⁴⁶⁰ também são responsáveis pela intensa receptividade por vários públicos com idades, nacionalidades e culturas diferentes.⁴⁶¹ Ademais, através dos espaços criados pelo gênero da fantasia, é possível “produzir um lugar seguro em que o leitor pode experimentar outras identidades e encenar outros diferentes cenários (reimaginando suas vidas)”.⁴⁶²

A fantasia apresenta ao leitor que certas questões possuem muitas respostas, diferente da estória sagrada dominante que dá ou permite apenas uma resposta. A fantasia

⁴⁵³ HENRIQUES, 2015, p. 37-41.

⁴⁵⁴ JENKINS, 2009, p. 236.

⁴⁵⁵ JENKINS, 2009, p. 237.

⁴⁵⁶ ANELLI, 2011, p. 234.

⁴⁵⁷ VENANCIO; FARBIARZ, 2012, p. 169.

⁴⁵⁸ MENDES, Paula Viana. *Por que não magia? A sedução contemporânea pelo mundo mágico de Harry Potter*. São Paulo: Annablume, 2008. p. 72-78.

⁴⁵⁹ VENANCIO; FARBIARZ, 2017, p. 78.

⁴⁶⁰ COLBERT, David. *O mundo mágico de Harry Potter: mitos, lendas e histórias fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001. p. 13-23; SMADJA, Isabelle. *Harry Potter: as razões do sucesso*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004. p. 40.

⁴⁶¹ NUNES, 2010, p. 41-43; FLORÊNCIO, 2018, p. 32-33.

⁴⁶² Tradução nossa: “producing a safe place where in the reader can try on other identities and play out different life scenarios (re-imagining their lives)”. APOSTOLIDES; MEYLAHN, 2014c, p. 4.

também apresenta ao leitor que há respostas alternativas e formas de existir e que as respostas podem mudar ao longo do tempo da vida para a mesma questão à medida que evoluímos como pessoas, absorvendo diferentes narrativas.⁴⁶³

O mundo fantástico de *Harry Potter* inseriu dilemas comuns da infância e da adolescência.⁴⁶⁴ Tornou-se, deste modo, um “rito de passagem” para a vida adulta, constituído de uma narrativa de fácil identificação, com linguagem pouco rebuscada e próxima à linguagem cinematográfica, propensa a clichês e permeada de temas e experiências que são comuns não apenas para pessoas jovens, mas para qualquer ser humano.⁴⁶⁵ “Rowling não era apenas uma hábil contadora de histórias, mas era também uma talentosa tecelã de perspectivas profundas sobre algumas das coisas que mais importam em nossas vidas”.⁴⁶⁶ Como observa Morris, o sucesso da série atraiu também a atenção da pesquisa acadêmica já em 2004 com a publicação da *Harry Potter e a Filosofia: Se Aristóteles Dirigisse Hogwarts*.⁴⁶⁷ Tal incursão acadêmica também é relatada por Bastos e Pinheiro.⁴⁶⁸

As críticas e tensões se desenvolvem em ritmo semelhante ao seu sucesso,⁴⁶⁹ principalmente em três direções: por meio da crítica literária, dos grupos religiosos conservadores e da Warner Bros. e da autora. Em relação às críticas literárias, registra-se, especialmente, o crítico estadunidense Harold Bloom, “que apontou a prevalência de clichês no trabalho de Rowling e questionou seu valor cultural”,⁴⁷⁰ e da escritora ítalo-brasileira Marina Colasanti, a qual “ressaltou a atenção dada a publicações internacionais revestidas de grande aparato publicitário em detrimento do lançamento de autores brasileiros”,⁴⁷¹ ainda que ela tenha destacado aspectos positivos da obra. Estas e outras críticas compõem o universo das pessoas que questionam o fenômeno *best-seller*, indicando este como um produto apenas para o

⁴⁶³ Tradução nossa: “Fantasy shows the reader that certain questions have many answers, unlike the dominant sacred story that gives or allows for only one answer. Fantasy also shows the reader that there are alternative answers and ways of existing and that the answers can change over the course of a lifetime to the same question as we evolve as people, taking in different narratives”. APOSTOLIDES; MEYLAHN, 2014c, p. 4.

⁴⁶⁴ FLORÊNCIO, 2018, p. 32-33.

⁴⁶⁵ NUNES, 2010, p. 31-33; VALIM, Julio Pancrácio. *Mito, Arte e Educação: o imaginário em Harry Potter*. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. p. 91; SANTOS, 2015, p. 15; FRANCISCO, 2019, p. 39-40.

⁴⁶⁶ IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011. p. 10.

⁴⁶⁷ IRWIN, 2011, p. 9-11.

⁴⁶⁸ BASTOS, Glória; PINHEIRO, Maria da Glória Nogueira. Entre a realidade e a ficção: percepções sobre o universo de Harry Potter. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM ESTUDOS DE CRIANÇA – INFÂNCIAS POSSÍVEIS, MUNDOS REAIS, 1., 2008, Braga. *Anais do 1º Congresso Internacional em Estudos da Criança - Infâncias Possíveis, Mundos Reais*. Braga: Universidade do Minho, 2008. p. 1-2.

⁴⁶⁹ COELHO, 2020, p. 1-2.

⁴⁷⁰ HENRIQUES, 2015, p. 52.

⁴⁷¹ HENRIQUES, 2015, p. 52.

entretenimento, sem conteúdo e feito para manter a máquina do consumo.⁴⁷²

3.2.4 Relacionamento com grupos religiosos

A recepção da série nos grupos religiosos foi intensa. De um lado, a série foi bem acolhida por alguns grupos e muitas pessoas,⁴⁷³ tendo como representantes cristãs, por exemplo, Anastasia Apostolides, Vandana Saxena e Connie Neal.

Anastasia argumenta que *Harry Potter* se constituiu como uma narrativa essencial para muitas crianças e adolescentes na construção de suas identidades e espiritualidades. Por meio da aproximação e identificação com a narrativa é possível estabelecer um confronto entre eles e elas com os relances da narrativa cristã e de seus valores na série. “A narrativa da série, entremeada de vislumbres do ethos do discurso cristão, está, portanto, em linha com os valores normativos dos Evangelhos”.⁴⁷⁴ Ainda que Rowling não tenha desenvolvido uma narrativa apologética cristã, ela utilizou o sistema simbólico judaico-cristão para constituir *Harry Potter*.

A identificação por parte dos e das adolescentes é facilitada, por exemplo, pelos personagens principais que também viveram as suas adolescências na série.⁴⁷⁵ “Assim, embora sejam semelhantes às crianças ocidentais, Harry, Rony e Hermione demonstram uma existência alternativa, desafiando a existência ocidental dominante, a qual valoriza mais o que seus amigos possuem, do que o valor de cada pessoa de quem são amigos”.⁴⁷⁶ De semelhante modo, Saxena ressalta a incorporação da estória salvífica cristã na narrativa da série, além desta ser uma referência para auxiliar no desenvolvimento dos e das adolescentes, principalmente.⁴⁷⁷ Em *Os Segredos Espirituais de Harry Potter*,⁴⁷⁸ Neal estabelece várias relações temáticas entre personagens, cenas e histórias que compõem a série com a teologia cristã.

Além destes três exemplos que ilustram a acolhida mais receptiva, Jenkins esclarece que muitos “grupos cristãos defenderam os livros, apresentando o conceito de ‘discernimento’ como uma alternativa ao discurso da guerra cultural”,⁴⁷⁹ ou seja, da guerra estabelecida contra

⁴⁷² HENRIQUES, 2015, p. 52-53; LIGNAMI, 2007, p. 29-39.

⁴⁷³ CORVAL, 2013, p. 28-29.

⁴⁷⁴ Tradução nossa: “The narrative of the series, threaded with glimpses of the ethos of the Christ discourse, is therefore in line with the normative values of the Gospels”. APOSTOLIDES, 2014a, p. 188-189.

⁴⁷⁵ APOSTOLIDESa, 2014, p. 7-8.

⁴⁷⁶ Tradução nossa: “Thus, while similar to Western kids, Harry, Ron and Hermione demonstrate an alternative existence, challenging the dominant Western one, which puts more value in what their friends own, rather than the value of the person with whom they are friends”. APOSTOLIDES, 2014a, p. 8.

⁴⁷⁷ SAXENA, Vandana. Growing up to Save the World: Christ and the Fantasies of Boyhood. *Exchange*, Leiden, v. 42, p. 68-85, 2013. p. 69.

⁴⁷⁸ NEAL, Connie. *Os Segredos Espirituais de Harry Potter: as lições de vida da série de maior sucesso do mundo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.

⁴⁷⁹ JENKINS, 2009, p. 275.

ou a favor da série nas escolas, bibliotecas públicas e livrarias. Uma solução oferecida por este grupo seria estimular e orientar um letramento midiático para as crianças, avaliando a cultura pop sob ótica cristã.⁴⁸⁰

Neste item cabe um destaque importante. Apesar de ser declaradamente cristã, embora não possuindo uma alta frequência na igreja, Rowling confessou após a publicação do último livro que a narrativa também foi inspirada pela narrativa cristã.⁴⁸¹ Entretanto, ela não pretendia consolidar a série como uma obra apologética cristã para promover a conversão dos leitores e das leitoras ao cristianismo.⁴⁸² Além disso, Granger e Bassham ressaltam que Rowling não admitiu a inspiração cristã antes da publicação do último livro para evitar que a história fosse tomada por uma leitura previsível.⁴⁸³ Por fim, é importante considerar que Rowling utiliza o universo simbólico do cristianismo na série, juntamente com outros sistemas simbólicos, para ressignificar o luto pela perda de sua mãe e auxiliá-la na superação da depressão experimentada decorrente desta perda.⁴⁸⁴

Por outro lado, houve uma incisiva resistência de grupos conservadores cristãos, islâmicos e judaicos. As principais acusações deste grupo se referem ao perigo a que adolescentes e crianças são expostas às possíveis influências “demoníacas” que a série ofereceria. Rowling foi acusada “de querer incitar seus leitores à criação de clubes ocultos de magia negra e a tornarem-se feiticeiros”,⁴⁸⁵ de ser anticristã, de estimular uma moral relativa e incentivar o ocultismo,⁴⁸⁶ promovendo a cultura pagã.⁴⁸⁷

A propósito, como expressão das dominantes culturais de sua época, *Harry Potter* não escapou das controvérsias relacionadas à oposição entre religiosidade e ocultismo, que, embora pouco significativas no Brasil, estiveram presentes em países como Emirados Árabes Unidos [...] e até mesmo nos Estados Unidos, com reações negativas de cristãos americanos.⁴⁸⁸

⁴⁸⁰ JENKINS, 2009, p. 275-282.

⁴⁸¹ APOSTOLIDES, Anastasia; MEYLAHN, Johann-Albrecht. The crucifixion of consumerism and power and the resurrection of a community glimpsed through Meylahn's wounded Christ in conversation with Rowling's Christ discourse in the Harry Potter series. *HTS Teologiese Studies/Theological Studies*, Cidade do Cabo, v. 70, n. 1, p. 1-7, 2014b. p. 2; ROWLING, 2010.

⁴⁸² APOSTOLIDES, 2017, p. 19.

⁴⁸³ GRANGER, John; BASSHAM, Gregory. Apenas na sua cabeça? J. K. Rowling separando a realidade da ilusão. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011. p. 177.

⁴⁸⁴ APOSTOLIDES, 2017, p. 19-20.

⁴⁸⁵ SANTOS, 2015, p. 13; JENKINS, 2009, p. 266-271; MALONE, 2016, p. 25-27.

⁴⁸⁶ LIGNAMI, 2007, p. 46; ANELLI, 2011, p. 207; SIMMONS, Leanne. The Perils of Shape Shifthing: Harry Potter and Christian Fundamentalism. *Pastoral Psychol*, v. 62, p. 53-68, 2013. p. 56.

⁴⁸⁷ CORVAL, 2013, p. 28-29; SANTOS, 2015, p. 13-14; ANDRADE, 2017, p. 19-22; SIMMONS, 2013, p. 55; ANELLI, 2011, p. 200-204.

⁴⁸⁸ HENRIQUES, 2015, p. 51.

Depois de 1999, apareceu e cresceu o número de pedidos, muitos transformados em processos no judiciário norte-americano, que insistiam para que a série fosse banida das escolas, bibliotecas e de circularem no mercado. Houve eventos de queima dos livros,⁴⁸⁹ como o incidente no Novo México, onde livros foram queimados em um evento estimulado e orientado por Jack Brock, pastor da igreja comunitária de Alamogordo em 2001.⁴⁹⁰ Outro evento semelhante aconteceu na Polônia em 2019, no qual uma fundação católica promoveu a queima de vários livros da série junto com outros materiais considerados apoloéticos à bruxaria e às “forças do mal”.⁴⁹¹

Nesta pesquisa, Richard Abanes é o principal interlocutor do cristianismo que repudia a obra e confere a ela um caráter de ameaça para a fé cristã e para a própria integridade da vida da pessoa que a lê. Segundo Abanes, a obra cultiva “práticas que fazem parte da religião contemporânea da bruxaria (por exemplo, quiromancia, astrologia, mediunidade/canalização)”.⁴⁹² O ocultismo se desdobra em práticas como a astrologia, interpretação de sonhos, satanismo, xamanismo e bruxaria. Além disso, o autor elenca uma série de formas do neopaganismo que, dentro delas, a religião Wicca é a que mais se destaca. Trata-se, na opinião dele, de um grupo formado por “bruxas” que tendem “a ser indivíduos que apreciam a paz e honram a natureza”.⁴⁹³ Em sua perspectiva, o paganismo e a bruxaria não são ramos do satanismo, mas este é um segmento do ocultismo.⁴⁹⁴

Apesar dos depoimentos de Rowling e de seus fãs, inclusive de alguns segmentos cristãos, que corroboram a ideia de que não há algum tipo de apologia à “bruxaria” e ao “ocultismo”, Abanes argumenta que “Rowling deixa de mencionar que uma grande quantidade de material ocultista que tomou emprestado das fontes históricas *ainda* desempenha um papel significativo no paganismo e na bruxaria moderna”.⁴⁹⁵

Isso se torna um problema ainda mais delicado uma vez que a onda de reavivamento de várias formas religiosas, englobada pelo conceito de “espiritualidade”, teria, na visão do autor,

⁴⁸⁹ JENKINS, 2009, p. 266-271; MALONE, 2016, p. 25-27; SANTOS, 2015, p. 13-14; ANELLI, 2011, p. 204-209.

⁴⁹⁰ MALONE, 2016, p. 118-119; ABANES, Richard. *Harry Potter, o perigo oculto do menino-bruxo: fantasia inocente ou fascinação perigosa?* Alfenas: CCC Edições, 2001. p. 29-31.

⁴⁹¹ REDAÇÃO GALILEU. Fundação católica queima livros da saga Harry Potter na Polônia. Revista Galileu, 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/04/fundacao-catolica-queima-livros-da-saga-harry-potter-na-polonia.html#:~:text=O%20evento%20aconteceu%20ap%C3%B3s%20os,por%20exemplo%2C%20promove%20a%20bruxaria.&text=A%20dos%20volumes%20de%20HP,de%20elefantes%20tamb%C3%A9m%20foram%20queimadas>. Acesso em: 17 maio 2021.

⁴⁹² ABANES, 2001, p. 129.

⁴⁹³ ABANES, 2001, p. 199.

⁴⁹⁴ ABANES, 2001, p. 192-201.

⁴⁹⁵ ABANES, 2001, p. 50.

o ocultismo como tema presente e *Harry Potter* seria o seu maior exemplo. Esta mudança no cenário religioso é uma ameaça ainda maior para crianças e jovens.⁴⁹⁶ A série seria um perigo em potencial para levar as crianças a se perguntarem sobre o ocultismo e, possivelmente, aderir-lo.⁴⁹⁷ A “indiferença doutrinal que permeia muitas denominações cristãs”⁴⁹⁸ facilitaria com que estas novas formas religiosas invadiriam o cristianismo.

As várias análises que tecem elogios às reflexões ético-morais que surgem na série são contestadas por Abanes por serem, na maior parte delas, obscuras e antibíblicas. Rowling as teria utilizado para promover de forma sutil e inconsciente as verdades da bruxaria e do ocultismo,⁴⁹⁹ pois a moralidade relativa de *Harry Potter* é semelhante à moralidade presente nos círculos que praticam a “bruxaria”. *Harry Potter* seria uma obra literária ruim e prejudicial para crianças não por ser uma obra pobre, mas por apresentar o mundo do ocultismo, ser moralmente ambígua e ter um enredo de romance “nojento”.⁵⁰⁰ “Rowling mesclou a fantasia de aparência inocente com os princípios do verdadeiro mundo ocultista”,⁵⁰¹ ainda que, segundo Abanes, não há nenhum conjunto simbólico que define claramente o que estaria ligado à bruxaria em *Harry Potter*.

As crianças se sentem identificadas pela série, principalmente, por ela permitir e até, de certo modo, estimular a constituição de mentiras, falar palavrões e piadas cruéis, além de aventuras perigosas e proibidas. Abanes alerta para a astúcia de Rowling em formar sua narrativa com identificações que as crianças e adolescentes vão gostar e que ao mesmo tempo concede certa autoridade para elas agirem conforme os seus desejos.⁵⁰²

De acordo com Abanes, Rowling soube utilizar isso na série, encantando outras crianças e deixando-as “capazes de esquecer que o que estão lendo é imaginário”.⁵⁰³ Isso se manifestaria nas inúmeras cartas de crianças à Rowling solicitando que o professor Dumbledore as admita em Hogwarts; no interesse em sites que oferecem a seleção das casas de Hogwarts; na possibilidade de comprar itens descritos na série; na participação em jogos de RPG.⁵⁰⁴ “Toda a atração pelo ocultismo se resume em poder, excitação e divertimento – representados na série um a um”.⁵⁰⁵

⁴⁹⁶ ABANES, 2001, p. 245-260.

⁴⁹⁷ ABANES, 2001, p. 208-213.

⁴⁹⁸ ABANES, 2001, p. 260.

⁴⁹⁹ ABANES, 2001, p. 60-70.

⁵⁰⁰ ABANES, 2001, p. 106.

⁵⁰¹ ABANES, 2001, p. 87.

⁵⁰² ABANES, 2001, p. 136-138.

⁵⁰³ ABANES, 2001, p. 161.

⁵⁰⁴ ABANES, 2001, p. 160-166.

⁵⁰⁵ ABANES, 2001, p. 163.

Apesar das muitas comparações positivas entre as obras de Rowling com Tolkien e Lewis,⁵⁰⁶ Abanes esclarece que “os contos fantásticos de Tolkien e Lewis se enquadram na categoria de literatura mitopoética, o que significa que os livros se passam em mundos desligados da realidade em que vivemos”.⁵⁰⁷ Segundo ele, a narrativa de *Harry Potter* se mescla com o presente das pessoas leitoras, incorpora personagens históricos reais, possui uma forma de “magia” diferente das outras obras e uma perspectiva ético-moral distorcida.⁵⁰⁸ O argumento de Abanes é identificado por Jenkins ao indicar que vários “líderes cristãos costumam sugerir que a série de C. S. Lewis é uma alternativa adequada a *Harry Potter* e *O Senhor dos Anéis*”.⁵⁰⁹

Abanes ressalta que a obra de Tolkien⁵¹⁰ está fundamentada na fé cristã do autor.⁵¹¹ Desta forma, há clareza entre o que e quem é “bom” e “mal” e, conseqüentemente, sua moralidade é bem demarcada. “Nos romances de Rowling, porém, a ambigüidade [sic] e o relativismo moral abundam, ao passo que, ao mesmo tempo, ninguém parece saber exatamente quem é bom e quem é mal”.⁵¹² Além disso, a magia retratada em *O Senhor dos Anéis* não está relacionada ao paganismo e ao ocultismo. Mas “se trata de uma habilidade natural dada apenas aos elfos”.⁵¹³ A magia também se faz presente em objetos, mas ainda são diferentes dos objetos mágicos em *Harry Potter*, pois, diferente deste, Tolkien compara os objetos com a tecnologia e a ciência.⁵¹⁴

Como apresentado acima, a recepção de *Harry Potter* possui várias abordagens dentro dos grupos religiosos. De modo que seja importante desenvolver uma reflexão em torno destes desdobramentos, principalmente a respeito das críticas que rejeitam a série acusando-a de ser uma propaganda ao ocultismo, à bruxaria, ao satanismo e ao mal. Malone, Mendes e Anelli afirmam que a autora admitiu nunca ter sido procurada por alguma criança que desejasse se tornar um bruxo ou uma bruxa, de acordo com a caricatura postulada por Abanes.⁵¹⁵

De modo geral, no caso das críticas dos grupos religiosos conservadores, os conceitos são muito limitados e tendem a não considerá-los e interpretá-los no conjunto da obra. Afinal,

⁵⁰⁶ J. R. R. Tolkien (1892-1973) escreveu as trilogias *O Senhor dos Anéis* e *O Hobbit*, enquanto C. S. Lewis (1898-1963) compôs a obra *As Crônicas de Nárnia*. Os dois, inclusive, foram amigos.

⁵⁰⁷ ABANES, 2001, p. 276.

⁵⁰⁸ ABANES, 2001, p. 276.

⁵⁰⁹ JENKINS, 2009, p. 279.

⁵¹⁰ Abanes também reconhece a obra de Tolkien, ao lado de Lewis, como obras educativas e que substituem *Harry Potter*.

⁵¹¹ Salienta-se que Abanes publicara seu livro em 2001, quando apenas quatro livros haviam sido publicados e Rowling ainda não revelara que também se inspirou na narrativa judaico-cristã. Entretanto, já seria possível identificar elementos cristãos nos primeiros livros.

⁵¹² ABANES, 2001, p. 281.

⁵¹³ ABANES, 2001, p. 282.

⁵¹⁴ ABANES, 2001, p. 281-283.

⁵¹⁵ MALONE, 2016, p. 25; ANELLI, 2011, p. 204; MENDES, 2008, p. 93.

na obra de Rowling, o conceito de magia utilizado, por exemplo, é mais do que uma manipulação técnica de algo ou alguém, mas constitui um estilo de vida⁵¹⁶ e um poder que cada pessoa tem de moldar o mundo, conforme a própria Rowling confessou na entrevista concedida a Winfrey.⁵¹⁷ A partir desta conceituação, vários desdobramentos podem ser constituídos na tentativa de compreender o que envolve a magia em *Harry Potter*.

Como primeiro exemplo, Mendes argumenta que Rowling utilizou a magia como uma crítica ao princípio epistemológico moderno de “racionalidade pura”, revisando, desta forma, a própria modernidade.⁵¹⁸ “O novo fato, introduzido pela ciência, portanto, consiste na necessidade de se provar concretamente tudo aquilo que passa a fazer parte do plano da existência”.⁵¹⁹ Aos poucos, a ciência foi relegando tudo aquilo que não fosse possível passar pelo crivo da “comprovação” como fantasia e, portanto, para a esfera da magia/religião.

Apesar da própria ciência também estar fundamentada e ter relações com a magia, ainda que de forma inconsciente, ela “esqueceu” de seu passado “mágico”.⁵²⁰ Quando nos primórdios da história humana a consciência não percebia uma distinção entre ser humano e natureza, a magia era concebida como uma técnica de manipulação daquilo que era uma extensão do eu. Tanto a magia quanto a ciência possuem o mesmo potencial, a saber, contribuir nos relacionamentos do ser humano com o seu meio.⁵²¹ A figura caricata da modernidade, junto aos ditames por vezes totalitários da lógica, é representada na série por Lorde Voldemort e seu uso irresponsável e sem limites da magia.⁵²²

Santos segue caminho interpretativo semelhante, uma vez que a “magia das trevas” é desestimulada pela própria autora, tendo em vista que a narrativa relata o combate à magia das trevas, de Voldemort e seu exército. De modo que é possível interpretar a magia como próxima à própria ciência, ou seja, pode ser uma ferramenta aplicada tanto para propósitos bons quanto para maus,⁵²³ a magia das trevas se referiria aos usos potencialmente perigosos da própria ciência.

Por meio de outra perspectiva, também é possível considerar a magia e o mundo mágico como uma crítica da autora à própria condição caricata do mundo trouxa. Rowling retrata os trouxas principalmente a partir da família Dursley. Eles exprimem ódio, medo e repugnância

⁵¹⁶ MENDES, 2008, p. 22.

⁵¹⁷ ROWLING, 2010.

⁵¹⁸ MENDES, 2008, p. 86.

⁵¹⁹ MENDES, 2008, p. 78.

⁵²⁰ MENDES, 2008, p. 78-82.

⁵²¹ MENDES, 2008, p. 108.

⁵²² MENDES, 2008, p. 93-94.

⁵²³ SANTOS, 2015, p. 17-20.

de qualquer coisa relacionada ao mundo mágico, revelando a sua incompreensão sobre o mesmo.⁵²⁴ Smadja completa esta perspectiva uma vez que vê esta família trouxa como símbolo de uma sociedade pobre em mistério e com uma imaginação dominada pela técnica. A magia é um contraposto a isso, revivendo o encantamento de um mundo trouxa desencantado pelo consumo e pela tecnologia.⁵²⁵

Mendes traz outra constatação importante ao observar que a série é “um recorte de como a contemporaneidade passa a ver a magia e a bruxaria que perdem, aos poucos, sua associação com o demônio e com a irracionalidade”.⁵²⁶ Tal análise contesta as considerações de Abanes ao associar a magia ao ocultismo e, conseqüentemente, ao satanismo, ainda que ele próprio tenha identificado que não é possível estabelecer um quadro simbólico objetivo da perspectiva de bruxaria da qual ele se refere. Na série, a face sombria da magia é representada por Voldemort e seu grupo de comensais da morte, uma dimensão mágica capaz de desumanizar e prejudicar a vida de pessoas bruxas e trouxas, além das outras criaturas mágicas.⁵²⁷

Simmons alerta que não é possível identificar uma “religião” institucional na série, ainda que Rowling tenha utilizado material de vários segmentos religiosos. *Harry Potter* estaria, nesta perspectiva, muito mais próximo do processo de secularização em relação a alguma forma de “satanismo” ou “ocultismo”.⁵²⁸

Outro desdobramento da magia na série está na percepção de que o mundo mágico está intimamente associado ao mundo trouxa, haja vista, por exemplo, que há regras, reflexões éticas, punições para aqueles e aquelas que praticam magia fora dos regulamentos do Ministério da Magia e dos padrões sociais.⁵²⁹ Trouxas, bruxos e bruxas também “são humanos e enfrentam as dificuldades e os perigos do seu mundo”.⁵³⁰

Ademais, de certa forma, a magia é a representação do inconsciente coletivo humano, ou seja, do cotidiano e da vida trouxa através da personificação da mitologia e do folclore.⁵³¹ A magia é uma abstração da realidade humana capaz de tornar conhecida a sua própria existência, onde o mundo mágico é um espelho para o mundo trouxa, o mundo humano.⁵³² É possível perceber esses meandros na moldura em que a própria série está constituída, uma vez que Harry deixa o mundo trouxa para o mundo mágico no primeiro livro e, no epílogo do último livro,

⁵²⁴ MENDES, 2008, p. 96-99.

⁵²⁵ SMADJA, 2004, p. 31-39.

⁵²⁶ MENDES, 2008, p. 2.

⁵²⁷ MENDES, 2008, p. 108.

⁵²⁸ SIMMONS, 2013, p. 55.

⁵²⁹ MENDES, 2008, p. 5.

⁵³⁰ SANTOS, 2015, p. 65.

⁵³¹ MENDES, 2008, p. 105-106.

⁵³² MENDES, 2008, p. 30-32.

ele, Rony e Hermione estão na plataforma 9 e ½ para encaminharem seus filhos e suas filhas no Expresso Hogwarts.⁵³³ Agora é a vez destes e destas ingressarem no mundo mágico.

Em perspectiva etimológica, a própria palavra *wizard* vai além dos conceitos populares em que bruxos e bruxas são pessoas envolvidas com o satanismo e com as “forças do mal”. A palavra provém da união de outras duas na língua inglesa. Uma é *wise*, que denota “sabedoria, inteligência e sensatez”,⁵³⁴ enquanto a outra, *ard*, indica que aquela sabedoria é, de certa forma, “algo não forjado ou adquirido, mas uma característica própria”.⁵³⁵ Ou seja, *wizard* trata de uma pessoa sábia que tem um grande conhecimento, porém desconhece parte ou a totalidade de sua sabedoria.⁵³⁶ Deste modo, “a habilidade mágica é, na verdade, a habilidade intelectual do ser humano”.⁵³⁷

No caso da tensão entre magia e religião, mais especificamente com o cristianismo, é importante considerar que além do discurso técnico-científico ele também contribuiu no descrédito à magia, gerando, ao mesmo tempo, certo temor a ela.⁵³⁸ A magia foi compreendida como oposta à ação divina pela perspectiva cristã. Esta ideia, segundo Mendes, foi constituída a partir da interpretação do mito de Adão e Eva, no qual o casal promove o pecado quando obtém o conhecimento e conseqüentemente a possibilidade de realizar transformações que rompem com as leis divinas. Por isso, normalmente, a magia é associada ao diabo/demônio. No Ocidente o avanço do cientificismo intensificou a descaracterização da magia.⁵³⁹

Entretanto, a relação entre cristianismo e magia, para além da leitura teológica acima apresentada, foi formada por tensões na Idade Média, onde ela representava a perigosa perda do controle da igreja sobre o sistema simbólico-religioso.⁵⁴⁰ De semelhante modo, Magalhães e Portella identificam que a pesquisa acadêmica conceituou, de modo geral, a magia como um caminho de manipulação individual do sagrado, especialmente através de determinados objetos que conteriam um poder em potencial para conseguir e manipular algo mediante ritos específicos. Enquanto a religião tem um aspecto comunitário na experiência com o Sagrado.⁵⁴¹

Assim os autores corroboram com a perspectiva de Pierre Bourdieu no que tange às relações de poder e às suas tensões, onde a religião é a relação oficial e correta com o Sagrado,

⁵³³ NUNES, 2010, p. 63; ROWLING, 2015g, p. 547-551.

⁵³⁴ VALIM, 2014, p. 46.

⁵³⁵ VALIM, 2014, p. 46-46.

⁵³⁶ VALIM, 2014, p. 46-47.

⁵³⁷ PITTA, Patrícia Indiara Magero. *A Literatura Infantil no Contexto Cultural da Pós-Modernidade: o caso Harry Potter*. 2006. Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2006. p. 255.

⁵³⁸ MENDES, 2008, p. 106.

⁵³⁹ MENDES, 2008, p. 4.

⁵⁴⁰ SANTOS, 2015, p. 25-45.

⁵⁴¹ MAGALHÃES; PORTELLA, 2008, p. 90-92.

enquanto a magia representaria as outras abordagens periféricas e destituídas de poder normativo. Nesta perspectiva, torna-se um problema o limite e a interação destas duas grandezas.⁵⁴² Apesar deste embate, Santos assinala que tanto a magia quanto a religião são fundamentais na percepção de como o ser humano significa a sua vida.⁵⁴³

3.2.5 Harry Potter como rito de passagem secular contemporâneo

De acordo com o que foi exposto nos tópicos anteriores, *Harry Potter* se estabeleceu como um fenômeno contemporâneo que superou os limites do cânone literário. Estimulou a reorganização da literatura infanto-juvenil e do *marketing* a ela associado. Conquistou uma comunidade global de fãs que, em conjunto com a autora, ainda escrevem e desdobram a série em livros, filmes, blogs, vlogs, *fanfics*, *fandons* e por meio de uma gama de produtos. Alcançou a pesquisa acadêmica e cativou a atenção de muitas pessoas que perceberam no jovem bruxo e na comunidade mágica potenciais para as várias áreas do conhecimento, ainda que as críticas acompanhem em intensidade semelhante.

No caso da teologia, a recepção também já é notada logo no surgimento da série, ainda que a pesquisa acadêmica teológica no Brasil seja pequena. Entretanto, através da religião vivida, é possível considerá-la um produto cultural com grande potencial, principalmente para crianças, adolescentes e jovens adultos e conseqüentemente para o exercício do Ensino Confirmatório na IECLB. Tal objetivo, que constitui esta pesquisa, será desenvolvido considerando a série como um estímulo para a maturidade, através de seu caráter ritualístico, possibilitando a muitas pessoas encontrarem significado e valores para a sua própria vida, o que será apresentado neste tópico. Os desdobramentos desta leitura no Ensino Confirmatório serão discorridos no quarto capítulo.

No início do século XX, Arnold Van Gennep (franco-holandês) revolucionou a antropologia ao analisar os ritos de passagem, transformando sua obra em um clássico para a academia. Em sua perspectiva, esses ritos são responsáveis por realizar transições entre as dimensões do sagrado e do profano.⁵⁴⁴ Trata-se de organizar o convívio e as relações sociais na conseqüente individuação, ou seja, na formação da identidade de cada pessoa, num eterno jogo que lida com um conflito ordenado.⁵⁴⁵ Ele observou que, nas sociedades modernas, as fronteiras

⁵⁴² MAGALHÃES; PORTELLA, 2008, p. 90-92.

⁵⁴³ SANTOS, 2015, p. 25-45.

⁵⁴⁴ GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem*: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 25-28.

⁵⁴⁵ GENNEP, 1978, p. 21.

entre o sagrado e o profano não estão tão nítidas,⁵⁴⁶ o que reforça ainda mais, em sua perspectiva, a necessidade dos ritos de passagem.

Ele apresenta duas estruturas básicas que constituem os ritos e que mutuamente estão conectadas. A primeira decompõe os ritos de passagem em ritos de separação, de margem e de agregação. A segunda ele propõe “denominar *ritos preliminares* os ritos de separação do mundo anterior, *ritos liminares* os ritos executados durante o estágio de margem e ritos *pós-liminares* os ritos de agregação ao novo mundo”.⁵⁴⁷

Posteriormente, Victor Turner, antropólogo britânico do século XX, também um clássico na antropologia a despeito da ritualidade humana,⁵⁴⁸ desenvolveu a estrutura e as reflexões de Van Gennep. Da Matta enfatiza a observância do ritual em Turner como um *processo*, “não apenas como um feixe de relações lógicas ou formais”.⁵⁴⁹ Além disso, ele concedeu destaque para o tempo-espço de margem/liminaridade dos ritos, dimensão do rito que Turner intitulou de *communitas*.⁵⁵⁰

É a *communitas* que faz com que o rito seja um processo em tensão com a estrutura social. Esta tensão desvela, para Da Matta, que a “liberdade, a emoção e o procedimento verdadeiramente criativo estão, não no centro, mas nas margens”.⁵⁵¹ A arte e a religião têm enorme potencial para florescer a *communitas*. A tensão entre ela e a estrutura social promove uma dialética que é fundamental para a constituição da sociedade,⁵⁵² onde os “valores e axiomas centrais da cultura”⁵⁵³ são examinados. Na fase liminar, o sujeito apresenta características ambíguas. Isto acontece porque nela o indivíduo não se enquadra em nenhuma definição proposta pela sociedade,⁵⁵⁴ por isso é frequentemente associada à morte e à puberdade.⁵⁵⁵

No quadro referencial antropológico, acrescenta-se Claude Rivière, antropólogo francês, que também discorre sobre o rito como uma necessidade para a vida social. A ritualização constrói uma sensação de segurança, especialmente em situações limites, libertando da sensação de culpa e reduzindo a ansiedade, por exemplo. Ele permite que haja

⁵⁴⁶ GENNEP, 1978, p. 25.

⁵⁴⁷ GENNEP, 1978, p. 37.

⁵⁴⁸ ADAM, Júlio César. Entre peregrinação, turismo e liminaridade: a busca por lugares. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 16, n. 49, p. 66-87, jan./abr. 2018. p. 71-74.

⁵⁴⁹ DA MATTA, Roberto. Centralização, estruturas e o processo ritual. *Anuário Antropológico*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 327-335, 1977. p. 332.

⁵⁵⁰ ADAM, 2018, p. 71-74; DA MATTA, 1977, p. 333; RIVIÈRE, Claude. *Os ritos profanos*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 201-202.

⁵⁵¹ DA MATTA, 1977, p. 333.

⁵⁵² RIVIÈRE, 1997, p. 155-159, 201-202; ADAM, 2018, p. 71-74; DA MATTA, 1977, p. 333.

⁵⁵³ RIVIÈRE, 1997, p. 202.

⁵⁵⁴ RIVIÈRE, 1997, p. 116-120.

⁵⁵⁵ RIVIÈRE, 1997, p. 116-120.

comunicação e reconhecimento entre os seres humanos na constante estruturação e reorganização da sociedade, afinal, ele “é a respiração da sociedade”.⁵⁵⁶ O rito também comporta um conteúdo cognitivo que é expresso pela “própria linguagem simbólica do mito, da ideologia ou simplesmente da axiologia”.⁵⁵⁷ Por meio desta ação performática, o mito (a narrativa) com seus símbolos se transforma em ato, em experiência. Não apenas como aplicação do mito, porém, o rito também acontece como força de atualização da narrativa carregada pelo mito.⁵⁵⁸ Por fim, os ritos mudam ao longo do tempo de acordo com sua eficácia.⁵⁵⁹

Ainda que as grandes religiões tenham perdido parte de sua expressividade, o rito permanece. O rito rompe o domínio da religião sobre o Sagrado⁵⁶⁰ e assim, ao lado dos ritos religiosos, os ritos profanos sempre fizeram parte da dinâmica social. O que acontece é uma maior visibilidade acadêmica sobre estes ritos em virtude do enfraquecimento dos ritos religiosos.⁵⁶¹ Assim, percebe-se que a ritualização da vida humana é algo necessário para mantê-la, ao mesmo tempo em que se busca por novas soluções frente a novos problemas.

Rivière também participa do debate a respeito da adolescência, considerando-a como um fenômeno recente⁵⁶² e que “deixou de estar enquadrada por uma ritualidade”,⁵⁶³ afinal, a ritualidade profana adolescente apresenta uma diversidade complexa. E ainda que toda a adolescência, em suas manifestações rituais, corresponda à uma liminaridade para um novo status semelhante aos ritos de passagem nas sociedades “arcaicas”, ela não mais está vinculada aos ritos estabelecidos pela sociedade em sua dimensão maior.⁵⁶⁴

A dificuldade em estabelecer círculos etários definidos em fases da vida, o aumento da escolaridade, a dificuldade de iniciar um emprego e a falta de parâmetros para o ingresso no mundo adulto são alguns motivos elencados por Rivière para indicar o enfraquecimento dos ritos de passagem entre adolescentes. Todavia, novos ritos são constituídos tanto para questionar e rejeitar o sistema dominante de valores quanto para ingressar em mundos alternativos. Assim, se não há ritos totalizantes na sociedade em sua maior dimensão, grupos ou “tribos” se formam dentro dela e estabelecem novos ritos de passagem, como o trote de

⁵⁵⁶ RIVIÈRE, 1997, p. 83-87; RODOLPHO, Adriane Luisa. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004. p. 140; DAMATTA, Roberto. Prefácio edição brasileira. In: RIVIÈRE, 1997, p. 10.

⁵⁵⁷ RIVIÈRE, 1997, p. 92.

⁵⁵⁸ COSTA, 2019, p. 85-87.

⁵⁵⁹ RIVIÈRE, 1997, p. 324.

⁵⁶⁰ RIVIÈRE, 1997, p. 7-12.

⁵⁶¹ RIVIÈRE, 1997, p. 26-28.

⁵⁶² RIVIÈRE, 1997, p. 160-161.

⁵⁶³ RIVIÈRE, 1997, p. 156.

⁵⁶⁴ RIVIÈRE, 1997, p. 178-180.

calouros.⁵⁶⁵

A partir deste panorama, principalmente de acordo com as perspectivas de Van Gennep, Joseph Campbell utilizou a estrutura básica dos ritos de passagem (separação, margem e retorno), proposta por Van Gennep, para desenvolver o monomito,⁵⁶⁶ algo presente tanto em ritos religiosos como em ritos seculares.

Trata-se da jornada do herói, da aventura pela qual este experimenta um processo de morte e renascimento dentro de si, segundo construções simbólicas e arquetípicas humanas. A estrutura da jornada que o herói ou a heroína percorrem é semelhante para ambos: há um momento de separação da realidade vivida (morte), travessia com inúmeros percalços e novidades, e reingresso em um novo “mundo” (renascimento).⁵⁶⁷ O herói e a heroína são como um espelho que reflete algo dentro de cada pessoa, como numa espécie de potência para transformação da vida. Não apenas reflete, mas tem a capacidade de estimulá-la para que algo seja transformado. “O efeito da aventura bem-sucedida do herói é a abertura e a liberação do fluxo de vida no corpo do mundo”.⁵⁶⁸

A experiência da jornada do herói representa uma forma de autodestruição. A travessia é uma passagem para um espaço-tempo que transcende e dissolve as imagens infantis do passado de cada pessoa.⁵⁶⁹ O campo de batalha da jornada do herói simboliza as próprias lutas cotidianas e apesar das forças que o herói enfrenta ao longo da jornada serem estranhas a ele, são ao mesmo tempo profundamente íntimas.⁵⁷⁰

A agonia da ultrapassagem das limitações pessoais é a agonia do crescimento espiritual. A arte, a literatura, o mito, o culto, a filosofia e as disciplinas ascéticas são instrumentos destinados a auxiliar o indivíduo a ultrapassar os horizontes que o limitam e a alcançar esferas de percepção em permanente crescimento.⁵⁷¹

A jornada do herói constitui os mitos e ritos e estes exercem o papel de integração entre o indivíduo e a sociedade. A diligência do herói e da heroína é pela essência do indivíduo, constituída não apenas das “características” pessoais de cada indivíduo, mas antes revela uma conexão coletiva.⁵⁷² Também nos “contos de fada” a jornada do herói está presente. Estes, por sua vez, recuperam elementos que dialogam com os “desejos, temores e tensões inconscientes

⁵⁶⁵ RIVIÈRE, 1997, p. 131-132.

⁵⁶⁶ CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989. p. 36.

⁵⁶⁷ CAMPBELL, 1989, p. 26-32.

⁵⁶⁸ CAMPBELL, 1989, p. 43.

⁵⁶⁹ CAMPBELL, 1989, p. 92-105.

⁵⁷⁰ CAMPBELL, 1989, p. 231-241.

⁵⁷¹ CAMPBELL, 1989, p. 177-178.

⁵⁷² CAMPBELL, 1989, p. 368-371.

que se acham subjacentes aos padrões conscientes do comportamento humano”.⁵⁷³ Eles estimulam “forças” vitais que organizam a vida humana. As jornadas dos heróis exercitam o rompimento dos limites que os atos de “morte” provocam ao longo da vida.⁵⁷⁴

Turner indica que nas sociedades industrializadas, onde a sociedade se tornou mais complexa em relação às sociedades tribais, a fase de liminaridade se transformou em estado permanente.⁵⁷⁵ Adam e Costa observam que Turner, ao refletir o rito nas “sociedades industriais, tecnológicas e globalizadas”,⁵⁷⁶ atualizou o termo *liminaridade* para *liminóides*, expressando que nestas sociedades há múltiplos tipos de performances ritualísticas onde cada pessoa decide em qual (ou quais) rito participará.⁵⁷⁷

Costa também corrobora a ideia de Adam ao considerar que os ritos tendem a ser mais individuais nas sociedades modernas. A autora ainda ressalta que eles propendem a estar mais voltados para o entretenimento e pautados pela lógica do consumo.⁵⁷⁸ Rivière destaca que, nestes contextos, os ritos estão fragmentados no cotidiano, não mais demarcam fronteiras rígidas e não possibilitam a transição completa para outro estado.⁵⁷⁹

Campbell também reconhece que a modernidade transferiu a tarefa de constituição de sentido para a existência ao indivíduo, gerando uma enorme pluralidade de possibilidades de realização. Assim, o herói moderno é, portanto, aquele que salva e orienta a sociedade, o contrário daquilo que sempre foi até a era moderna.⁵⁸⁰

Várias são as leituras que interpretam a obra segundo a trajetória do herói conforme observado e analisado por Joseph Campbell.⁵⁸¹ É uma série que incorpora a figura clássica do herói que deixa o seu cotidiano na rua dos Alfeneiros no subúrbio de Londres⁵⁸² para lutar contra forças desconhecidas e “sobrenaturais” no mundo mágico de Hogwarts e, por fim, regressa para a realidade trouxa novamente transformado e renovado. Por meio da identificação com o mundo do herói, os leitores e as leitoras⁵⁸³ são capazes de refletir e reconfigurar a sua própria vida, algo que talvez não tenha sido possível em outro lugar do seu cotidiano.⁵⁸⁴

⁵⁷³ CAMPBELL, 1989, p. 251.

⁵⁷⁴ CAMPBELL, 1989, p. 251-257.

⁵⁷⁵ RIVIÈRE, 1997, p. 131.

⁵⁷⁶ ADAM, 2018, p. 74.

⁵⁷⁷ ADAM, 2018, p. 71-74; COSTA, 2019, p. 92-93.

⁵⁷⁸ COSTA, 2019, p. 92-93.

⁵⁷⁹ RIVIÈRE, 1997, p. 322.

⁵⁸⁰ CAMPBELL, 1989, p. 372-376.

⁵⁸¹ DERING, 2012, p. 176; COLBERT, 2001, p. 13-23; VALIM, 2014, p. 48-49; NUNES, 2010, p. 46-50; MIKLOS; PEREIRA, 2019, p. 8-11.

⁵⁸² ROWLING, 2015a, p. 7.

⁵⁸³ Ainda que a série não se restrinja aos livros, os termos “leitores” e “leitoras” serão adotados para indicar quem se aventura pela série, que a “lê” ainda que por meios cinematográficos, por exemplo.

⁵⁸⁴ BASTOS; PINHEIRO, 2008, p. 3; DERING, 2012, p. 173.

No caso dos e das adolescentes, o relacionamento com a série pode suprimir a carência de ritos para o ingresso na vida adulta, como já salientado neste e no segundo capítulo, e se tornar, de certo modo, um rito secular não constituído pela sociedade com este fim. Justifica-se tal perspectiva na percepção de Cani sobre a série ao identificar que, na tensão entre descobrir seu passado e se direcionar para as incertezas do futuro, Harry se torna o paradigma que estrutura e fundamenta o principal tema da obra de Rowling, “a dificuldade de crescer”.⁵⁸⁵ De semelhante modo, Smadja segue nesta perspectiva e sustenta que a série tem um potencial para promover “a transição da infância para a idade adulta: conserva alguma coisa da criança, embora preparando-a para a condição de adulto”.⁵⁸⁶

Como desdobramento de tal perspectiva, elenca-se algumas características do rito *Harry Potter*. A primeira delas identifica em Harry Potter a representação do próprio *ethos* adolescente. As questões que atordoam o garoto e que o colocam em dúvida a respeito do lado que supostamente ele pertencia, seja o das “trevas” ou da “luz”, identificam-o como símbolo do transitório, muitas vezes relacionado com o ser adolescente.⁵⁸⁷

Observa-se também que não apenas Harry é um herói adolescente, mas Rony, Hermione e os demais amigos e amigas⁵⁸⁸ também o são, afinal, eles iniciam o primeiro ano letivo em Hogwarts aos onze anos.⁵⁸⁹ A narrativa de cada livro subsequente vai representar um ano na vida deles e delas. Além do principal cenário ser uma escola, que compartilha aspectos comuns com outras instituições de ensino, as vivências adolescentes podem ser notadas nos relacionamentos e preparação vocacional (futuro profissional).⁵⁹⁰

Harry é um vívido representante da adolescência ao não entender e não suportar saber quem é, ao mesmo tempo, gerando um constante sentimento de inadequação.⁵⁹¹

Em *Harry Potter e a ordem da fênix*, ao não compreender o esforço de Dumbledore em protegê-lo, Harry se revolta. Como não pertence ao mundo dos tios e não encontra seu lugar no mundo bruxo, Harry simboliza o não-lugar que configura a adolescência. Harry não é mais uma criança, tampouco é adulto. Não compreende o universo a sua volta e sente que não é compreendido.⁵⁹²

⁵⁸⁵ CANI, Isabelle. *Harry Potter, ou, O anti-Peter Pan: para acabar com a magia da infância*. São Paulo: Madras, 2008. p. 130.

⁵⁸⁶ SMADJA, 2004, p. 59.

⁵⁸⁷ VALIM, 2014, p. 56.

⁵⁸⁸ HENRIQUES, 2015, p. 58.

⁵⁸⁹ ROWLING, 2015^a, p. 28-30.

⁵⁹⁰ HENRIQUES, 2015, p. 71-75; APOSTOLIDES, 2014a, p. 124-125.

⁵⁹¹ HENRIQUES, 2015, p. 71-75; NUNES, 2010, p. 60-64; PITTA, 2006, p. 170; APOSTOLIDES, 2014a, p. 109.

⁵⁹² PITTA, 2006, p. 200-201.

A jornada de Harry termina quando ele, já adulto, está na Plataforma 9 e ½ embarcando seus filhos para começarem o ano em Hogwarts.⁵⁹³

Outra característica do rito *Harry Potter* está na constituição ritualística da série. Afinal, diante da ausência de sistemas simbólicos totalizantes na sociedade, deixando para o indivíduo a tarefa de compor o seu próprio sistema que organize seus dilemas, estórias como a de Harry se transformam em fontes simbólicas para suprir tal necessidade.⁵⁹⁴

A narrativa é objetiva quanto à tarefa de alcançar a maturidade adulta: é necessário assumir as próprias responsabilidades, mesmo que seja doloroso.⁵⁹⁵ Harry e sua turma vivem várias aventuras que representam tal propósito, principalmente na tensão com Voldemort e com os dilemas quanto à morte, gerando aventuras, desafios, problemas e perigos que o grupo precisa enfrentar.⁵⁹⁶ Também a formação de novas amizades e novos romances e o recebimento da permissão para executar feitiços constituem ritos de passagem que auxiliam no avanço à maturidade.⁵⁹⁷

Armstrong observara que, se “for escrito e lido com atenção e seriedade, um romance, como um mito ou uma grande obra de arte, pode servir como iniciação e nos ajudar a realizar o penoso rito de passagem de uma fase da vida, de um estado de espírito para outro”.⁵⁹⁸ De modo que torna possível, não somente para os e as adolescentes aproveitarem da série, mas também as pessoas adultas. Segundo Calligaris, a literatura infanto-juvenil é tão bem recebida por todos os grupos etários por representar o mito do *ser moderno*, no qual traz “um conto de criança que trata do heroísmo de crescer, se tornar independente, se afastar do amparo dos adultos, descobrir e inventar um destino diferente, autônomo”.⁵⁹⁹

Como terceira característica está o fato da figura heroica de Harry representar um *ethos* humano. “A humanidade de Harry é um dos maiores indícios da sua reciprocidade com o interlocutor concreto com o qual dialoga”.⁶⁰⁰ Uma humanidade que vai da identidade estável e

⁵⁹³ NUNES, 2010, p. 60-64; PITTA, 2006, p. 170; APOSTOLIDES, 2014a, p. 109; HENRIQUES, 2015, p. 74.

⁵⁹⁴ ROSA, Daniela Botti. Harry Potter e o Sujeito da Pós-Modernidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 28, n. 3, p. 480-493, 2008. p. 482-484; HENRIQUES, 2015, p. 30-31; PEREZ, 2008, p. 197-201; CANI, 2008, p. 129-130.

⁵⁹⁵ SMADJA, 2004, p. 112-117.

⁵⁹⁶ NUNES, 2010, p. 64-67.

⁵⁹⁷ PITTA, 2006, p. 170; SMADJA, 2004, p. 13.

⁵⁹⁸ ARMSTRONG, 2005, p. 124.

⁵⁹⁹ CALLIGARIS, Contardo. *O segredo de Harry Potter*. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 jul. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1307200021.htm>. Acesso em: 18 fev. 2021.

⁶⁰⁰ HENRIQUES, Marco Polo; MUNGIOLO, Maria Cristina Palma. A vida que “fala” em Harry Potter: uma proposta de análise das relações dialógicas do discurso. *Conexão – Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul, v. 13, n. 25, p. 161-183, jan./jun. 2014. p. 180.

sólida da infância para um caminho de contradição, vulnerabilidade, frustrações, angústia, medo, ilusões, falhas, dúvidas na busca por descobrir quem é e como deve agir.⁶⁰¹

Ela também pode ser experimentada por meio do poder do amor e da capacidade de amar, como apresenta o próprio Dumbledore a Harry, pois esta é a “magia” que pode enfrentar as “trevas” que rondam cada pessoa. Ela inclusive impede a obtenção de poder para subjugar tudo e todas as pessoas ao invés de formar laços de amizade.⁶⁰²

A busca por uma identidade que responda aos dilemas cotidianos é outra característica deste rito.⁶⁰³ Um empenho que descobre que, no caminho para a maturidade em tempos líquidos, não existirá uma identidade fixa e completamente estável.⁶⁰⁴ Harry é um personagem que apresentada uma identidade plural, pois desconhece seu passado ao mesmo tempo em que é confrontado com muitas novas identidades quando lhe é dito que é um bruxo.⁶⁰⁵

Para o leitor e a leitora, a figura do herói é importante para “impulsionar o indivíduo para a sua individuação”,⁶⁰⁶ num caminho que o leva para um mundo de certo modo alheio, o mundo mágico, onde se descobre múltiplas possibilidades de respostas para os dilemas da vida.⁶⁰⁷ “Consciente de que, tal como as identidades, tudo se relativiza hoje, o herói da história encarna a dialética como caminho, repudiando concepções maniqueístas do mundo e percebendo que as pessoas são muito mais complexas que os clichês atribuídos a elas”.⁶⁰⁸

Rowling aproveita as reviravoltas da transição entre infância e vida adulta para criar um lugar de reflexão dos pré-julgamentos, das pré-compreensões, que permitem ao leitor e à leitora assumir suas responsabilidades e fazer suas escolhas. E, por serem potencialmente errôneas e prejudiciais, torna-se necessária uma revisão das escolhas e percepção das próprias limitações.⁶⁰⁹

No epílogo, as tensões e distâncias entre mundo trouxa e mundo bruxo são desfeitas e diluídas, uma alusão à idade adulta que é, na verdade, um reconhecimento de que a própria identidade é mutável. Ser adulto é, para Rowling, assumir o risco e ter coragem para desvelar

⁶⁰¹ CALLIGARIS, 2000; APOSTOLIDES, 2014a, p. 129-131; FRANCISCO, 2019, p. 24-35.

⁶⁰² APOSTOLIDES, 2014a, p. 129-131; ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015f. p. 369-370.

⁶⁰³ VALIM, 2014, p. 51.

⁶⁰⁴ CANI, 2008, p. 156.

⁶⁰⁵ MEDEIROS, Marco. Expelliarmus! O utópico, o pós-utópico e a cambiância das identidades em *Harry Potter*, de J. K. Rowling. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS, 11., 2008, São Paulo, *Anais*. São Paulo: USP, 2008. p. 2-5.

⁶⁰⁶ MIKLOS; PEREIRA, 2019, p. 5.

⁶⁰⁷ APOSTOLIDES, 2014a, p. 81.

⁶⁰⁸ MEDEIROS, 2008, p. 4.

⁶⁰⁹ GARVER, S. Joel. A magia da transformação pessoal. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011. p. 169-171.

os “véus” de mistério que se apresentam; questionar a si mesmo; e da simplificação maniqueísta entre o que é o bem e o que é mal.⁶¹⁰

A identificação da maneira pela qual *Harry Potter* concebe e lida com a infância é uma outra característica. Cani desenvolve essa reflexão em conjunto com outra grande obra inglesa: *Peter Pan*.⁶¹¹ Ela narra a história de um menino que vive em uma terra onde o tempo não passa e todas as crianças permanecem crianças. Cani identifica que a obra antecipa algo que se tornaria uma realidade a partir da segunda metade do século XX: uma recusa a deixar o mundo infantil.⁶¹² Diferente de *Peter Pan*, *Harry Potter* estimula a atitude contrária: sair da infância. É o desencanto que norteia a série e se torna uma chave para interpretar e viver a transição entre a infância e a vida adulta.

A tensão e os conflitos entre Harry e Voldemort também ilustram a passagem da infância até a vida adulta, pois Voldemort é uma criança que se recusa a crescer, apesar de ser um “adulto”.⁶¹³ “Do orfanato para a batalha de Hogwarts, Tom Riddle é egoísta, narcisista, cruel, ‘inocente’ no sentido em que ele é incapaz demais de se colocar no lugar dos outros para se sentir culpado”.⁶¹⁴ Por isso, na perspectiva de Cani, Rowling escreve para que o público leitor supere esta fase infanto-Voldemort.⁶¹⁵ O vilão se torna um símbolo do que está no “coração” da sociedade e de cada pessoa, estimulando a busca pelo prazer imediato e sem qualquer vínculo solidário.

Portanto, crescer é “matar” o Voldemort que habita em si “para renascer como adulto potencial”.⁶¹⁶ A magia da infância precisa acabar, mesmo que ela permaneça como uma espécie de “memória afetiva” que constitui a identidade de cada pessoa.⁶¹⁷ É justamente a magia de Lílian, mãe de Harry, que permitiu derrotar Voldemort, um feitiço poderoso que possibilitou a proteção de alguém na medida em que outra pessoa se sacrifica por ela.⁶¹⁸ Harry cumpre a sua saída da infância plenamente no momento em que deixa “para trás a infantilidade de sentimentos [a imortalidade] de Voldemort, até então parte de si mesmo”.⁶¹⁹

Por fim, o tamanho (mais de três mil páginas) e a estrutura da obra também aludem para a complicada e sinuosa trama que é a travessia da infância para a vida adulta.⁶²⁰ Francisco

⁶¹⁰ CANI, 2008, p. 156.

⁶¹¹ Publicada em 1904, a obra *Peter Pan* foi, primeiramente, uma peça de teatro elaborada por James Barrie.

⁶¹² CANI, 2008, p. 16-20.

⁶¹³ CANI, 2008, p. 165-171.

⁶¹⁴ CANI, 2008, p. 179.

⁶¹⁵ CANI, 2008, p. 175-176.

⁶¹⁶ CANI, 2008, p. 180.

⁶¹⁷ CANI, 2008, p. 179-180.

⁶¹⁸ ROWLING, 2015a, p. 215.

⁶¹⁹ HENRIQUES; MUNGIOLI, 2014, p. 180.

⁶²⁰ CANI, 2008, p. 41-42.

identifica que o enredo está subdividido em três blocos. O primeiro deles (os três primeiros livros) está mais próximo das narrativas mais fechadas, ou seja, possui um objetivo mais claro, um mistério a ser resolvido. A partir do quarto livro (o segundo bloco), os enredos já não apresentam apenas narrativas fechadas, mas a “história vai ganhando contornos narrativos mais cinzentos à medida que os personagens vão passando por experiências mais complicadas”⁶²¹ e os detalhes do mundo da magia são esmiuçados. O bloco final (os três últimos livros) apresenta os percalços e a complexidade que o próprio Harry, junto de seus amigos e suas amigas, vive no processo de saída da infância. Os enigmas tornam-se mais complexos, as pessoas já não se dividem em boas e más, os riscos e as incertezas são maiores e as emoções (como raiva, tristeza, solidão, orgulho, vingança) se tornam mais potentes e intensas.⁶²²

Anelli mantém semelhante perspectiva e enfatiza que os dois primeiros capítulos do quinto volume da série provocam uma reviravolta e reestruturação de toda a série. Especialmente pela mudança de atitude de Harry, que “tinha se transformado em um cretino resmungão e tinha berrado e tratado mal todo mundo que um dia fora bom para ele”.⁶²³ O livro apresenta uma série de imagens contraditórias e as inseguranças dos personagens que afetam parte da “magia” dos heróis e das heroínas até aquele momento. Ali também há várias cenas que abalam a segurança do mundo bruxo e do mundo trouxa, uma vez que Voldemort reconquistou seus poderes no quarto livro.⁶²⁴

De semelhante modo, Smadja identifica uma dialética na obra, através de seu início com pouca ambiguidade, personagens que facilmente são identificadas como bons e maus e com narrativas simples, porém o desdobramento da trama revela, à medida que os anos passam em Hogwarts, “o ingresso em um mundo mais matizado, mais complicado”,⁶²⁵ o que pode corresponder à saída da infância.⁶²⁶

3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todas as “profecias” modernas, a religião, o fenômeno religioso, não chegou ao fim. Na verdade, como desenvolvido no capítulo, a secularização e a modernidade remodelaram o lugar dela. Sagrado e profano deixam de ser dimensões bem delimitadas para estarem difusas em toda a sociedade. Agora não há mais uma instância totalizante que detém o

⁶²¹ FRANCISCO, 2019, p. 22.

⁶²² FRANCISCO, 2019, p. 19-23.

⁶²³ ANELLI, 2011, p. 185-186.

⁶²⁴ ANELLI, 2011, p. 185-191.

⁶²⁵ SMADJA, 2004, p. 17.

⁶²⁶ SMADJA, 2004, p. 11-17.

controle do sistema simbólico-religioso da sociedade. Cada indivíduo possui a tarefa de escolher os vários caminhos que levam-no a constituir significado para a vida, assumir valores e compartilhá-los. A religião vivida é, de certa forma, um sintoma desta reorganização do fenômeno religioso e, conseqüentemente, uma preocupação da teologia em observar estas mudanças, atentar para os processos de constituição de identidades e os impactos disto nas reflexões e ponderações teológicas.

Nesta pesquisa, o fenômeno *Harry Potter* é ilustrativo para tal movimento acima descrito, na dimensão em que se torna um dos produtos mais influentes e rentáveis da cultura do consumo e do entretenimento, além de contribuir para a formação de muitas crianças e adolescentes e do segmento adulto, que também se tornou um *potterhead*. O sucesso veio acompanhado de muitas críticas e dilemas, tanto na indústria cultural como também nos grupos religiosos. No caso do cristianismo, apesar das críticas negativas acima mencionadas, percebe-se grande potencial para o leitor e a leitora da série. E, ao considerá-la como um rito de passagem secular contemporâneo, analisa-se que ela é um dos caminhos possíveis para os e as adolescentes superarem a indefinição do ser adolescente ao receberem estímulo da própria série para a maturidade, onde se assume responsabilidades, questiona visões maniqueístas e dicotômicas da vida, revisa escolhas pessoais e percebe as suas próprias limitações. Há que se considerar que, por ser um produto muito mais escolhido para fins de entretenimento, o impacto em cada leitor e leitora será distinto.

No próximo capítulo, os possíveis desdobramentos da série como estímulo para a maturidade, mediante seu caráter ritualístico, sobre o Ensino Confirmatório serão apresentados e discutidos, propondo que este momento seja contextual e constituído em conjunto com os e as adolescentes.

4 ATRAVESSEM A PLATAFORMA 9 ½: A SÉRIE *HARRY POTTER* NO ENSINO CONFIRMATÓRIO

Neste capítulo, os possíveis desdobramentos da recepção da série *Harry Potter* no Ensino Confirmatório serão analisados, tanto segundo uma abordagem temática como estrutural, concedendo destaque para a série enquanto rito de passagem secular contemporâneo. De modo que a cultura pop, neste caso *Harry Potter*, seja um elemento importante e necessário para o debate teológico, principalmente na constituição da práxis eclesiológica, não estando esta restrita à sua dimensão religiosa-institucional.

- Depois de todo esse tempo?

- Sempre.⁶²⁷

4.1 A CULTURA POP COMO SIGNIFICANTE DA VIDA: POSSIBILIDADES PARA A IECLB

A compreensão dos movimentos e das estruturações da cultura é salutar para que se perceba o modo como o ser humano constitui aquilo que ele denomina de vida.⁶²⁸ Como foi pormenorizado no primeiro tópico do capítulo anterior, a cultura pop permite identificar o modo pelo qual as pessoas estão, na contemporaneidade, compondo narrativas, mitos e ritos que geram sentido de vida e valores para elas indo além das fronteiras religiosas institucionais.⁶²⁹

A cultura pop, ou cultura de massa, é aquela que se estrutura pelas mídias de massa, como televisão, cinema e internet; tem como objetivo a conquista do maior lucro e alcance possíveis; é convergente na utilização de várias mídias para a divulgação de seus produtos; ansiando, deste modo, o alcance das massas.⁶³⁰ Ela é uma dimensão da cultura que lida, em grande medida, com “o prazer, o sentido, a ludicidade”,⁶³¹ que muitas vezes são subjugadas e desmerecidas pela racionalidade em sua hierarquia de poderes e saberes.⁶³²

Cabe aqui uma distinção importante entre cultura popular e cultura pop, pois a

⁶²⁷ ROWLING, 2015g, p. 501.

⁶²⁸ REBLIN, Iuri Andréas. A cultura pop chegou à academia, e agora? In: REBLIN, Iuri Andréas; ADAM, Júlio César. *Atravessando o espelho de Alice: estudos sobre religião, cultura pop e mídia*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017. p. 23-24.

⁶²⁹ REBLIN, 2017, p. 29-30; NYLUND, David. Reading Harry Potter: popular culture, queer theory, and the fashioning of youth identity. *Journal of Systemic Therapies*, v. 26, n. 2, p. 13-24, 2007. p. 13-22; RAMÍREZ, 2007, p. 31; COSTA, 2019, p. 57.

⁶³⁰ REBLIN, 2017, p. 26-29; NYLUND, 2007, p. 13-14; GANZEVOORT, 2016, p. 361-364.

⁶³¹ REBLIN, 2017, p. 24.

⁶³² REBLIN, 2017, p. 23-24.

cultura popular se difere de cultura pop no sentido em que a primeira se refere ao folclore, conjunto de crenças e tradições, como aquelas expressas em provérbios, contos, canções ou festejos, cujo conhecimento se torna referência comum a um povo e é passado de geração após geração, principalmente pela prática e narrativa oral. Já a cultura pop é um produto industrializado, fazendo uso das mídias de massa para a criação de ícones e referências culturais de largo alcance, não se restringindo a uma localidade.⁶³³

Em síntese, a “cultura popular folclórica é local e atemporal; a cultura pop é global e relativamente efêmera”.⁶³⁴ E mesmo que a cultura popular sempre tenha existido de alguma forma ao lado da cultura elitista/culta/alta, ela tem assumido mais protagonismo na sociedade pelos avanços tecnológicos e econômicos, tornando-se muito mais acessível. As imagens, antes restritas aos espaços sagrados das igrejas, estão espalhadas por todos os lados.⁶³⁵ Não apenas a cultura popular se torna “pop”, mas também a cultura elitista sofre deste mesmo processo. Assim, como um fenômeno do processo da globalização,⁶³⁶ Ganzevoort percebe que ela é “o ar que respiramos”,⁶³⁷ de modo que o “pop” representa “a vida comum ou ordinária em um contexto midiático, globalizado e mercantilizado”.⁶³⁸ Também é importante salientar que a alienação e a dominação também estão presentes neste discurso, uma vez que a indústria cultural tende a direcionar olhares e desejos da pessoa consumidora para fazer a engrenagem do consumo girar ainda mais rápido.⁶³⁹

De forma que, através das narrativas da cultura midiática de massa, os e as adolescentes estão, em grande medida, provendo significado para a sua vida e formando a sua identidade, permitindo que a vida humana aconteça.⁶⁴⁰ A exemplo disso, observa-se que a “ideia de que a Hollywood contemporânea se aproxima das estruturas dos antigos mitos tornou-se consenso entre a geração atual de cineastas”.⁶⁴¹

Jenkins constata que a cultura da convergência também pode indicar que a cultura pop esteja proporcionando às crianças o que a educação tradicional não está tratando, a saber, elas “estão sendo preparadas para contribuir com uma cultura do conhecimento mais sofisticada”.⁶⁴² Vários produtos do entretenimento estimulam crianças e jovens a buscarem informações para

⁶³³ COSTA, 2019, p. 66.

⁶³⁴ COSTA, 2019, p. 66.

⁶³⁵ GANZEVOORT, 2016, p. 361-364.

⁶³⁶ COSTA, 2019, p. 57; GANZEVOORT, 2016, p. 361-364; NYLUND, 2007, p. 13-14

⁶³⁷ GANZEVOORT, 2016, p. 362.

⁶³⁸ GANZEVOORT, 2016, p. 361.

⁶³⁹ NYLUND, 2007, p. 13-14.

⁶⁴⁰ RAMÍREZ, 2007, p. 31; NYLUND, 2007, p. 22; APOSTOLIDES, 2017, p. 21; REBLIN, 2017, p. 23. Ainda que esta pesquisa se refira à identidade no singular, compreende-se que ela não é permanentemente estável e única, porém, tende a ser plural, difusa e efêmera.

⁶⁴¹ JENKINS, 2009, p. 173.

⁶⁴² JENKINS, 2009, p. 184.

desvelar os mistérios deixados nas suas narrativas.⁶⁴³

Como fundamento das narrativas da cultura pop, a fantasia assumiu um papel fundamental na cultura ocidental contemporânea,⁶⁴⁴ de modo que ela possibilita a articulação de “linguagens, discursos e imagens que dialogam com símbolos, alegorias, arquétipos e memórias ancestrais da humanidade”.⁶⁴⁵ Ela permite observar a realidade com certo distanciamento, vislumbrar diferentes perspectivas e possibilidades. E ainda que muitas críticas acentuem para um suposto perigo da fantasia para crianças e adolescentes em mantê-las totalmente alienadas da vida, ela sempre está alicerçada e dialoga com a realidade.⁶⁴⁶

Harry Potter revela o processo de formação da identidade na modernidade líquida na medida em que a magia incorpora a ênfase no indivíduo, nas suas potencialidades e ações. De semelhante modo que outros produtos da cultura pop, a série não manifesta nenhuma preocupação em apresentar algum sistema religioso institucional ou forma de “espiritualidade”, ainda que tenha surgido por meio de inspirações em sistemas religiosos.⁶⁴⁷

Entretanto, Apostolides constata que a identificação dos e das adolescentes com a narrativa da série é importante para o desenvolvimento de certa forma de “jornada espiritual”. Esta, por sua vez, refere-se ao exercício de responder às questões últimas da existência através do relacionamento com a série.⁶⁴⁸ Esta experiência pode acarretar no distanciamento dos e das adolescentes da tradição religiosa familiar, que geralmente está vinculada a algum tipo de denominação religiosa. Inclusive isto pode render a eles e elas o rótulo de pessoas não-religiosas. Contudo, ainda sim, esta interação com a cultura pop fomenta formas de espiritualidade, mesmo que não estejam diretamente vinculadas às instituições religiosas.⁶⁴⁹

Florêncio apresenta o seguinte depoimento sobre o seu envolvimento com a série: “Em suma, muito do que aprendi *sobre* a vida foi com a história da saga Harry Potter e muito do que aprendi *na* vida adquiriu sentido, e/ou se configurou, a partir dos exemplos que tive também na história”.⁶⁵⁰ De certa maneira, seu relato corrobora as perspectivas de Apostolides e Pitta, uma vez que a trajetória existencial é uma trajetória teológica em sua natureza, afinal, ela pergunta pelo sentido da vida.⁶⁵¹ De modo que é possível vislumbrar nesta fala o poder da magia da série

⁶⁴³ JENKINS, 2009, p. 183-186.

⁶⁴⁴ JENKINS, 2009, p. 236.

⁶⁴⁵ MIKLOS; PEREIRA, 2019, p. 1.

⁶⁴⁶ APOSTOLIDES; MEYLAHN, 2014c, p. 3.

⁶⁴⁷ JENKINS, 2009, p. 174; NUNES, 2010, p. 45; BASTOS; PINHEIRO, 2008, p. 4; SEXANA, 2013, p. 84.

⁶⁴⁸ APOSTOLIDES, 2014a, p. 51-53.

⁶⁴⁹ APOSTOLIDES, 2017, p. 17-19.

⁶⁵⁰ FLORÊNCIO, 2018, p. 28.

⁶⁵¹ PITTA, 2006, p. 138.

enquanto capacidade de moldar seus leitores e suas leitoras, numa espécie de intercâmbio entre a pessoa e o convívio social, gerando certa “ordem” no “caos” da vida.⁶⁵²

Santos vai além e reitera que, ao “trazer para os nossos tempos costumes, tradições e crenças antigas, Rowling recorda-nos que os alicerces da formação da identidade ocidental foram constituídos precisamente sobre o entrelaçamento, desde tempos remotos, das cosmovisões da magia, da religião e da ciência”.⁶⁵³ Ou seja, a magia traz uma dupla crítica: uma se dirige à epistemologia moderna ao idealizar e centralizar a vida humana em torno de uma racionalidade “pura”, e a outra indica que a religião, enquanto instituição e principalmente o cristianismo, não detém a hegemonia e o controle sobre o sistema simbólico-religioso que constitui e estrutura o tecido social.

Diante deste quadro, vários desdobramentos podem ser estabelecidos para o labor teológico. Ganzevoort constitui a relação com a cultura pop a partir da seguinte questão: “Quais são o sentido, a intenção e o efeito do material religioso em uma cultura pop não religiosa e como ocorre esse intercâmbio entre produtores e consumidores?”⁶⁵⁴ Na tentativa de respondê-la, ele elenca três características da religião que são importantes também na cultura pop. A primeira é a função social, que possibilita a formação de comunidades que compartilham valores e experiências; a segunda dá significado para moldar a identidade e o sentido para a existência; e a terceira indica a possibilidade de conexão e relacionamento com algo transcendente.

Duas considerações são importantes na dinâmica destas três funções: elas acontecem de forma e intensidade distintas em cada produto da cultura pop, além de sempre serem definidas e sujeitas por alguma relação de poder ou econômica.⁶⁵⁵ Acima de tudo, Ganzevoort declara que, mais importante do que identificar categorias doutrinárias religiosas já formadas pela religião institucional na cultura, cabe perceber “as formas explícitas e implícitas de religião por si mesmas”.⁶⁵⁶

Desta forma, conferir um valor religioso à estória de Harry Potter será descobrir o que nela há de mitológico e, com isso, compreender como ela pode (re)significar a maneira como a pessoa vive em relação a seu mundo, em suma, descobrir como as aventuras do jovem bruxo atuam em um processo de formação autogerido e coletivamente gerado.⁶⁵⁷

⁶⁵² GARVER, 2011, p. 170.

⁶⁵³ SANTOS, 2015, p. 77.

⁶⁵⁴ GANZEVOORT, 2016, p. 363.

⁶⁵⁵ GANZEVOORT, 2016, p. 361-363.

⁶⁵⁶ GANZEVOORT, 2016, p. 364.

⁶⁵⁷ VALIM, 2014, p. 15.

Em outra perspectiva, Apostolides trata de tal relação sob a ótica da perda da relevância da igreja para o grupo adolescente, constatando tal fenômeno segundo dois desdobramentos. O primeiro deles é o estranhamento da linguagem bíblico-teológica para eles e elas, considerando que está distante do universo linguístico do grupo. O segundo desdobramento está atrelado à perda da confiança nas organizações religiosas, uma certa desilusão vivida pelos e pelas adolescentes em relação à igreja e ao grupo das autoridades religiosas.⁶⁵⁸ De tal forma que acabam por buscar referências simbólicas na cultura pop.⁶⁵⁹

De modo que o movimento de ressignificação da espiritualidade adolescente não é totalmente negativo, haja vista que ele apresenta a capacidade que ela tem de ser moldada pelos contextos socioculturais e tecnológicos especialmente.⁶⁶⁰ Ou seja, para a família e as autoridades religiosas, principalmente, as narrativas da cultura pop têm potencial de serem caminhos comunicativos para compreender e se relacionar com o grupo adolescente,⁶⁶¹ algo identificado por Adam e Puntel através do filme *As melhores coisas do mundo*.⁶⁶²

No caso do cristianismo, cabe elencar a tensão entre ele com a modernidade. Simmons reflete que a alta rejeição da série Harry Potter pelo grupo conservador cristão desvela um conflito maior, a saber, a tensão entre o fundamentalismo e a modernidade. A narrativa da série direciona o olhar do leitor e da leitora para a valorização e o acolhimento da diversidade e das problemáticas que surgem dela como, por exemplo, a “magia das trevas”.

Neste cenário, qualquer grupo que se sinta ameaçado com isso tende a reafirmar ainda mais sua posição que constitui a sua identidade e das pessoas que o compõem. Assim, quanto mais esta identidade for ameaçada, maior será a defesa dela. Voldemort é ilustrativo para tal fenômeno uma vez que ele é totalmente seguro de suas convicções e projetos e qualquer pessoa ou ser que o questionasse ou tentasse impedi-lo seria eliminado. Simmons percebe que Rowling incorporou em sua narrativa uma crítica a todo tipo de fundamentalismo, inclusive o religioso, através da imagem caricata da magia das trevas e, conseqüentemente, de Voldemort.⁶⁶³

Outro debate importante para a teologia cristã, ainda na tensão com a modernidade, está na centralidade da racionalidade “pura” no projeto moderno. Afinal, este “fundamentava-se na razão como o único meio de alcançar a verdade e o progresso”,⁶⁶⁴ de modo que a racionalização, como propulsora de tal processo, dificultou ou inibiu a orientação da vida humana através dos

⁶⁵⁸ APOSTOLIDES; MEYLAHN, 2014c, p. 2.

⁶⁵⁹ APOSTOLIDES, 2017, p. 3-4.

⁶⁶⁰ APOSTOLIDES; MEYLAHN, 2014c, p. 3.

⁶⁶¹ APOSTOLIDES, 2017, p. 24.

⁶⁶² ADAM, PUNTEL, 2020.

⁶⁶³ SIMMONS, 2013, p. 53-68.

⁶⁶⁴ HUBNER, 2012, p. 48.

símbolos e mitos.⁶⁶⁵ Cabe refletir como isso impactou no Ensino Confirmatório, na medida em que a reforma protestante no século XVI, influenciada pelo humanismo, enfatizou a dimensão racional do sistema doutrinal, excluindo grande parte da dimensão estética e imagética das narrativas mitológicas, algo que a cultura pop recupera muito mais do que a teologia cristã na medida em que as reinterpreta.

Por fim, elenca-se outras duas perspectivas. Armstrong argumenta que a crise da modernidade racionalista impulsionou, especialmente no século XX, a renovação do mito na sociedade Ocidental. Nela, as pessoas artistas e escritoras conseguiram com maior destreza reformular os mitos em relação às lideranças religiosas.⁶⁶⁶ Carvalhaes, por sua vez, indica que a dependência entre o trinômio religião, crença e ritual precisa ser desconstruída para que seja possível conceder espaço para aquilo que, normativamente, é deixado de fora, afinal, a religião é “sempre incerta, cheia de suspeitas, irônica, indireta e indeterminada”,⁶⁶⁷ de modo que seja possível identificar outras possibilidades da religião no tecido cultural.⁶⁶⁸

4.2 ABORDAGEM TEMÁTICA

A teologia cristã, assim como outras áreas do saber, pode se aproximar da obra através de uma abordagem temática, ou seja, temas serão elencados como chaves hermenêuticas tanto para descobrir a perspectiva pela qual a narrativa interpreta tal tema, como para promover um diálogo entre a abordagem da série e a teologia cristã. No caso do Ensino Confirmatório, o processo de ensino-aprendizagem pode ser constituído a partir daquilo que os e as adolescentes já conhecem sobre o tema tratado, inclusive através da série, para então se promover uma conexão com a perspectiva cristã. Ou seja, propõe-se desenvolver um diálogo como caminho de ensino ao invés de um monólogo onde o grupo adolescente é apenas receptor passivo de algo.

De acordo com a perspectiva de Rivière, que identifica uma dimensão cognitiva presente nos mitos e ritos,⁶⁶⁹ é possível identificar na série várias abordagens que aqui são denominadas de temáticas. Nesta pesquisa, abordar-se-ão os seguintes temas: a amizade, a morte, a moralidade e temas contemporâneos (racismo, intolerância e consumismo).

⁶⁶⁵ CAMPBELL, 1989, p. 107.

⁶⁶⁶ ARMSTRONG, 2005, p. 116-124.

⁶⁶⁷ CARVALHAES, 2005, p. 71.

⁶⁶⁸ CARVALHAES, 2005, p. 74-77.

⁶⁶⁹ RIVIÈRE, 1997, p. 92.

4.2.1 A amizade

A análise da amizade na série antes precisa considerar outro tema que é central na narrativa, a capacidade de amar. Sua maior expressão é, sem dúvida, o ato de Lílian Potter ao salvar Harry de Voldemort.⁶⁷⁰ Essa demonstração de amor “requer autossacrifício, vincula a felicidade de alguém ao bem-estar de outra pessoa, torna a pessoa vulnerável à perda e à mágoa, e fortalece seu comprometimento com o bem”.⁶⁷¹ É por esta capacidade de amar que Harry cultiva suas relações e é o estímulo para o seu amadurecimento e defesa contra Voldemort,⁶⁷² afinal, este nunca entendera que o amor é a “magia” mais poderosa.⁶⁷³ Através dela, Harry resiste às tentações de usar a magia para a própria riqueza e também para a imortalidade.⁶⁷⁴ “A habilidade que Harry tem de amar de maneira altruísta não está limitada a humanos, mas estende-se para amar a outros seres também, o que traz benefícios inesperados”.⁶⁷⁵ De modo que, no combate ao avanço do mal, Rowling utilizou o amor no “desarmamento” do mal.⁶⁷⁶

Segundo Saxena, a capacidade de amar de Harry, tanto prezada por Dumbledore, é uma exposição da doutrina cristã a respeito da graça. Isto é central quanto à caracterização da narrativa como um processo de “amadurecimento” adolescente.⁶⁷⁷

Harry Potter é uma série de livros que fala, sobretudo, sobre a salvação do próximo pelo amor. Harry derrotou Voldemort com apenas um ano de idade porque sua mãe, em nome do amor que sentia por seu filho, se sacrificou para salvá-lo. Posteriormente, por conta do amor que sente por seus amigos, Harry também entrega sua vida a Voldemort. É por amor que Harry retorna dos mortos, para poder concluir a tarefa que havia sido designada a ele. Como não poderia ser diferente, o amor que aparece nas páginas de *Harry Potter* consegue sobressair os limites físicos do livro para ganhar vida aqui fora, em nosso mundo.⁶⁷⁸

Voldemort, pelo contrário, é um retrato da insistência em permanecer no mal e rejeitar o amor, confiando em si mesmo.⁶⁷⁹ Tal confiança o levou a formar as Horcruxes, onde ele

⁶⁷⁰ DEAVEL, Catherine Jack; DEAVEL, David Paul. Escolhendo o amor: A Redenção de Severo Snape. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011. p. 62.

⁶⁷¹ DEAVEL; DEAVEL, 2011, p. 62; SAXENA, 2013, p. 69.

⁶⁷² TALIAFERRO, Charles. O segredo real da fênix: regeneração moral através da morte. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011. p. 217; SAXENA, 2013, p. 78-79.

⁶⁷³ DEAVEL; DEAVEL, 2011, p. 59; SMITH, Anne Collins. Harry Potter, feminismo radical e o poder do amor. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011. p. 89-92; ROWLING, 2015a, p. 215; ROWLING, 2015f, p. 369.

⁶⁷⁴ SMITH, 2011, p. 89-92.

⁶⁷⁵ SMITH, 2011, p. 90.

⁶⁷⁶ SMITH, 2011, p. 86-89.

⁶⁷⁷ SAXENA, 2013, p. 78-79.

⁶⁷⁸ FRANCISCO, 2019, p. 96.

⁶⁷⁹ BASSHAM, Gregory. A poção do amor nº 9 ¾. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011a. p. 79-80.

rompera sua “alma”, de modo que ele “destruía” a sua vida, sua humanidade e sua capacidade de estabelecer relacionamento fraternos.⁶⁸⁰ O arrependimento seria o caminho para Voldemort evitar a completa ruína e, mesmo que Harry tenha oferecido a chance dele realizar tal ação no final da Batalha em Hogwarts, o vilão recusou e morreu ricocheteado pela própria maldição da morte que ele lançara sobre o garoto.⁶⁸¹

É a capacidade de amar que gera a amizade e a lealdade, impede que Harry, Rony e Hermione se associassem à magia das trevas.⁶⁸² De modo que, diferente de Voldemort, que prefere agir sozinho,⁶⁸³ ainda que tenha um exército ao seu comando, “Rowling deseja [...] apresentar a eles [aos leitores e às leitoras] um discurso alternativo sobre um dar e receber compartilhado entre as pessoas, assim como a comunhão é um presente de amor”.⁶⁸⁴ Através da amizade se experimenta a própria ação graciosa de Cristo.⁶⁸⁵

Francisco afirma que sem Rony e Hermione, principalmente, Harry estaria fadado ao fracasso já no primeiro livro. Mesmo sendo protagonista, o desenvolvimento de Harry não pode ser separado da relação que possui com Rony e Hermione e da forma que o afeta. O trio forma uma relação de equilíbrio entre razão e emoção e partilha das experiências de vida e da escola, formando uma unidade narrativa.⁶⁸⁶ Harry não é herói solitário, pois a sua vida e o seu caráter de herói dependem, principalmente, de Hermione e Rony.⁶⁸⁷

A reflexão do tema da amizade pode ser constituída também a partir do debate que Birman e Kehl desenvolvem sobre a exigência do gozo individual e ilimitado na contemporaneidade e consequente esvaziamento das relações altruístas. Birman indica que a

conseqüência [sic] imediata disso foi a construção daquilo que nas ciências sociais foi denominada de *cultura do narcisismo*, isto é, uma modalidade de cultura na qual a subjetividade se concebe apenas de maneira autocentrada, sem atentar para a densidade da existência do outro.⁶⁸⁸

⁶⁸⁰ SEHON, Scott. A alma em Harry Potter. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011. p. 28-30; DEAVEL; DEAVEL, 2011, p. 66-67.

⁶⁸¹ WALLS, Jonathan L.; WALLS, Jerry L. Além de Godric’s Hollow: a vida após a morte e a procura pelo sentido. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011. p. 230-231; ROWLING, 2015g, p. 538-540; SEHON, 2011, p. 27-28.

⁶⁸² SAXENA, 2013, p. 69.

⁶⁸³ ROWLING, 2015f, p. 364.

⁶⁸⁴ Tradução nossa: “Rowling wants [...] shows them an alternative discourse that is about a shared give and take between people and, how fellowship is a gift of love”. APOSTOLIDES; MEYLAHN, 2014c, p. 3.

⁶⁸⁵ APOSTOLIDES; MEYLAHN, 2014c, p. 5.

⁶⁸⁶ FRANCISCO, 2019, p. 24-35.

⁶⁸⁷ MEDEIROS, 2008, p. 2-5; VALIM, 2014, p. 59.

⁶⁸⁸ BIRMAN, Joel. Insuficientes, um esforço a mais para sermos irmãos. In: KEHL, Maria Rita (Org.). *Função Fraternal*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 177.

A partir daí, todas as relações sociais se constituem na perspectiva de realizar o desejo individual sem a responsabilidade para com a outra pessoa ou algo.

A fraternidade é uma espécie de antídoto que contrapõe este cenário e permite novas relações.⁶⁸⁹ Ela é possível apenas quando há o autorreconhecimento de que cada pessoa é *incompleta*. De modo que não é possível um sujeito autossuficiente, apesar desta imagem estar fortemente presente no imaginário humano e compor várias relações autoritárias. Em contraposto à autossuficiência, a fraternidade se desdobra na solidariedade e forma uma rede social interdependente.

“A formação ilusória da auto-suficiência [sic] é um dispositivo fundamental do imaginário humano na modernidade”.⁶⁹⁰ Este fenômeno se desenvolveu, principalmente, a partir do humanismo, no qual o ser humano se tornou o centro e a medida de tudo, ocupando, inclusive, o lugar de Deus. Tudo isto tendo a razão e a ciência como instrumentos. A sociedade se tornou a soma, a associação, de vários *eu*'s.⁶⁹¹ Como consequência disso, a centralização da razão “pela ciência e pela técnica conduziu a subjetividade progressivamente para um desamparo radical”.⁶⁹²

A fraternidade é intensamente presente na relação entre Harry, Rony e Hermione. O trio se tornou um símbolo da luta contra a magia das trevas, contra a autossuficiência e o autoritarismo de Voldemort, em prol da paz na comunidade mágica e também no mundo trouxa.⁶⁹³ Tal imagem se torna nítida com a cena que encerra a série, quando o trio está encaminhando seus filhos e suas filhas para Hogwarts em King's Cross.⁶⁹⁴ Em *A pedra filosofal*, Hermione confessa para Harry e Rony que a amizade e a bravura são mais importantes do que a inteligência.⁶⁹⁵

No livro *O Cálice de Fogo*, no discurso final do ano letivo, Dumbledore afirma a importância dos laços de amizade principalmente com a nova ascensão de Voldemort. A união é sinônimo de força, porque o “talento de Lorde Voldemort para disseminar a desarmonia e a inimizade é muito grande”.⁶⁹⁶ A confiança e a amizade, estabelecidas por meio de corações receptivos, constituem o caminho de defesa contra a magia das trevas e Voldemort.⁶⁹⁷

⁶⁸⁹ BIRMAN, 2000, p. 177-178.

⁶⁹⁰ BIRMAN, 2000, p. 187.

⁶⁹¹ BIRMAN, 2000, p. 184-191.

⁶⁹² BIRMAN, 2000, p. 194.

⁶⁹³ APOSTOLIDES, 2014a, p. 135.

⁶⁹⁴ ROWLING, 2015g, p. 547-551.

⁶⁹⁵ ROWLING, 2015a, p. 207.

⁶⁹⁶ ROWLING, 2015d, p. 527.

⁶⁹⁷ ROWLING, 2015d, p. 527.

Dumbledore ainda alerta aos presentes no Salão Comunal que, “se chegar a hora de terem de escolher entre o que é certo e o que é fácil, lembrem-se do que aconteceu com um rapaz que era bom, generoso e corajoso, porque ele cruzou o caminho de Lorde Voldemort. Lembrem-se de Cedrico Diggory”.⁶⁹⁸ Mais tarde, ao retornar para Londres no Expresso Hogwarts, Harry percebe que a fala final de Dumbledore o ajudou no alívio das suas tensões.⁶⁹⁹

Deste modo, é possível concluir indicando o grande potencial da série em possibilitar o contato dos leitores e das leitoras com valores importantes para o convívio social, como a solidariedade.⁷⁰⁰

4.2.2 Morte

Como já assinalado no capítulo anterior, a morte é o tema central e predominante na narrativa.⁷⁰¹ Afinal, Rowling a escreveu para ressignificar e enfrentar o luto pela perda abrupta e precoce de sua mãe.⁷⁰² Ao mesmo tempo em que ela utiliza a magia e seu encantamento para o desencantamento infantil, na percepção de que a separação, a dor e, principalmente, a morte perfazem a experiência humana. É uma realidade que acomete pessoas bruxas e trouxas, uma vez que a magia é ineficaz para contornar estas experiências.⁷⁰³ O próprio Dumbledore reconhece para Harry e Sirius Black⁷⁰⁴ que não existe nenhum feitiço capaz de ressuscitar os mortos.⁷⁰⁵

Em *Harry Potter* são apresentados vários caminhos para se enfrentar a morte, onde cada personagem escolhe um deles.⁷⁰⁶ Basicamente, estes caminhos podem ser divididos em dois polos opostos, simbolizados na luta entre Voldemort e Harry.

Para Voldemort a morte era uma ameaça e um problema. Ele mesmo reconhece que seu desejo mais profundo é alcançar a imortalidade,⁷⁰⁷ juntamente com o poder e a autossuficiência.⁷⁰⁸ E para alcançar tal objetivo, ele se munia de todas as possibilidades possíveis, sejam elas erradas ou ilegais, como assassinar pessoas trouxas. Na primeira ascensão

⁶⁹⁸ ROWLING, 2015d, p. 527. Cedrico Diggory, um aluno da Lufa-Lufa, foi assassinado por Voldemort pouco antes do final do ano letivo em *O Cálice de Fogo*.

⁶⁹⁹ ROWLING, 2015d, p. 529.

⁷⁰⁰ PÉREZ, 2008, p. 197-201.

⁷⁰¹ NUNES, 2010, p. 40.

⁷⁰² APOSTOLIDES, 2017, p. 19-20.

⁷⁰³ CANI, 2008, p. 59-62.

⁷⁰⁴ Foi colega de escola e um dos melhores amigos de Tiago, pai de Harry. A pedido dele e de Lílian, Sirius se tornou padrinho do garoto.

⁷⁰⁵ ROWLING, 2015d, p. 509.

⁷⁰⁶ NUNES, 2010, p. 56-70.

⁷⁰⁷ ROWLING, 2015d, p. 477.

⁷⁰⁸ SAXENA, 2013, p. 71.

do vilão, muitas destas mortes por comensais da morte eram realizadas como uma “brincadeira”.⁷⁰⁹ Ele também desprezava sua mãe por ela, uma bruxa de “sangue-puro”, sucumbir à fraqueza da morte, de modo que Voldemort desenvolveu certa obsessão pela ascendência bruxa, desprezando o mundo e seu próprio passado trouxa.⁷¹⁰ Também usava com frequência a maldição da morte,⁷¹¹ além de desprezar qualquer sentimento que seja para ele algum sinal de fraqueza, como remorso ou tristeza.⁷¹²

No seu projeto de imortalidade, Voldemort arquitetou o plano de constituir as Horcruxes para o proteger de qualquer ameaça. Para realizar tal magia, é necessário romper parte da “alma”⁷¹³ por meio do feitiço da morte. Entretanto, é uma ação que viola a natureza dela, pois deve permanecer intocada. O encantamento é tão perigoso e proibido que nenhum livro daria instruções detalhadas a respeito dele, além disso, não se conhece nenhum bruxo ou bruxa que tenha dividido a alma em mais de duas partes. A mutilação da alma foi tamanha em Voldemort, que ele conseguiu dividi-la em seis pedaços, de modo que suas feições foram completamente transformadas, tornando-se “menos” humano.⁷¹⁴

Harry representa o oposto da atitude de Voldemort em relação à morte. Entretanto, a percepção do garoto sobre ela é ambígua, primeiro porque ele leva muito tempo e esforço para compreender a morte de seu pai e de sua mãe. E logo no final do primeiro livro, Dumbledore explica para ele que Lílian se sacrificou para salvá-lo. Tal capacidade de amar jamais foi compreendida por Voldemort, além de nunca conseguir perceber que há coisas muito piores do que a morte, como o sofrimento, o medo, o ódio, o abandono e a tortura, por exemplo, algo que o próprio Voldemort criava nos bastidores de sua ascensão.⁷¹⁵ Em vários momentos de diálogo com Harry, Dumbledore explicou que o fato do garoto sentir dor, tristeza e revolta pelas mortes vividas por ele, torna-o *humano*, algo que Voldemort considera como fraqueza.⁷¹⁶

⁷⁰⁹ ROWLING, 2015d, p. 108-109.

⁷¹⁰ ROWLING, 2015f, p. 262.

⁷¹¹ NUNES, 2010, p. 70. As maldições Imperius (controle total da pessoa ou do ser), Cruciatius (tortura) e Avada Kedavra (morte, a pior delas) são conhecidas como as Maldições Imperdoáveis. Caso algum buxo ou alguma bruxa realize qualquer uma das três, adquire prisão perpétua em Azkaban (prisão bruxa) imediatamente. ROWLING, 2015d, p. 158-162.

⁷¹² NUNES, 2010, p. 70.

⁷¹³ ROWLING, 2015g, p. 478.

⁷¹⁴ Para Sehon, apesar do termo *alma* elencar inúmeros significados e controvérsias, na narrativa ele expressa “maneiras metafóricas de falar sobre aquilo que nos faz mais humanos e faz a vida mais completa: nossas emoções mais profundas, nossa habilidade de amar, nossa consciência moral”. SEHON, 2011, p. 21.

⁷¹⁵ ROWLING, 2015f, p. 360-365.

⁷¹⁶ ROWLING, 2015a, p. 215; SAXENA, 2013, p. 75; ROWLING, 2015e, p. 660; ROWLING, 2015g, p. 157; ROWLING, 2015f, p. 230.

⁷¹⁷ ROWLING, 2015e, p. 666-667.

Dumbledore chega a confessar a Harry que este era muito melhor do que aquele, porque o diretor também buscou a imortalidade na juventude através das Relíquias da Morte.⁷¹⁷ O diretor esteve tão fascinado pelo seu desejo, que tal projeto acabou custando a vida de sua irmã Ariana, levando-o a desistir dele. E mesmo abdicando, ele foi tentado várias vezes a recomeçar seu plano, mas reconheceu que esta era a sua fraqueza. Dumbledore assegura a Harry que ele possui uma atitude muito generosa, diferente da dele próprio, e que a capacidade de amar do garoto é o que lhe protege de sucumbir aos desejos egoístas de imortalidade.⁷¹⁸

Em *As Relíquias da Morte*, Harry descobre que ele próprio era uma Horcrux e que seria necessário ser morto por Voldemort para que esta parte do vilão fosse destruída. Ali é o ponto mais inquietante para o garoto, uma vez que precisa decidir se irá ou não se entregar. Por fim, Harry aceita morrer, porque percebe que é a única maneira de desabilitar e derrotar Voldemort. Ele também vê que é a memória das pessoas que já morreram e com as quais teve uma relação de afeto que o faz se entregar e aceitar a morte.⁷¹⁹ A síntese da relação de Harry com a morte indica que verdadeiramente alguém é senhor da morte quando a aceita.⁷²⁰ “Afim, para a mente bem estruturada, a morte é apenas a grande aventura seguinte”.⁷²¹

Entre ambos os extremos, há vários desdobramentos e um deles é representado pelos fantasmas que habitam Hogwarts. Nick-quase-sem-cabeça, fantasma ligado à Grifinória, em diálogo com Harry, descreveu que a existência dos fantasmas se dá por causa do medo que tiveram no momento de sua morte, de modo que eles permanecem numa certa imitação da vida, num entremeio entre a vida e a morte, uma existência indefinida.⁷²²

Outro desdobramento é representado pela figura dos dementadores. Eles são os guardas de Azkaban e estão entre as piores criaturas, pois vivem para sugar a felicidade, a paz e a tranquilidade de quem e de onde se aproximam. Não são capazes de perdoar e não estão interessados em quem vão atacar. De modo que os prisioneiros de Azkaban enlouquecem e morrem pouco depois de chegarem. Eles rapidamente perdem a vontade de viver e quando a morte se aproxima, os dementadores ficam muito excitados com o terror deixado.

O pior castigo para um prisioneiro é o “beijo” do dementador, onde ele toca sua boca na boca do prisioneiro e suga completamente sua “alma”, deixando-o em um estado vegetativo,

⁷¹⁷ As relíquias da morte são formadas por três objetos, a varinha das varinhas (a varinha mais poderosa), a pedra da ressurreição (capaz de trazer certa imagem das pessoas mortas à vida) e a capa da invisibilidade (para se esconder da morte). Elas inspiraram a composição do conto dos Três Irmãos, presente no livro *Os Contos de Beedle, o bardo*. Juntas elas tornam a quem as tem o senhor da Morte. ROWLING, 2015g, p. 298-304.

⁷¹⁸ ROWLING, 2015g, p. 518-525; ROWLING, 2015f, p. 370.

⁷¹⁹ APOSTOLIDES; MEYLAHN, 2014b, p. 4; ROWLING, 2015g, p. 507-509.

⁷²⁰ APOSTOLIDES; MEYLAHN, 2014b, p. 4; ROWLING, 2015g, p. 524.

⁷²¹ ROWLING, 2015a, p. 214.

⁷²² ROWLING, 2015e, p. 669; NUNES, 2010, p. 53-55.

uma quase-morte.⁷²³ Rowling representa a depressão e a sua própria experiência na figura dos dementadores, onde a morte está próxima, não mais se vislumbra a felicidade e há um grave processo de enfraquecimento.

Um momento importante para a série foi a viagem que Hermione e Harry fizeram para Godrics' Hollow.⁷²⁴ No cemitério do vilarejo, Harry e Hermione encontraram o túmulo de Kendra e Ariana, mãe e irmã de Dumbledore. Na lápide delas havia a seguinte inscrição: “*Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração [Mt 6.21]*”.⁷²⁵ De igual modo encontram a lápide de Tiago e Lílian, onde está a seguinte frase: “*Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte [1 Co 15.26]*”.⁷²⁶ Estes dois versículos fornecem “a fórmula do intangível segundo Rowling”,⁷²⁷ pois são sínteses do poder do amor para vencer o medo e a morte, como a própria autora declarou a Winfrey.⁷²⁸

O tempo da vida de cada pessoa não parece ser a questão central da narrativa, mas sim “o medo de perder quem amamos”.⁷²⁹ É daí que Rowling constituiu a série ao lidar com o luto pela perda de sua mãe.⁷³⁰ Ademais, o medo de morrer não é o problema maior, pois Harry também foi afetado por ele quando percebeu a proximidade da sua morte, afinal, “sua vontade de viver sempre fora muito maior do que o seu medo de morrer”.⁷³¹ A diferença está na escolha que se faz para lidar com o medo.

Como desdobramento na teologia cristã, o tema da morte é um dos principais nas discussões e nos sistemas doutrinários, de modo que a Páscoa, a morte e ressurreição de Cristo, é o evento mais importante para a vida cristã.

Ao tratar da relação entre morte e religião, Alves indica que é por meio desta que se cria uma relação fraterna com aquela. As experiências religiosas são movimentadas por utopias, formadas por meio da imaginação e pela esperança.⁷³² De modo que ele tem a mesma compreensão da morte que Rowling incutiu em *Harry Potter*, ao afirmar que quando “a morte é transformada em amiga, não é mais necessário lutar contra ela”.⁷³³

Também é ilustrativo para tal percepção a declaração do apóstolo Paulo em sua primeira

⁷²³ ROWLING, 2015d, p. 66-184, 386.

⁷²⁴ O vilarejo foi o lugar onde Lílian e Tiago foram assassinados por Voldemort. Também foi ali que Dumbledore morou com sua família durante sua juventude.

⁷²⁵ ROWLING, 2015g, p. 242.

⁷²⁶ ROWLING, 2015g, p. 244.

⁷²⁷ CANI, 2008, p. 154.

⁷²⁸ ROWLING, 2010.

⁷²⁹ Tradução nossa: “the fear of losing the ones we love”. NUNES, 2010, p. 55.

⁷³⁰ NUNES, 2010, p. 53-55.

⁷³¹ ROWLING, 2015g, p. 503.

⁷³² ALVES, 2013, p. 124.

⁷³³ ALVES, 2013, p. 124.

carta à comunidade em Corinto, onde ele escreve: “mas nós pregamos o Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios”.⁷³⁴ Na teologia luterana, a percepção de Lutero sobre o Cristo Crucificado o tomou de tal forma que todo o seu labor teológico foi constituído sobre esta base. Isto pode ser identificado já no Debate de Heidelberg em 1518, onde a fala de Lutero se consagrou como um dos principais documentos para a confessionalidade luterana.⁷³⁵ Entretanto, o objetivo não é igualar Harry Potter a Jesus Cristo, mas perceber a conexão entre a morte e a ressurreição de Cristo com a história de Harry,⁷³⁶ além de ser uma preocupação que assola toda a humanidade e está presente nos sistemas religiosos.

Por outro lado, em perspectiva da série como rito de passagem secular, a morte também se torna um símbolo do processo de saída da infância, afinal, como observou Aberastury e Knobel, é a adolescência um processo de luto pela “morte” da infância.⁷³⁷ De modo que, não superar a infância e a adolescência é certa recusa da morte, semelhantemente a Voldemort ao desejar a imortalidade e conseqüentemente fugir da morte. Assim, crescer é “matar” o Voldemort que habita em cada pessoa. Nessa perspectiva, o “tesouro” e o “coração”, tal como o versículo no túmulo de Kendra e Ariana, permanecem na memória da infância de onde se constitui a vida adulta.⁷³⁸

E de modo que, no século 21, as pessoas adultas possuem menos referências que dão segurança, como a religião e o Estado, para enfrentar a morte, seja na sua face de doença, sofrimento ou ansiedade,⁷³⁹ *Harry Potter* pode ser uma “ilha” simbólica no mar do desamparo contemporâneo que indica uma saída para a maturidade, tanto para os e as adolescentes quanto para as pessoas adultas que se recusam a deixar o “paraíso” infantil.

4.2.3 Uma moralidade para além da dicotomia infantil

De modo que os problemas apresentados no mundo mágico não estão distantes da realidade do mundo trouxa,⁷⁴⁰ o debate ético-moral se faz necessário para resolver os conflitos e os dilemas recorrentes no cotidiano. Todas as experiências, desde as relações familiares, passando pelas experiências escolares, até o desenvolvimento humano, estão sob a tensão entre

⁷³⁴ BÍBLIA SAGRADA com reflexões de Lutero. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015. 1 Coríntios 1.23.

⁷³⁵ O Debate de Heidelberg. LUTERO, Martinho. *Martinho Lutero: obras selecionadas*, v. 1: os primórdios – escritos de 1517-1519. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra, 2004. p. 35-54.

⁷³⁶ APOSTOLIDES; MEYLAHN, 2014b, p. 4; ROWLING, 2015g, p. 507-509.

⁷³⁷ ABERASTURY; KNOBEL, 1992, p. 9-11

⁷³⁸ CANI, 2008, p. 154.

⁷³⁹ NUNES, 2010, p. 70.

⁷⁴⁰ SEXANA, 2013, p. 80.

bem e mal.⁷⁴¹ Nas obras infantis, é comum esta relação estar constituída num formato maniqueísta, onde há os personagens “bons” e os personagens “maus”. Contudo, *Harry Potter* questiona e rompe esta percepção, através, por exemplo, de personagens como o professor Severo Snape, Sirius Black, Alvo Dumbledore, Voldemort e o próprio Harry.⁷⁴²

Como explicitado no último tópico do capítulo anterior, a estrutura da narrativa já alude para uma mudança na compreensão da abordagem moral, uma vez que os primeiros quatro livros tendem a apresentar o bem e o mal em uma relação mais maniqueísta, onde é possível identificar quem e o que é “bom” e “mal”. Como exemplo, Harry ainda mantinha uma imagem idealizada de seu pai e sua mãe.⁷⁴³

Em *A Ordem da Fênix*, Harry e toda a narrativa começam a esboçar inconsistências e fragilidades na perspectiva maniqueísta entre bem e mal.⁷⁴⁴ Como exemplo de tal mudança, pode ser considerado um diálogo entre Harry e Sirius, pois, à medida que o garoto vai descobrindo sua relação com Voldemort e sentindo um aumento da proximidade com o vilão, ele fica em dúvida sobre o próprio “lado” em que está, imaginando se não seria um comensal da morte. Ao ouvir a fala do afilhado, Sirius assegura que o mundo não se divide em pessoas boas e em comensais da morte.⁷⁴⁵

Cani declara que Rowling desenvolve a renúncia à inocência infantil também ao apresentar a complexidade da realidade onde definir o bem e o mal não é uma tarefa simples e os referenciais escolhidos para deliberar tal questão podem ser inconsistentes e dúbios.⁷⁴⁶ Nunes, Francisco e Smadja inclusive creditam a esta ambiguidade parte do sucesso da série, não apenas entre crianças e adolescentes.⁷⁴⁷ “Há uma confiança extrema no leitor ao apresentar personagens bastante realistas, bastante humanos, que vão além do embate entre bem e mal que é previamente estabelecido nas histórias para crianças”.⁷⁴⁸ O que, de certa forma, “responde à angústia de toda criança diante de seu futuro e também de sua própria ‘bondade’”.⁷⁴⁹

Tal abordagem do bem e do mal expõe a própria ambiguidade e relativização das identidades, onde “o herói da história encarna a dialética como caminho, repudiando concepções maniqueístas do mundo e percebendo que as pessoas são muito mais complexas

⁷⁴¹ MIKLOS; PEREIRA, 2019, p. 3; MALONE, 2016, p. 25.

⁷⁴² NUNES, 2010, p. 74; SMADJA, 2004, p. 107-110.

⁷⁴³ CANI, 2008, p. 131; NUNES, 2010, p. 59.

⁷⁴⁴ PITTA, 2006, p. 135.

⁷⁴⁵ PITTA, 2006, p. 134-135; ROWLING, 2015e, p. 249.

⁷⁴⁶ CANI, 2008, p. 99-104.

⁷⁴⁷ NUNES, 2010, p. 59; FRANCISCO, 2019, p. 46; SMADJA, 2004, p. 44-46.

⁷⁴⁸ FRANCISCO, 2019, p. 46.

⁷⁴⁹ SMADJA, 2004, p. 46.

que os clichês atribuídos a elas”.⁷⁵⁰ Assim ninguém pode ser “perfeito”.⁷⁵¹ A problemática se intensifica na contemporaneidade à medida que os referenciais que delimitam quem e o que é bem e mal se tornam ainda mais difusos.⁷⁵² Bauman contribui para o debate ao alertar que no

decorrer da longa, tortuosa e intrincada marcha da modernidade, devíamos ter aprendido a nossa lição: que o transe existencial humano é incuravelmente ambivalente, que o bem está sempre combinado ao mal, que é impossível traçar com segurança a linha entre a dose benigna e a venenosa de um remédio para as nossas imperfeições.⁷⁵³

É assumindo tal perspectiva que Rowling estimula a importância do poder de escolha de cada pessoa. Em *A Câmara Secreta*, Dumbledore diz a Harry que o que o faz diferente de Tom Riddle, muito além das habilidades e semelhanças, são as escolhas.⁷⁵⁴ A vida de Harry e de Voldemort são semelhantes, mas isto não significou um determinismo na formação de suas personalidades.⁷⁵⁵ Outro exemplo da importância da escolha se apresenta através do Chapéu Seletor. É ele que decide qual casa cada aluno e aluna permanecerá em Hogwarts e, ainda que analise as habilidades de cada pessoa para realizar tal decisão, ele considera a opinião de quem ele avalia.⁷⁵⁶ “Na eterna luta entre o Bem e o Mal, entre a Luz e as Trevas, Harry Potter descobre que a verdadeira magia reside em acreditar verdadeiramente em si próprio, naquilo que na realidade pode fazer para encontrar o seu caminho”.⁷⁵⁷

Isto possibilita desenvolver uma moral que seja consciente das suas responsabilidades, não como uma imposição. Na narrativa, Harry vai percebendo e sendo confrontado com seu direito a escolha.⁷⁵⁸ “Ele [Harry] é quem deve determinar que referencial identitário tomar, o de herói salvador ou o de que evita sofrimento e se preserva”.⁷⁵⁹ Segundo Pitta, na “ambiguidade de tais forças o que se destaca é a potencialidade humana, reforçada pela ideia de que bem e mal, por si só, não são significativos. Significativo vai ser sempre o ânimo humano frente aos instrumentos, desejos, obstáculos e possibilidades que condicionam a sua ação”.⁷⁶⁰ Rowling compõe uma narrativa que valoriza a moralidade e a dignidade, considerando-os como

⁷⁵⁰ MEDEIROS, 2008, p. 4.

⁷⁵¹ NUNES, 2010, p. 74.

⁷⁵² NUNES, 2010, p. 64-65.

⁷⁵³ BAUMAN, 1998, p. 104.

⁷⁵⁴ ROWLING, 2015b, p. 246.

⁷⁵⁵ SMADJA, 2004, p. 128-130.

⁷⁵⁶ ROWLING, 2015a, p. 90-92; ROWLING, 2015b, p. 246.

⁷⁵⁷ BASTOS; PINHEIRO, 2008, p. 3.

⁷⁵⁸ MEDEIROS, 2008, p. 5; SIMMONS, 2013, p. 57.

⁷⁵⁹ MEDEIROS, 2008, p. 5.

⁷⁶⁰ PITTA, 2006, p. 198.

superiores à felicidade. Ou seja, “o valor de um indivíduo não se mede pela sua capacidade de ser feliz”,⁷⁶¹ mas pela vontade e pela conduta que pode levar alguém à felicidade.

O que é mais precioso nesta tensão é a virtude, ou seja, a força capaz de “resistir a suas inclinações naturais à agressividade”,⁷⁶² a qual, como insistira Dumbledore, é necessária para lutar e continuar lutando contra o mal, a magia das trevas, “porque somente assim o mal poderia ser acuado, embora jamais erradicado”.⁷⁶³ É a opção por lutar contra a violência, através da coragem e da amizade, o estímulo presente em *Harry Potter*.⁷⁶⁴

A moralidade da série foi ponto de tensão em sua recepção no cristianismo. Sua rejeição também se deu por identificar um quadro moral muito “frágil” e “amplo” demais.⁷⁶⁵ De modo que seja possível ver tal perspectiva em Abanes, ainda que ele tenha admitido que a série apresenta, para crianças e pessoas adultas, o desejo de que “o bem vença o mal”.⁷⁶⁶ Todavia, ele identifica que o problema está na ambiguidade desta batalha, o que dificulta ou impede o estabelecimento com precisão do lado do bem e do lado do mal, assim como identificar o “lado” em que cada personagem está.⁷⁶⁷

A perspectiva de Abanes em relação à moralidade se torna limitada e frágil, na medida em que se percebe que ela evidencia uma preocupação com a relativização dos sistemas simbólicos que orientam a vida humana em relação ao que é certo e o que errado, algo próprio da modernidade. Também parece refletir a própria perda do domínio do cristianismo no Ocidente sobre a decisão ético-moral de cada pessoa. Na análise de Simmons, o problema levantado pelo grupo que rejeita a série está no *locus* moral da série. Nela, não é necessário uma entidade superior (neste caso, Deus) para fundamentar e controlar a moral, diferente do que defende o grupo.⁷⁶⁸

E ainda que a moralidade na série não esteja dependente do cristianismo, Anelli percebe que ela incorpora elementos do *ethos* cristão aonde Harry, por exemplo, “arrisca a vida para salvar outras pessoas, se opõe ao preconceito e considera a luta contra o mal a tarefa mais importante de sua vida”.⁷⁶⁹

⁷⁶¹ SMADJA, 2004, p. 115.

⁷⁶² SMADJA, 2004, p. 128.

⁷⁶³ ROWLING, 2015f, p. 466.

⁷⁶⁴ SMADJA, 2004, p. 132.

⁷⁶⁵ SIMMONS, 2013, p. 55.

⁷⁶⁶ ABANES, 2001, p. 180.

⁷⁶⁷ ABANES, 2001, p. 180.

⁷⁶⁸ SIMMONS, 2013, p. 57.

⁷⁶⁹ ANELLI, 2011, p. 217.

4.2.4 Interface com debates contemporâneos

4.2.4.1 Racismo e preconceito

A narrativa proporciona a abordagem de questões contemporâneas.⁷⁷⁰ Rowling inseriu dilemas do cenário moderno contemporâneo como, por exemplo, ao apresenta a intolerância com grupos marginalizados na sociedade bruxa, como elfos domésticos, duendes e outras criaturas mágicas, como também o preconceito racial de um grupo que se considera “sangue puro”⁷⁷¹ com os bruxos e bruxas de “sangue ruim”. A fantasia literária permite abordar tais questões por meio de outras linguagens.⁷⁷²

Estes dilemas são confrontados por Harry e por aqueles e aquelas que se colocam em luta contra o avanço da magia das trevas e Voldemort.⁷⁷³ A narrativa permite aos leitores e às leitoras se envolverem “na leitura da participação, da curiosidade e da exploração de sentidos e temas”.⁷⁷⁴ De modo que estimula por meio das “imagens da solidariedade, do perdão, da (entre)-ajuda, do amor, da esperança, da coragem”⁷⁷⁵ a contraposição de tudo aquilo que está associado ao que se considera como “forças do mal” ou “magia das trevas”.

Ao mesmo tempo em que esta obra fomenta a capacidade imaginativa de adolescentes, ela permite que se tenha contato com temas atuais importantes, travestidos por novas linguagens, como potencial de formação. Ou seja, não se trata de uma leitura possível apenas para o lazer.⁷⁷⁶ Tudo isto contribui para atender às necessidades, tanto individuais quanto coletivas, que cada criança precisa para o seu crescimento.⁷⁷⁷

Para tanto, as imagens acima mencionadas e outras formam o imaginário humano, o qual “nada mais é do que um espaço de excelência para as suas [das crianças e dos e das adolescentes] constantes tentativas de interpretação do mundo”.⁷⁷⁸ De modo que “o maior feito

⁷⁷⁰ DERING, 2012, p. 173.

⁷⁷¹ Ele considera possuir apenas ascendência bruxa, sem qualquer traço trouxa. Todavia, todas as árvores genealógicas ditas de “sangue puro” acabam por esconder seus ramos trouxas.

⁷⁷² VEZZALI, Loris; STATHI, Sofia; GIOVANNINI, Dino; CAPOZZA, Dora; TRIFILETTI, Elena. The greatest magic of Harry Potter: Reducing prejudice. *Journal of Applied Social Psychology*, v. 45, n. 2, p. 1-17, 2014. p. 2-3; ROSA, 2008, p. 482-484. PITTA, 2006, p. 136-137. Bruxas e bruxos que possuem vários parentes trouxas, o termo é altamente pejorativo e uma violência para quem o recebe, qualificando a pessoa como um ser inferior.

⁷⁷³ ROSA, 2008, p. 482-484.

⁷⁷⁴ SILVA, Gisela Cristina Ribeiro. O *Best-Seller* na revalorização de sentidos: “Harry Potter” e o tema da criança imaginal. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 32, n. 86, p. 31-44, jan./abr. 2012. p. 33.

⁷⁷⁵ SILVA, 2012, p. 39.

⁷⁷⁶ SILVA, 2012, p. 33-34.

⁷⁷⁷ SILVA, 2012, p. 39-40.

⁷⁷⁸ SILVA, 2012, p. 40.

de Harry Potter poderá não ter sido derrotar o senhor das trevas, Voldemort, mas ensinar aos e às adolescentes de todo o mundo como estes hão de combater o preconceito”.⁷⁷⁹

4.2.4.2 A cultura do consumo

A modernidade líquida é marcada por uma sociedade de consumo, por meio da qual tudo é passível de ser transformado em mercadoria, inclusive o fenômeno religioso.⁷⁸⁰ A partir das reflexões de Bauman, Bispo observa que numa sociedade de excessos o consumo é igualado ao ideal de felicidade, transformando o agir humano em uma roda formada por atos de compra, consumo e descarte, que é estimulada a girar o mais rápido possível.

E é por meio desta velocidade e da utópica relação entre consumo e felicidade que surge a angústia, o tédio e o vazio existencial. Os ideais de felicidade são colocados em patamares tão altos e distantes, que a possibilidade de decepção por não atingir estes objetivos aumenta exponencialmente.⁷⁸¹ Esta análise indica que o consumismo é

uma prática que altera e muda antigos valores morais conservadores, pois induz o ser humano a consumir cada vez mais e, aos poucos, mina a sua resistência e faz o autocontrole da impulsividade, antes reprimido, ruir silenciosamente diante dos apelos exercidos pela ampla oferta de produtos.⁷⁸²

Adorno, Horkheimer e Benjamin, todos pertencentes à Escola de Frankfurt, já indicaram, na primeira metade do século XX, que a indústria estava tornando a arte e outras dimensões da cultura produtos consumíveis, num processo facilitado pela expansão das comunicações em massa. Esta “indústria cultural”, segundo nomenclatura proposta por eles, detinha cada vez mais o controle até mesmo sobre o desejo de consumo de cada indivíduo.⁷⁸³ Abumanssur revela que também há uma discrepância social frente ao “consumo” da cultura, o acesso a determinados bens e até mesmo a possibilidade de participar do consumo dependerá do poder econômico pessoal.⁷⁸⁴

Há uma outra questão envolvida na cultura do consumo, já discutida no primeiro capítulo, a saber, a adolescência como catalisador e símbolo do consumo e da felicidade adulta. Cani observa que, movida pelo prazer, a sociedade moderna/consumo foi diluindo ou

⁷⁷⁹ SANTOS, 2015, p. 19.

⁷⁸⁰ ABUMANSSUR, 2012, p. 107.

⁷⁸¹ BISPO, 2020, p. 76-80.

⁷⁸² BISPO, 2020, p. 79-80.

⁷⁸³ COSTA, 2019, p. 47-50.

⁷⁸⁴ ABUMANSSUR, 2012, p. 107.

extinguindo o poder das autoridades, o que perturbou a imagem adulta como referencial para as crianças. O que submeteu a vida adulta à infância idealizada.⁷⁸⁵

Como expressão disso, “a literatura juvenil nasce no século XIX justamente com uma idealização da infância fortemente colorida de nostalgia”.⁷⁸⁶ A adolescência se constitui como um tempo de permanência, para usufruir das delícias da infância, mesmo que aquela seja “imatura e rebelde”.⁷⁸⁷ As obras *Peter Pan* e *Pequeno Príncipe* (Saint Exupéry, 1943) são exemplos deste fenômeno. A fuga para lugares alternativos, idealizadores da infância, é a resposta para os problemas da sociedade e não uma tentativa de crítica à idealização.⁷⁸⁸

De modo que a adolescência seja um símbolo do gozo ilimitado, realizado por meio do consumo,⁷⁸⁹ ela é um produto, numa espécie de possibilidade para usufruir do paraíso perdido das pessoas adultas, ao mesmo tempo em que se consolida como excelente nicho do próprio mercado que vê um público também ávido por consumo, inclusive com os produtos da cultura pop. De modo que a centralidade da vida no indivíduo é a causa deste panorama ao mesmo tempo em que se fortalece com o ideal adolescente.

Ainda que seja um produto do consumismo e do materialismo ocidental e que seu próprio desdobramento em várias mídias também venha como propósito econômico, aproximando a relação entretenimento e marketing,⁷⁹⁰ a narrativa de *Harry Potter* traz uma nova abordagem em relação ao discurso consumista e materialista dominante no Ocidente.⁷⁹¹

Duas figuras são representativas para o consumismo presente na série: Voldemort, representante do mundo bruxo, e a família Dursley, no mundo trouxa.⁷⁹² O vilão é uma caricatura da magia no seu desejo obsessivo pela imortalidade, símbolo do desejo de voltar ao paraíso perdido e idealizado da infância e a negação de qualquer vínculo afetivo, nem mesmo com seus seguidores e suas seguidoras. Por semelhante modo, as pessoas trouxas são aquelas que não conseguem ver e imaginar além da sua própria existência, do seu próprio mundo. São a caricatura da sociedade pobre em mistério e imaginação dominada pelo tecnicismo e pelo racionalismo.⁷⁹³

⁷⁸⁵ CANI, 2008, p. 81-83.

⁷⁸⁶ CANI, 2008, p. 81.

⁷⁸⁷ CANI, 2008, p. 82.

⁷⁸⁸ CANI, 2008, p. 182-185.

⁷⁸⁹ KEHL, 2004, p. 99; TOMAZ, 2014, p. 179-181; MARIN, 2003, p. 99-101; ROCHA; GARCIA, 2008, p. 627-631; GURSKI; PEREIRA, 2016, p. 436.

⁷⁹⁰ JENKINS, 2009, p. 146-148.

⁷⁹¹ APOSTOLIDES, 2014a, p. 121-123.

⁷⁹² APOSTOLIDES, 2014a, p. 20, 130-136.

⁷⁹³ PITTA, 2006, p. 200-201.

Duda Dursley é o maior exemplo de trouxa consumista. Sua relação com seu pai e sua mãe é constituída por meio do que compram para satisfazer os desejos do filho. Até um certo momento da história, ele “tinha um quarto extra onde ele mantinha os brinquedos com os quais está entediado, depois de brincar com eles uma ou duas vezes”.⁷⁹⁴ Seu desejo compulsivo por ter mais e nunca estar satisfeito é algo estimulado pela própria família, que associa felicidade a uma competição por ter mais do que seus vizinhos. Isto leva ao ponto deles considerarem anormal qualquer pessoa que não esteja dentro do padrão deles, como Harry.⁷⁹⁵

Ao olhar para Duda, é possível identificar que crianças e adolescentes como ele nasceram e crescem em uma sociedade que vê neles e nelas o “poder do futuro” para manter a máquina consumista girando a toda velocidade. E ao estimular que esta cultura seja assimilada intensamente pelas crianças e adolescentes é possível que eles e elas também a transmitam para seus filhos e suas filhas.⁷⁹⁶

De modo que esta é a narrativa “sagrada” dominante no Ocidente, Rowling a questiona ao enfatizar ideais como a coragem e as relações fraternas.⁷⁹⁷ Afinal, cultivar relações permite que identidades mais profundas e libertadoras sejam constituídas.⁷⁹⁸ A jornada de Harry começa justamente narrando a sua vida infeliz que levava junto da família Dursley. Ele é transformado ao deixar este lugar quando ingressa no mundo bruxo, alimentando-se principalmente dos valores da família Weasley e da sua relação afetiva com Rony e Hermione. Ali a magia é um reencantamento e uma reumanização do mundo trouxa.⁷⁹⁹ “É como se Harry Potter questionasse nesse momento a aceitação passiva do mundo contemporâneo, assistindo às corrupções, misérias e violências como um espectador televisivo”.⁸⁰⁰

Além de Harry ser o herói adolescente que questiona o próprio caráter da adolescência como ideal adulto, para a teologia especificamente, Harry deixa de estar “encurvado” em si mesmo para olhar para novos horizontes além do próprio ser. Esta atitude requer coragem e resistência, afinal, o exercício de ver além requer sensibilidade, força e insistência.⁸⁰¹ Além disso, o duvidar-se de si mesmo é salutar, pois “é a incapacidade de duvidar de sua perspectiva que faz com que os trouxas não vejam nada além do que se evidencia a seus olhos”.⁸⁰² De modo

⁷⁹⁴ Tradução nossa: “has an extra bedroom where he keeps the toys he is bored with, after having played with them once or twice”. APOSTOLIDES, 2014a, p. 155.

⁷⁹⁵ APOSTOLIDES, 2014a, p. 153-157.

⁷⁹⁶ APOSTOLIDES, 2014a, p. 157-158.

⁷⁹⁷ APOSTOLIDES, 2014a, p. 53-85.

⁷⁹⁸ APOSTOLIDES; MEYLAHN, 2014c, p. 4; ROSA, 2008, p. 489-491.

⁷⁹⁹ APOSTOLIDES, 2014a, p. 130-136, 160-161, 196; SIMMONS, 2013, p. 55.

⁸⁰⁰ ROSA, 2008, p. 489.

⁸⁰¹ LUTERO, 2004, p. 35-54.

⁸⁰² PITTA, 2006, p. 201.

que Harry, junto com Rony e Hermione, “crucificam” o “consumismo” de Voldemort e do mundo trouxa através do poder da comunhão, das relações fraternas, expressão de um evento de “ressurreição”.⁸⁰³

4.3 ABORDAGEM ESTRUTURAL

4.3.1 Hogwarts como paradigma para reimaginar o Ensino Confirmatório

Hogwarts é uma escola fundada muitos séculos antes de Harry pelos maiores bruxos e bruxas da época, Godric Gryffindor, Helga Hufflepuff, Rowena Ravenclaw e Salazar Slytherin,⁸⁰⁴ e se tornou o principal palco desta aventura mágica. Foi um lar para Harry e até mesmo para Voldemort, onde o vilão fora mais feliz e o único lugar onde realmente se sentira em casa.⁸⁰⁵ A primeira impressão que se tem de Hogwarts e do mundo mágico é de um lugar onde a fantasia da infância é experimentada em todas as suas potencialidades, semelhante à Terra do Nunca em *Peter Pan*.⁸⁰⁶ Um lugar de “representação da magia por excelência”,⁸⁰⁷ um espaço de “fuga”, alternativo para a realidade cotidiana. Onde o fantástico e o ordinário coexistem naturalmente, onde “parece refletir uma realidade melhorada – realidade esta que seus leitores gostariam de frequentar, de fazer parte”.⁸⁰⁸

Assim como os trouxas, os jovens bruxos colecionam figurinhas de personalidades famosas que vêm em embalagens de doces, pegam trem para se dirigirem a Hogwarts, sua escola onde eles terão que obedecer regras, se relacionar com seus professores que podem ser rigorosos, carrancudos ou geniais e se preocuparem com suas notas para passar de ano, receber broncas dos pais quando fazem algo de errado, obedecer ordens do colégio, praticar esportes, participar de torneios, fazer amizades uns com os outros.⁸⁰⁹

É um lugar de tamanho mistério que quase se transforma em um ser vivo, algo visto na fala de Dumbledore ao confessar “que Hogwarts sempre ajudará aqueles que a ela

⁸⁰³ APOSTOLIDES, 2014a, p. 130-136.

⁸⁰⁴ ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e a Câmara Secreta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015b. p. 116-117. O sobrenome deles e delas deu origem às casas da escola. Gryffindor: Grifinória, Hufflepuff: Lufa-Lufa, Ravenclaw: Corvinal e Slytherin: Sonserina.

⁸⁰⁵ ROWLING, 2015a, p. 126; ROWLING, 2015b, p. 18; ROWLING, 2015f, p. 312; ROWLING, 2015g, p. 507.

⁸⁰⁶ CANI, 2008, p. 28-32.

⁸⁰⁷ FRANCISCO, 2019, p. 63.

⁸⁰⁸ FRANCISCO, 2019, p. 64.

⁸⁰⁹ MENDES, 2008, p. 115.

recorrerem”.⁸¹⁰ Durante o ano em que Snape foi diretor⁸¹¹ de Hogwarts, a Sala Precisa⁸¹² se tornou um refúgio para a Armada de Dumbledore⁸¹³ e qualquer outra pessoa que estivesse sendo perseguida pelos irmãos Carrow,⁸¹⁴ os quais não podiam entrar na sala.⁸¹⁵ O grupo aguardava Harry para assumir uma revolução para “derrubar Snape e os Carrow”.⁸¹⁶ No confronto final com Voldemort e seu exército, a escola se transformou em um campo de batalha. É a Batalha de Hogwarts o ápice da série momento em que até os elfos domésticos que trabalhavam na cozinha da escola saíram em prol da resistência a Voldemort.⁸¹⁷

Hogwarts não é um lugar totalmente perfeito. Ali também há professores e professoras que são “chatos” e “chatas”, como o professor Binns que ministra História da Magia, onde ele lê ininterruptamente as observações que fizera a respeito do tema abordado na aula.⁸¹⁸ Também a carga de lições e provas é alta e rigorosa, não sendo sempre um espaço apenas de prazeres. No quinto ano, por exemplo, acontecem exames que vão definir o futuro profissional dos alunos e das alunas, os chamados Níveis Ordinários de Magia (N.O.M.s),⁸¹⁹ um tempo muito exaustivo de preparação e de avaliações.

Porém é exatamente neste lugar diverso, mágico e fantástico que o Ensino Confirmatório pode encontrar uma fonte de inspiração para renovar a si mesmo. Ao elencar os aspectos positivos para os sistemas educacionais, vislumbrados em Hogwarts, Bassham indica três aspectos: um aprendizado que seja prático e acompanhado, não apenas reflexões que permanecem abstratas; a formação de uma educação que considere os pré-conhecimentos e questões elencadas pelos alunos e pelas alunas; e uma relação próxima entre o ambiente escolar e a vida para além dele.⁸²⁰ Todos estes itens podem também ser considerados no exercício do

⁸¹⁰ ROWLING, 2015b, p. 197; ROWLING, 2015f, p. 312.

⁸¹¹ Dumbledore foi assassinado por Snape no final do livro *O Enigma do Príncipe* e assumiu o lugar dele na diretoria no ano seguinte. Apesar de, num primeiro momento, aparentar que Snape fora um espião de Voldemort na escola, provou-se o contrário no final do livro *As Relíquias da Morte*.

⁸¹² Uma sala que não tem uma localização definida, mas se apresenta a qualquer pessoa no momento em que ela precisa de algo.

⁸¹³ A Armada de Dumbledore foi uma organização liderada por Harry para ensinar a alguns alunos e algumas alunas defesa contra as artes das trevas. Ela surgiu em *A Ordem da Fênix* depois que o Ministério da Magia indicou Dolores Umbridge para o cargo de professora desta matéria. Entretanto, ela não permitia o uso de magia em aula, apenas lições teóricas.

⁸¹⁴ Trata-se de dois comensais da morte responsáveis pela disciplina e por duas matérias.

⁸¹⁵ ROWLING, 2015g, p. 419-423.

⁸¹⁶ ROWLING, 2015g, p. 423.

⁸¹⁷ ROWLING, 2015g, p. 445-470, 532-535.

⁸¹⁸ ROWLING, 2015e, p. 188.

⁸¹⁹ ROWLING, 2015e, p. 187-188.

⁸²⁰ BASSHAM, Gregory. Uma educação como em Hogwarts: o bom, o mau e o feio. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011c. p. 197-199.

Ensino Confirmatório, uma vez que se almeja tornar o grupo adolescente ativo no processo de aprendizado.

Jenkins observa que a escola “ainda está presa num modelo de aprendizagem autônoma que contrasta nitidamente com a aprendizagem necessária aos estudantes à medida que eles entram nas novas culturas do conhecimento”.⁸²¹ De semelhante modo, a reflexão do autor pode ser estendida ao Ensino Confirmatório, uma vez que a análise dele no primeiro capítulo indicou a necessidade do processo ser assumido em conjunto, estimulando uma comunicação relacional ao invés de manter adolescentes como receptores passivos de “conteúdo”.

De modo que os e as adolescentes comecem a adquirir autonomia para analisar e revisar as suas próprias escolhas, perceber as suas limitações e compreender que o convívio social é plural, necessitando de atitudes de respeito diante de tal diversidade humana e descobrindo que a vida é muito mais complexa em relação a visões dicotômicas e maniqueístas. Também é em Hogwarts que Harry descobre suas potencialidades e fraquezas, assim como seus amigos e suas amigas.⁸²²

“Cada vez mais, experts em educação estão reconhecendo que encenar, recitar e apropriar-se de elementos de histórias preexistentes é uma parte orgânica e valiosa do processo através do qual as crianças desenvolvem o letramento cultural”.⁸²³ Essa preocupação pedagógica assinalada por Jenkins se aplica ao Ensino Confirmatório, uma vez que se trata de um empenho por assimilar linguagens próximas dos e das adolescentes, tornando o processo mais envolvente.

No caso de Hogwarts, a magia e a bruxaria constituem o caminho para lidar com os temas e discussões éticas e morais, por exemplo.⁸²⁴ E como observou Apostolides, Saxena e Neal, também é plausível, por meio da série, iniciar discussões, reflexões e apropriações dos valores cristãos que a constituem.⁸²⁵ Contudo, observa Jenkins, não “está claro se os sucessos dos espaços de afinidades podem ser copiados pela simples incorporação de atividades semelhantes na sala de aula”,⁸²⁶ um questionamento legítimo também para o Ensino Confirmatório.

Ademais, Hogwarts representa uma utopia onde “pessoas de diferentes etnias, raças e nações (algumas reais, outras imaginárias) formavam uma comunidade onde as diferenças

⁸²¹ JENKINS, 2009, p. 257.

⁸²² FRANCISCO, 2019, p. 17.

⁸²³ JENKINS, 2009, p. 250.

⁸²⁴ SMADJA, 2004, p. 111.

⁸²⁵ APOSTOLIDES, 2014a; SAXENA, 2013; NEAL, 2007.

⁸²⁶ JENKINS, 2009, p. 258.

individuais eram aceitas e o aprendizado era celebrado”.⁸²⁷ A existência das quatro casas, por vezes tão distintas umas das outras, é um vislumbre do exercício da recepção e do respeito à diversidade, ainda que não isenta de conflitos.⁸²⁸ Era um desejo de Voldemort manter apenas a casa da Sonserina, a sua casa, e acabar com as outras e com o processo de seleção.⁸²⁹ Uma das últimas imagens da série, logo após o fim da Batalha de Hogwarts e da derrota de Voldemort, mostra todas as pessoas e criaturas mágicas que participaram da luta reunidas no Salão Principal, onde estavam misturados “professores e alunos, fantasmas e pais, centauros e elfos domésticos”.⁸³⁰

Outro aspecto importante de Hogwarts para a análise do Ensino Confirmatório é o seu potencial em formar redes de apoio, laços fraternos de amizade e companheirismo que permanecem por toda a vida. Estas relações fraternas, como observa Kehl,⁸³¹ são fundamentais para romper com a dependência familiar infantil. De igual modo, são necessárias em tempos onde a adolescência não só está desamparada pela sociedade, como é símbolo do desamparo da própria organização social contemporânea, deixando os e as adolescentes expostos à violência, à insegurança e a tantas patologias psíquicas, como a depressão. Caso o Ensino Confirmatório proporcione tal sociabilidade, como experimentada em Hogwarts, já estará exercitando sua dimensão diacônica, comunitária e profética.

“Acima de tudo, é preciso que os jovens alimentem uma sempre inquieta curiosidade, e tal curiosidade só pode ser despertada por provações e dificuldades como as que as crianças experimentam”.⁸³² Algo que é possível identificar em Hogwarts por meio de vários exemplos. Um deles é a criação do grupo F.A.L.E. (Fundo de Apoio à Libertação dos Elfos) por Hermione, com o intuito de libertar os elfos domésticos da escravidão. Em primeiro momento, ela tomou ciência de que eles são escravizados há séculos e ninguém tentou mudar tal situação.⁸³³ Depois ela se organizou para estabelecer que a prioridade do F.A.L.E. seria buscar caminhos para “obter para os elfos um salário mínimo justo e condições de trabalho decentes”.⁸³⁴ E, conforme o movimento aumentasse, as reivindicações seriam ampliadas. Ainda que não tenha obtido muito sucesso, ela se preocupou com uma mazela do mundo bruxo ignorada e se propôs a fazer algo diferente.

⁸²⁷ JENKINS, 2009, p. 244.

⁸²⁸ NUNES, 2010, p. 63; CANI, 2008, p. 168.

⁸²⁹ CANI, 2008, p. 168.

⁸³⁰ ROWLING, 2015g, p. 541.

⁸³¹ KEHL, 2004, p. 111-114.

⁸³² SMADJA, 2004, p. 112.

⁸³³ ROWLING, 2015d, p. 166-167.

⁸³⁴ ROWLING, 2015d, p. 167.

De modo que Hermione pode ser uma inspiração para que, no Ensino Confirmatório, sejam articuladas mais experiências estéticas, onde os e as adolescentes deixam de ser meras espectadoras para se tornarem protagonistas e encenar, tal como propõe o Teatro do Oprimido,⁸³⁵ uma educação dialógica, performática, indutiva e que busque superar um processo educativo pautado por racionalidade propositiva, onde a apreensão cognitiva-racionalizada quase reduz toda a experiência do Ensino Confirmatório. Para além desta experiência, é possível estimular o espírito criativo da adolescência e de seu caráter regenerador da sociedade (incluindo a comunidade cristã), tal como levou alguns alunos e algumas alunas a formarem a Armada de Dumbledore.⁸³⁶

4.3.2 Mais mestres e menos orientadores e orientadoras: Dumbledore como símbolo desta transformação

Mais do que um diretor e um professor de Hogwarts, Dumbledore se tornou um ícone no mundo bruxo, sua maestria na magia o tornou uma referência inclusive para o Ministério da Magia. Para Harry, ele foi uma das figuras paternas que esteve presente logo após a morte da sua família, quando o levou para junto da família Dursley. Em Hogwarts, é junto com o professor que ele vai descobrindo o seu passado ao mesmo tempo em que buscam um caminho para derrotar Voldemort. Em muitos momentos, Dumbledore o deixou descobrir sozinho, de modo que Harry pudesse experimentar a sua própria força, correndo os riscos para tal empreendimento. Ele também não o deixou sucumbir diante das situações mais complicadas e da angústia de sua jornada.⁸³⁷

Campbell ressalta que na jornada do herói há alguém ou algo que simbolize uma força de proteção. Ela representa a ambiguidade do próprio inconsciente, tendo o potencial de ser protetor e perigoso ao mesmo tempo, por exemplo.⁸³⁸ E sem dúvida Dumbledore foi esse mestre para Harry. O seu acompanhamento foi essencial para ajudá-lo a perceber seus ganhos e suas perdas, pontos fortes e fracos da personalidade, erros e acertos, além de motivá-lo à coragem.⁸³⁹ “A fé de Dumbledore na capacidade de Harry em derrotar Voldemort por fim o capacita a fazê-lo”.⁸⁴⁰

⁸³⁵ SALDANHA, Marcelo Ramos. Um teatro “não espetacular”: para além da catarse colonial. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 58, n. 2, p. 356-369, jul./dez. 2018.

⁸³⁶ KLOSINSKI, 2006, p. 33-42; ERIKSON, 1976, p. 134.

⁸³⁷ ROWLING, 2015f, p. 258; ROWLING, 2015g, p. 318, 500.

⁸³⁸ CAMPBELL, 1989, p. 74-77.

⁸³⁹ AUSTIN, Michael W. Por que Harry e Sócrates decidem morrer: virtude e o bem comum. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011. p. 242-243.

⁸⁴⁰ AUSTIN, 2011, p. 243.

A reflexão de Bassham destaca que é Dumbledore que faz Harry perceber o potencial das escolhas, para além das habilidades, ao revelar a identidade de cada pessoa. “As espécies de escolhas mais reveladoras serão, em regra, as escolhas por motivação”.⁸⁴¹ Tal decisão por motivação dá visibilidade para dimensões mais profundas da pessoa, apontam para as suas estruturas íntimas que a levou a tomar suas decisões.⁸⁴² As habilidades indicam os potenciais de cada pessoas, mas são as escolhas, especialmente quando realizadas em situações de adversidade, que revelam os recônditos mais íntimos.⁸⁴³

Dumbledore estimulou Harry a ir a fundo em si mesmo e do seu passado para auxiliá-lo na busca por saber quem era, porém, não fez este árduo processo com respostas prontas, mas houve dificuldades, sacrifícios e muita reflexão no caminho. Dumbledore é um “símbolo de como a sua vida pode mudar completamente se você escolher fazer isso, e mostra que mesmo as grandes pessoas [inclusive ele] fazem escolhas erradas”.⁸⁴⁴

Em *As Relíquias da Morte*, Harry e Dumbledore dialogam após o garoto ser atacado e morto por Voldemort na Floresta Proibida.⁸⁴⁵ No final, eles lidam com uma dúvida de Harry:

- Me diga uma última coisa – disse Harry. – Isso é real? Ou esteve acontecendo apenas em minha mente?
Dumbledore lhe deu um grande sorriso, e sua voz pareceu alta e forte aos ouvidos de Harry, embora a névoa clara estivesse baixando e ocultando seu vulto.
- Claro que está acontecendo em sua mente, Harry, mas por que isto significaria que não é real?⁸⁴⁶

Granger e Bassham argumentam que, para Rowling, este foi um dos mais aguardados trechos a ser escrito entre todos os sete livros. A pergunta se o que está acontecendo é real ou apenas na cabeça de Harry traz à tona muitas questões já discutidas por inúmeras personalidades na história humana. O que é ou não real? A reflexão dos autores é direcionada para perceber que a “cabeça”, onde estaria ocorrendo a cena, está conectada com o “real” e vice-versa. Há uma relação noética que dá sentido para a existência de Harry e de tudo aquilo que está conectado com o garoto. Assim, é por meio da “cabeça” que a magia do amor, a mais poderosa,

⁸⁴¹ BASSHAM, Gregory. Escolhas *versus* habilidades: Dumbledore e o entendimento do eu. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia*: Hogwarts para trouxas. São Paulo: Madras, 2011b. p. 149.

⁸⁴² BASSHAM, 2011b, p. 148-151.

⁸⁴³ BASSHAM, 2011b, p. 158-159.

⁸⁴⁴ Tradução nossa: “symbol of how your life can be completely turned around if you choose to do so, and shows that even great people make bad choices”. APOSTOLIDES; MEYLAHN, 2014c, p. 5.

⁸⁴⁵ A cena acontece durante a Batalha em Hogwarts, após Harry descobrir ser uma Horcrux de Voldemort e ter ciência da necessidade de morrer para liquidar com esta parte do vilão que vive no garoto. Ao receber o feitiço da morte, Harry se encontra com Dumbledore em um lugar que parece a estação de King’s Cross. Uma experiência de quase morte, em um tempo e lugar não definidos.

⁸⁴⁶ ROWLING, 2015g, p. 525.

germina e floresce em direção à vida “real”.⁸⁴⁷ Por ser a última conversa com Dumbledore, um ciclo é concluído, de modo que tudo o que era necessário que Harry compreendesse sobre seu passado e sua relação com Voldemort foi assimilado por ele.

A figura de Dumbledore como mestre é sem dúvida um paradigma a ser incorporado por orientadores e orientadoras do Ensino Confirmatório, também como uma forma de responder aos anseios, já registrados na IECLB, por uma renovação pedagógica. Klosinski já apresentara ser a figura do mestre a ajuda necessária para que o e a adolescente deixem a infância e a adolescência,⁸⁴⁸ assim como foi com Harry. Dumbledore foi a principal pessoa a fazer Harry assumir os riscos de viver, o que Erikson viu ser indispensável na adolescência,⁸⁴⁹ de modo que o garoto teve modelos adultos não dominados pela ilusão da vida paradisíaca adolescente, mas que o reconhecessem como um adulto.

Jenkins observa que, no mundo da convergência das mídias, ao tratar

da pedagogia midiática, não podemos mais imaginá-la como um processo em que os adultos ensinam e as crianças aprendem. Devemos interpretá-la como um espaço cada vez mais amplo, onde as crianças ensinam umas às outras e onde, se abrissem os olhos, os adultos poderiam aprender muito.⁸⁵⁰

Ainda que o autor especifique esta relação para dentro do funcionamento da indústria cultural, sua consideração também pode ser estendida à reflexão sobre a pedagogia do Ensino Confirmatório, não apenas na relação entre adolescentes, orientadores e orientadoras, mas para o relacionamento comunitário. De modo que esta reconheça que o grupo de adolescentes não é um agente passivo, mas uma dimensão vital da própria comunidade, capaz de renová-la e mantê-la viva.

4.3.3 As narrativas fantásticas e a narração da própria estória

As narrativas, geradas pela capacidade humana de constituir universos ficcionais, promovem a construção, desconstrução e reconstrução da realidade. É “um modo de conexão humana com o mundo, ou melhor, como maneira de nos reconectar à realidade”.⁸⁵¹ São as narrativas que estão na base e na organização da mitologia, sendo esta responsável por gerar

⁸⁴⁷ GRANGER; BASSHAM, 2011, p. 172-183.

⁸⁴⁸ KLOSINSKI, 2006, p. 60-62.

⁸⁴⁹ ERIKSON, 1976, p. 249.

⁸⁵⁰ JENKINS, 2009, p. 284.

⁸⁵¹ VALIM, 2014, p. 43.

uma “ordem” no universo, contar sobre as origens do ser humano e orientar a manutenção da vida.⁸⁵²

Histórias são fundamentais em todas as culturas humanas, o principal meio pelo qual estruturamos, compartilhamos e compreendemos nossas experiências comuns. Em vez disso, estamos descobrindo novas estruturas narrativas, que criam complexidade ao expandirem a extensão das possibilidades narrativas, em vez de seguirem um único caminho, com começo, meio e fim.⁸⁵³

De maneira especial, as narrativas/estórias alimentam e estimulam a imaginação das crianças e dos e das adolescentes para que a constituição de outros “mundos” supere os limites das suas experiências cotidianas, ajudando eles e elas a caminharem em direção à maturidade. É nesta interação imaginativa que são constituídos os valores, as visões de mundo e a possibilidade de lidar com os próprios sentimentos ou emoções, por exemplo.⁸⁵⁴ “Em síntese, a atividade estética refrata o mundo, e é na relação com seu interlocutor, que não está em outro lugar senão no mundo, que o discurso da obra se constitui enquanto enunciado concreto”.⁸⁵⁵

Harry Potter é uma das muitas narrativas que constituem o universo imaginativo humano. Através dela, primeiramente, Rowling narrou a sua própria estória.⁸⁵⁶ E além do estímulo à leitura entre os e as adolescentes, a obra aguçou o protagonismo dos leitores e das leitoras em narrar e compartilhar as suas histórias de vida e opiniões em comunidades formadas em torno da série.⁸⁵⁷ É a ação “mágica” das narrativas que possibilita tal atitude.⁸⁵⁸

Uma das hipóteses arguidas para justificar o sucesso de *Harry Potter* é por ser uma obra do gênero fantástico, atrelada a certo esgotamento dos jovens, entre 15 a 25 anos, “em relação à quantidade de meios tecnológicos que prometem facilitar suas vidas e até resolver seus problemas”.⁸⁵⁹ A história fantástica é um caminho de alívio diante do tecnicismo na vida cotidiana, ao mesmo tempo em que há elementos que permeiam a série e dialogam com o “mundo real”.⁸⁶⁰ “O gênero fantástico aparece, portanto, como um libertador, como aquele que apresenta um caminho novo, uma aventura convidativa e instigante”.⁸⁶¹ *Harry Potter* proporciona um espaço onde se é possível “fugir” do cotidiano, sem deixá-lo de fato.

⁸⁵² VALIM, 2014, p. 42-44.

⁸⁵³ JENKINS, 2009, p. 170.

⁸⁵⁴ APOSTOLIDES, 2014a, p. 99-101, 159.

⁸⁵⁵ HENRIQUES, 2015, p. 81.

⁸⁵⁶ APOSTOLIDES, 2014a, p. 102.

⁸⁵⁷ HENRIQUES, 2015, p. 58-61.

⁸⁵⁸ APOSTOLIDES, 2014a, p. 104.

⁸⁵⁹ MELO, Felipe Ferreira; OLIVEIRA, Isabella Cristina Batista; GONÇALVES, Carlen Fonseca. O fascínio do mundo fantástico de Harry Potter em jovens de 15 a 25 anos. *Crátulo*, v. 11, n. 2, p. 67-74, dez. 2018. p. 69.

⁸⁶⁰ MELO; OLIVEIRA; GONÇALVES, 2018, p. 68-72.

⁸⁶¹ MELO; OLIVEIRA; GONÇALVES, 2018, p. 71.

Rowling possibilita ao leitor e à leitora manterem “os pés no chão e a cabeça nas nuvens”.⁸⁶² Assim, crianças e adolescentes podem ser instrumentalizados para “o enfrentamento das dificuldades da vivência cotidiana”⁸⁶³ através da obra, que desafia “os leitores a usarem a imaginação deles para imaginar uma vida alternativa para eles”.⁸⁶⁴ Este processo permite indicar que há muitas respostas para as mesmas perguntas e que elas podem mudar ao longo da própria vida.⁸⁶⁵

Harry Potter possibilita o contato com a vida humana na sua dimensão real e ficcional, indicando uma espécie de mistério que a constitui.⁸⁶⁶ O que facilita a leitura de si mesmo, estimulando, principalmente, a autoconfiança.⁸⁶⁷ De modo que seja possível canalizar suas forças, demonstrando a ação da verdadeira magia em lidar com as próprias fraquezas, limitações e sofrimentos.⁸⁶⁸ Especialmente na figura de Harry, a série estimula leitores e leitoras para um caminho de reflexão e construção de si mesmos e das relações com a “comunidade” na qual estão inseridos. Harry caminha da impotência de órfão até o status de ser *o eleito* para derrotar o maior bruxo das trevas.⁸⁶⁹

Cabe uma ressalta neste tópico. A série se dirige às pessoas que estão imersas no mundo do espetáculo, no qual há pouco ou nenhum estímulo e espaço para reflexões sobre o sentido da vida e seus valores. E mesmo que para os leitores e as leitoras basta apenas o prazer que os livros, filmes ou demais produtos proporcionam, seu conteúdo ainda tem potencial para afetá-los.⁸⁷⁰ Segundo Bosco e Pinheiro, um dos motivos para o intenso sucesso da série está em ser “uma narrativa que joga, de forma bem conseguida, com o mistério, o entretenimento e uma certa ambiguidade, na medida em que mistura diferentes gêneros e apela tanto a jovens como a adultos, em termos de destinatário”.⁸⁷¹

No caso das narrativas desenvolvidas neste tempo de modernidade líquida, elas permanecem nas fronteiras entre o que se pode denominar de experiências religiosas institucionais e demais formas de religiosidade dispersas na cultura.⁸⁷² De modo que seja necessário refletir sobre duas questões para o Ensino Confirmatório. A primeira delas é se ele

⁸⁶² PITTA, 2006, p. 137.

⁸⁶³ PITTA, 2006, p. 137.

⁸⁶⁴ Tradução nossa: “Rowling challenges the readers to use their imaginations to imagine an alternative life for themselves”. APOSTOLIDES, 2014a, p. 102.

⁸⁶⁵ APOSTOLIDES; MEYLAHN, 2014c, p. 4.

⁸⁶⁶ VALIM, 2014, p. 39.

⁸⁶⁷ SMADJA, 2004, p. 46.

⁸⁶⁸ MELO; OLIVEIRA; GONÇALVES, 2018, p. 72.

⁸⁶⁹ BASTOS; PINHEIRO, 2008, p. 2-3.

⁸⁷⁰ COELHO, 2020, p. 2-5.

⁸⁷¹ BASTOS; PINHEIRO, 2008, p. 2.

⁸⁷² APOSTOLIDES, 2017, p. 20-21.

realmente propicia um espaço onde seja facilitado para os e as adolescentes narrarem as suas próprias estórias, possibilitando a eles e elas perceberem quem são e para onde desejam ir, seus limites, suas habilidades e suas responsabilidades. Assim, abre-se para a dimensão abstrata da vida, onde se permite ver a vida por novos ângulos, além de ser algo que é novo para eles e elas, uma vez que não existe essa experiência na infância.⁸⁷³

A segunda questão, estando em diálogo com a primeira, é a proposta de Hubner para que o Ensino Confirmatório proporcione “o diálogo entre os valores coletivos cristãos e os valores individuais”⁸⁷⁴ dos e das adolescentes. Tal diálogo poderá ser desenvolvido através das narrativas, sejam elas individuais e coletivas, seculares ou religiosas.

4.3.4 *Harry Potter* e Ensino Confirmatório como ritos de passagem: aproximações e distanciamentos

Como já arrolado no segundo e no terceiro capítulos, tanto o Ensino Confirmatório como a série *Harry Potter* podem ser considerados ritos de passagem religioso e secular, respectivamente. Ambos também participam na vida de adolescentes. Todavia, percebe-se que o primeiro tem deixado de cumprir tal função social, em virtude da dificuldade em estabelecer parâmetros para caracterizar a adolescência; maior ênfase na religiosidade e decisão individual, de modo que muitos e muitas adolescentes acabam por não optar pela convivência comunitária das igrejas; e por não oferecer, muitas vezes, uma resposta satisfatória ao desamparo simbólico em que se encontra a adolescência, onde as múltiplas possibilidades de sair e permanecer tem potencial para gerar uma confusão identitária. Estes são alguns dos exemplos das possíveis causas para a diluição de rito de passagem do Ensino Confirmatório.

Enquanto isso, os produtos da cultura pop, como *Harry Potter*, surgem, ocupam e convivem nos espaços que antes eram de domínio da religião-instituição, principalmente o cristianismo. Valim reitera a própria série como um ato de iniciação onde é possível desenvolver uma ética comunitária, dentro da “tribo” global. Assim, ela e outros elementos culturais reconfiguram o cenário de ordenamento e significação da vida.⁸⁷⁵ O consumo de tais produtos, como observa Jenkins, tem se tornado mais coletivo, favorecido pela conexão global das redes.⁸⁷⁶

⁸⁷³ FOWLER, 1992, p. 61.

⁸⁷⁴ HUBNER, 2012, p. 74.

⁸⁷⁵ VALIM, 2014, p. 92-93.

⁸⁷⁶ JENKINS, 2009, p. 303.

Ambos estão inseridos na complicada dinâmica da adolescência, afinal, ela simboliza as contradições que dificultam ou impedem que o ser humano se aproprie e molde a linguagem mito-poética, recebida por meio dos laços sociais, para conseguir viver com a angústia e não sucumbir a ela.⁸⁷⁷ Sair da infância e entrar na vida adulta tem se tornado uma experiência cada vez mais complicada.⁸⁷⁸

Com o fim da infância, a imagem das figuras maternas e paternas perde a sua onipotência e revela as imperfeições que constituem a vida humana. Para possibilitar que a criança ressignifique a sua imagem e a de sua família, torna-se importante se identificar com outras pessoas. Ritos de passagem são igualmente necessários e possibilitam a inserção em uma nova realidade, a vida adulta. A partir da modernidade, a força destes ritos foram se dissolvendo e formou-se um tempo intermediário entre a infância e a vida adulta: a adolescência. Um espaço e período de indecisão onde não se é mais criança, mas ainda não se está pronto o suficiente para ser chamada de adulta. Sem referenciais objetivos, o tempo da adolescência cresce. Outro aspecto problemático é a omissão da família em seu papel educativo, justificando a preservação da liberdade do e da adolescente para escolher como será a sua vida e o seu futuro. Nesta ausência, outros grupos identitários tendem a responder pela ausência de ritos, de transmissão de valores e orientação neste período turbulento.⁸⁷⁹ De semelhante modo, a adolescência também representa certo desejo das pessoas adultas em permanecer na infância idealizada e seu ideal do gozo ilimitado, evitando envelhecer e “sair de moda”.⁸⁸⁰

E enquanto a igreja não possui uma clareza sobre como reagir a tal fenômeno adolescente, Rowling constituiu uma narrativa que responda, ao menos minimamente, a esta recusa de deixar a vida adolescente/infantil.⁸⁸¹ Num enlace inconsciente, o leitor e a leitora mergulham na obra e podem ser afetados por ela, tornando-se, para muitas pessoas, um caminho seguro, uma referência possível para deixar a infância e ir para a maturidade, num momento em que há pouco ou nenhum estímulo para isso, mas, sim, para viver o presente eternamente.⁸⁸²

Muitas das pessoas bruxas e trouxas que crescem e se tornam adultas ainda permanecem ingênuas, com caráter infantil. Rowling apresenta vários personagens que simbolizam tal identidade como, por exemplo, o professor Severo Snape⁸⁸³ e o tio de Harry, Válter Dursley.

⁸⁷⁷ ASSIS, 2018, p. 203.

⁸⁷⁸ SEXANA, 2013, p. 83.

⁸⁷⁹ ROSA, 2008, p. 484-486.

⁸⁸⁰ KEHL, 2004, p. 99; TOMAZ, 2014, p. 179-181; MARIN, 2003, p. 99-101; ROCHA; GARCIA, 2008, p. 627-631; GURSKI; PEREIRA, 2016, p. 436.

⁸⁸¹ CANI, 2008, p. 81-83.

⁸⁸² CANI, 2008, p. 187.

⁸⁸³ Snape foi aluno de Hogwarts na mesma época em que o pai e a mãe de Harry eram estudantes. Entretanto, Tiago e Snape foram inimigos no colégio e, mesmo após a morte daquele, Snape ainda guardou rancor da

Porém, em Hogwarts, Rowling desenhou um lugar em que a infância é, de certa forma, cultivada, tendo Dumbledore o seu maior representante nesta empreitada. A infância aqui não é valorizada como nas atitudes de Snape ou Dursley, mas como sendo “uma questão de mentalidade, essencialmente de capacidade de indiferença frente aos interesses materiais, práticos, e de relação com a brincadeira e o sonho”.⁸⁸⁴ Portanto, Rowling usa o mundo bruxo como um símbolo de uma vida adulta não infantilizada, como vivem a maioria das pessoas trouxas representadas por Válter e a sua família.⁸⁸⁵

E enquanto o Ensino Confirmatório permanece dominado pelo racionalismo doutrinário moderno, é justamente a dimensão “secular” da cultura que consegue ressignificar os mitos, os ritos e os símbolos, inclusive aqueles que compõem o imaginário cristão, apresentando caminhos de identificação, por meio de ações performáticas que vão além da dimensão cognitiva e promovendo certa segurança diante das identidades efêmeras e descartáveis.⁸⁸⁶

Meyer-Blanck e Dienst sugerem que a Confirmação, a celebração final, seja “distribuída” em vários momentos de bênção ao longo da vida, não apenas no período do Ensino Confirmatório.⁸⁸⁷ Tal observação se aproxima do que postula Turner a respeito da liminaridade, que considera que na contemporaneidade cada pessoa assume os ritos que deseja participar, ato que ele denomina de liminóides.⁸⁸⁸ No caso do Ensino Confirmatório, ele se torna uma opção dentre muitas outras que são oferecidas. Há que se considerar também que o principal critério para tal escolha é o entretenimento.⁸⁸⁹

De modo que a colocação de Meyer-Blanck e Dienst pode não ser suficiente, uma vez que a religião, neste caso, tende a não estar associada à lógica do consumo e, conseqüentemente, ao entretenimento. Além disso, conforme observa Jenkins, o consumo tem se tornado mais coletivo e permeado pelas mídias e novas tecnologias, por isso ele alerta que é necessário “repensar os objetivos da educação midiática, a fim de que jovens possam vir a se considerar produtores e participantes culturais, e não apenas consumidores, críticos ou não”.⁸⁹⁰ Caso a lógica do Ensino Confirmatório não seja repensada a partir de tais configurações, há o risco dele não se constituir como uma opção o que, juntamente com o poder de escolha individual, faz dele algo obsoleto.

inimizade e frequentemente via Harry como um espelho de Tiago, atacando-o constantemente. Uma atitude infantil segundo Cani.

⁸⁸⁴ CANI, 2008, p. 25.

⁸⁸⁵ CANI, 2008, p. 21-27.

⁸⁸⁶ CAMPBELL, 1989, p. 166.

⁸⁸⁷ MEYER-BLANCK; DIENST, 2011, p. 85.

⁸⁸⁸ RIVIÈRE, 1997, p. 131; ADAM, 2018, p. 71-74; COSTA, 2019, p. 92-93.

⁸⁸⁹ COSTA, 2019, p. 92-93.

⁸⁹⁰ JENKINS, 2009, p. 340-343.

Campbell já indicava outro problema teológico. Uma vez que tanto o mundo “divino” quanto o mundo “humano” compõem um único “reino”, é necessário que a dimensão “divina”, como um lugar constantemente esquecido, seja redescoberta por meio do herói ou da heroína. Porém a sabedoria que o herói traz à tona para a vida cotidiana rapidamente é racionalizada e se torna algo de desconfiança, necessitando um novo herói ou uma nova heroína para renová-la.⁸⁹¹ O símbolo é veículo de comunicação entre estes dois mundos, por isso ele não pode ser a última palavra para expressar a realidade “divina”. E o “problema do teólogo consiste em manter seu símbolo translúcido, para que este não esboce a própria luz que, segundo ele supõe, é por ele expressa”.⁸⁹²

E particularmente para o protestantismo que já nasceu junto da era da razão, a insistência, ainda que de certo modo inconsciente, na racionalização do sistema teológico-doutrinário promove uma restrição da compreensão do fenômeno religioso.⁸⁹³ E como observa Campbell, tal atitude impede que o símbolo direcione para outras realidades além dele, tal qual é sua função, para se tornar uma representação de si mesmo, deixando de comunicar e significar a vida.

Ainda que *Harry Potter* não representa e não representará uma religião institucionalmente constituída, ela permite ao Ensino Confirmatório se abrir para a imaginação, de modo que as possibilidades teológicas aumentam consideravelmente. Não se trata de renegar a normatividade dos núcleos teológico-confessionais, mas permitir que as fronteiras com a cultura e com as outras áreas do saber estejam mais abertas, promovendo um intercâmbio simbólico.

O que poderá ocasionar em uma renovação do Ensino Confirmatório e até mesmo do relacionamento da igreja com o grupo adolescente, de modo que ele recupere sua dimensão *communitas* junto à comunidade de fé e ao contexto social maior em que está, assim como Harry, que foi de um órfão preso em um armário debaixo da escada para um sujeito no mundo mágico, o que caracteriza para Francisco a máxima expressão de força da série.⁸⁹⁴

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, pode-se observar a pluralidade de caminhos interpretativos para o Ensino Confirmatório junto à cultura pop. Como já indicado nos capítulos anteriores, a

⁸⁹¹ CAMPBELL, 1989, p. 213-215.

⁸⁹² CAMPBELL, 1989, p. 230.

⁸⁹³ SMITH, 2006, p. 41-49.

⁸⁹⁴ FRANCISCO, 2019, p. 19.

adolescência se constitui como um percalço na própria modernidade, uma vez que não é uma passagem para algo além da infância, ao mesmo tempo que permanece como um símbolo do gozar ilimitado, ideal adulto para tentar usufruir e manter a idealização da infância junto dos ideais modernos, como a liberdade, a autonomia e o consumo.

A religião, especialmente o cristianismo, deixa de ser a detentora do sistema simbólico-religioso capaz de significar a vida, o mundo cotidiano, gerar e socializar os valores, constituir e manter as relações necessárias para formar o que se denomina de *humanidade* e até mesmo de *vida*. Como consequência, o Ensino Confirmatório se torna obsoleto na medida em que deixa de ser um rito de passagem e seu objetivo se torna apenas uma transmissão passiva de “conteúdo” doutrinal.

De modo que a cultura pop ocupa os espaços simbólicos deixados pela religião, assim como a série *Harry Potter*, ela pode suprir tal desamparo simbólico tanto no contexto adolescente como também no contexto adulto. As várias interseções possíveis entre *Harry Potter* e Ensino Confirmatório, como as abordagens temática e estrutural aqui apresentadas, indicam um denominador comum, a saber, um clamor dirigido aos e às adolescentes: atravessem a Plataforma 9 ½! Venham para o mundo mágico! Matem a Horcrux de Voldemort que habita em vocês! De modo que seja possível voltar para o mundo trouxa transformados e transformadas para viver algo que se possa chamar de vida adulta ou maturidade!

*“E juntos eles atravessaram a barreira para o mundo dos trouxas”.*⁸⁹⁵

*“A cicatriz não incomodara Harry nos últimos dezenove anos. Tudo estava bem”.*⁸⁹⁶

⁸⁹⁵ ROWLING, 2015b, p. 252.

⁸⁹⁶ ROWLING, 2015g, p. 551.

5 CONCLUSÃO

Enquanto deixamos o mundo mágico a bordo do Expresso Hogwarts, elenco algumas conclusões e alguns desafios da viagem acadêmica pelo mundo da adolescência, *Harry Potter* e do Ensino Confirmatório.

Em primeiro momento, é importante resgatar a dificuldade de propor um panorama da adolescência e a maneira por meio da qual ela incide, provoca dificuldades e estimula a reorganização da IECLB e do Ensino Confirmatório. Já está claro ser insuficiente aquela perspectiva reducionista que considera a adolescência uma travessia da infância para a vida adulta, quando, na verdade, ela se torna muito mais um local de permanência idealizada do mundo adulto. Um sintoma de uma cultura e de uma sociedade desamparada diante do próprio desejo de gozo ilimitado. De modo que, sem a baliza normativa de instituições como a igreja e o Estado, onde não há um “jeito” comum de vencer as “crises” de identidade e da adolescência, o Ocidente permanece órfão simbolicamente, assim como Harry.

É nesse emaranhado que o Ensino Confirmatório ainda permanece, fragilizado e caminhando para a obsolescência. Afinal, de modo que a modernidade se constituiu em torno do indivíduo, participar da vida comunitária cristã na IECLB e no Ensino Confirmatório se tornou uma escolha. E ainda que muitos e muitas adolescentes participem por força coercitiva familiar, uma grande evasão ocorre logo após o término, de modo que o processo não seja relevante. Enquanto uma pluralidade de ofertas simbólicas é ofertada na sociedade por inúmeros caminhos, a igreja se torna um dentre tantos outros bens oferecidos para cada indivíduo. Portanto, ressignificar o Ensino Confirmatório é uma atitude possível, mas incerta.

Todavia, permanece um estímulo para que as comunidades cristãs se tornem núcleos de resistência diante de tal desamparo simbólico ainda que em nível microssocial. E no caso da IECLB, o Ensino Confirmatório pode ser um caminho para promoção de relações fraternas e fonte simbólica para que adolescentes constituam a sua identidade em direção à maturidade, deixando a infância moderna idealizada e percebendo as complexidades, ambiguidades, aflições e responsabilidades que viver uma vida adulta exige, ainda que incerta. Evidentemente, tal tarefa não será concluída por um único caminho, de modo que a articulação e a construção de projetos em conjunto com outras instituições e movimentos são importantes para que a IECLB cumpra com a sua missão de ser testemunha do Evangelho em solo brasileiro.⁸⁹⁷

⁸⁹⁷ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Constituição da IECLB*. 2010. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/governanca-suporte-normativo/constituicao-da-ieclb-1. Acesso em: 03 jun. 2021.

Estimulado em tornar a IECLB e o Ensino Confirmatório relevantes para os e as adolescentes, desenvolvi reflexões em torno da série *Harry Potter* por ser um produto altamente acolhido por adolescentes e, ainda que movidos pelo entretenimento, a leitura dos livros, principalmente, traz benefícios na medida em que fornece um sistema simbólico capaz de constituir identidades e, acima de tudo, direcionar adolescentes para a maturidade. Importante assinalar que cada processo de recepção da obra será diferente. E no caso da recepção nas comunidades cristãs, pode se tornar problemático na medida em que a série seja associada à bruxaria, práticas demoníacas e pagãs, como vislumbrado anteriormente. No Ensino Confirmatório, caso isto seja um problema, cabe promover um diálogo entre famílias, lideranças e com toda a comunidade para esclarecer do que realmente se trata a estória do jovem bruxo.

A análise a respeito da magia permite identificá-la como próxima de nosso mundo trouxa, de modo que seja tomada como um paradigma epistemológico dos tempos líquidos, onde ela indica que, para além das dimensões e limites institucionais da ciência e da religião, há muito mais do mistério da vida a ser explorado. Além de indicar a centralização da sociedade moderna no indivíduo, estimulando, por exemplo, o poder da escolha pessoal. Compartilho da conclusão de Valim ao postular que a “passagem pelo mundo de Harry Potter nos trouxe a compreensão de que a magia, como manifestação do inexplicável, emerge do cerne da existência ao mundo”.⁸⁹⁸ É um símbolo de uma possível reconfiguração contemporânea da vida “espiritual”. E é a partir dela que foi possível traçar novas possibilidades na busca por ressignificar o Ensino Confirmatório.

Em sua tese, Apostolides a conclui com um questionamento a respeito da “espiritualidade” formada a partir de *Harry Potter*. Afinal, se há algum tipo de espiritualidade, ela é genérica?⁸⁹⁹ Esta questão se insere num debate mais amplo junto à cultura do consumo e da modernidade líquida. Se a característica básica para o funcionamento do mercado é o rápido descarte, como constituir uma identidade que tenha certo aspecto “sólido” para prevenir e rever o desamparo contemporâneo? As conclusões para tal problemática são amplas, pois, para que o capitalismo e a sociedade se mantenham é necessário que a roda do mercado permaneça girando, e ela gira mais à medida que o ciclo de descarte e consumo se torna mais veloz. Porém, na imensidão deste “deserto” contemporâneo, sem uma orientação objetiva e segura, onde cada indivíduo está por si na luta pela sobrevivência, pequenos oásis simbólicos podem ser locais para reafirmar alguma segurança diante de tanta incerteza.

⁸⁹⁸ VALIM, 2014, p. 51.

⁸⁹⁹ APOSTOLIDES, 2014a, p. 196.

Em uma sociedade altamente dividida, na qual o diálogo é frequentemente suprimido diante de lados opostos que defendem as suas certezas de modo a concebê-las como intocáveis e irrefutáveis, *Harry Potter* declara que amadurecer é reconhecer que a vida é repleta de ambiguidade, de pluralidade de visões de mundo e de possibilidades de ser, e de conflitos com o diferente. E diferente de Voldemort, a imagem infantil da série por excelência, que permanece numa bolha narcisista onde o que fosse diferente dele deveria ser exterminado, Harry experimenta a capacidade de amar como um instrumento de combate à tentação de sucumbir ao poder corruptível da magia das trevas.

Apesar de ser um produto da cultura pop e também responsável por girar a máquina do mercado, *Harry Potter* também, paradoxalmente, constituiu-se como um oásis em tal deserto. Principalmente para crianças, adolescentes e jovens adultos que estão sem qualquer ritualística e simbólica para alcançarem a maturidade. Pelo contrário, a sociedade empurra eles e elas neste limbo adolescente, de onde ela se aproveita para manter vívidos os desejos de autonomia, liberdade, felicidade e consumo também para as pessoas adultas. Harry é símbolo da resistência a tal obsessão que sempre renova a lembrança dos perigos da permanência deste projeto hedonista e clama: Atravessem a Plataforma 9 ½! Não sejam como alguém trouxe que vive como os Dursley ou como Voldemort, que esquecem que há coisas mais importantes na vida.

De modo que os produtos da cultura pop estão estritamente vinculados à lógica do mercado, a condição financeira de cada pessoa influenciará na intensidade da participação no mundo da cultura pop. Assim, pessoas com baixo poder aquisitivo, dificuldade no acesso à internet, novas tecnologia, bibliotecas, cinema podem desconhecer a série ou ter apenas uma pequena noção do que se trata. Por outro lado, nem todas as pessoas que passam a conhecê-la necessariamente se tornarão fãs ou mesmo terão algum apreço pelo material. Salienta-se também que os produtos da cultura pop são efêmeros e, ainda que *Harry Potter* mantenha certo sucesso no mercado, ele já perdeu parte do vigor dos anos passados. Por isso, é importante que quem estiver organizando o Ensino Confirmatório tenha ciência de tal dinâmica para avaliar se será e como será possível desenvolver os possíveis desdobramentos de *Harry Potter*. Cabe também capacitar as lideranças para se aventurarem no mundo dos heróis e das heroínas da cultura pop ou de outras narrativas literárias para possibilitar conexões com o Ensino Confirmatório.

Outro aspecto importante é o envolvimento dos e das adolescentes na organização do Ensino Confirmatório, não apenas como ouvintes-passivos, mas como aqueles e aquelas que já estão presentes na formulação do processo. Trata-se de considerar as reflexões de Jenkins a respeito da cultura da convergência, onde duas questões são importantes: considerar a alta

interação entre antigas e novas mídias e a participação dos fãs no consumo. Ambas são salutares para o Ensino Confirmatório, pois revelam os meandros da cultura digital, que transformou completamente as relações entre o virtual e o real. Compreender tais processos será indispensável, uma vez que, como observaram Puntel e Sbardelotto, a teologia precisa ser conexial, ou seja, imaginada no contexto digital.⁹⁰⁰

Por fim, agradeço pela oportunidade de estudar! O mestrado foi um processo e uma experiência que ressignificou toda a minha formação acadêmica e me permitiu imaginar novos caminhos para o futuro. A pesquisa no mundo mágico de *Harry Potter* também me possibilitou crescer em minha formação pessoal, proporcionando resistência diante das mazelas e corrupções brasileiras. Enquanto a educação é negligenciada, assolada por disputas político-partidárias, esmagada por cortes financeiros, creio que esta pesquisa e o meu desejo de me qualificar como profissional sejam pequenos vislumbres de esperança diante do avanço da “magia das trevas” sobre a educação brasileira. E estímulo o leitor e a leitora a lutarem de semelhante modo para que a educação alcance mais pessoas.

Chegamos ao momento de voltar de Hogwarts, regressar para o mundo dos trouxas novamente! Porém atravessamos a barreira da Plataforma 9 ½ transformados e transformadas, afinal, a magia não passa por nós e volta vazia. Apesar de toda a magia das trevas que ronda os mundos mágico e trouxa, nunca se esqueçam daquilo que nos torna diferentes de Tom Riddle, nunca se esqueçam daqueles e daquelas que lutaram até a morte contra Voldemort, nunca se esqueçam do Menino-que-sobreviveu e, acima de tudo, nunca se esqueçam da arma mais poderosa, ou melhor, do desarmamento mais eficaz que dispomos, essencial para os tempos pandêmicos e pandemônicos que enfrentamos, a capacidade de amar! Espero que este material renove o labor da IECLB junto aos e às adolescentes no Ensino Confirmatório. Evidentemente não posso concluir esta dissertação sem dizer algumas palavras...

“Malfeito Feito!”⁹⁰¹

⁹⁰⁰ PUNTEL, Joana T.; SBARDELOTTO, Moisés. Da Reforma histórica à “Reforma digital”: desafios teológicos contemporâneos. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 57, n. 2, p. 350-364, jul./dez. 2017.

⁹⁰¹ ROWLING, 2015c, p. 146.

REFERÊNCIAS

ABANES, Richard. *Harry Potter, o perigo oculto do menino-bruxo: fantasia inocente ou fascinação perigosa?* Alfenas: CCC Edições, 2001.

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio (Orgs.). *Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico*. 10 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ABUMANSSUR, Edin Sued. O desejo, a religião e a felicidade. In: VILHENA, Maria Angela; PASSOS, João Décio (Orgs.). *Religião e consumo: relações e discernimentos*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 99-108.

ADAM, Júlio César. Religião vivida na mídia como subsídio para o Ensino Religioso. In: BRANDENBURG, Laude E.; KLEIN, Remí; REBLIN, Iuri A.; STRECK, Gisela I. W. (Orgs.). *Ensino Religioso e Docência e(m) formação*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 78-92.

ADAM, Júlio César. A Bíblia, o Livro de Eli e a religiosidade vivida: o mapeamento do religioso a partir da mídia e do cinema como tarefa teológica. In: REIMER, Ivoni Richter; REIMER, Haroldo (Orgs.). *Perspectivas: interpretação e recepção de textos bíblicos*. São Leopoldo: Oikos, 2013. p. 129-141.

ADAM, Júlio César. Entre peregrinação, turismo e liminaridade: a busca por lugares. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 16, n. 49, p. 66-87, jan./abr. 2018.

ADAM, Júlio César. Religião e culto em 3D: o filme Avatar como Vicência religiosa e as implicações disso para a teologia prática. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 50, n. 1, p. 102-115, jan./jul. 2010.

ADAM, Júlio César. Religião vivida e teologia prática: possibilidades de relacionamento no contexto brasileiro. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 51, n. 2, p. 311-328, mai./ago. 2019. p. 320-324.

ADAM, Júlio César. Teologia em movimento: perspectivas da teologia prática como hermenêutica da religião vivida a partir do cinema brasileiro. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 21, n.1, p. 114-128, jan./jun. 2018.

ADAM, Júlio César. Deuses e liturgias nas mídias: a teologia prática como rastreamento da religião vivenciada. In: GROSS, Eduardo; OLIVEIRA, Kathleen L. de; SCHAPER, Valério G., WESTHLLE, Vítor (Orgs.). *Deuses e Ciências Na América Latina*. São Leopoldo: Oikos; EST, 2012. p. 176-195.

ADAM, Júlio César; PUNTEL, Clairton. As melhores coisas do mundo: um olhar sobre a adolescência a partir do cinema na perspectiva da teologia prática e da psicologia. *Reflexus*, Vitória, ano 14, n. 24, p. 755-787, 2020.

ALVES, Rubem. *O que é religião?* 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

ANDRADE, Fellip Agner Trindade. *Harry Potter: a imaginação de uma comunidade*. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2017.

ANELLI, Melissa. *Harry e seus fãs*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

APOSTOLIDES, Anastasia. Adolescent spirituality with the support of adults. *HTS Theologese Studies/Theological Studies*, Cidade do Cabo, v. 73, n. 4, p. 1-6, 2017.

APOSTOLIDES, Anastasia. *Kids seeking alternative identity and spirituality through the lived theology glimpsed in the Harry Potter series*. 2014. Tese (doutorado) – Faculdade de Teologia, Universidade de Pretória, Pretória, 2014a.

APOSTOLIDES, Anastasia. The sacralisation of popular culture as adolescent lived spirituality. *Stellenbosh Theological Journal*, Stellenbosh, v. 3, n. 1, p. 13-27. 2017.

APOSTOLIDES, Anastasia; MEYLAHN, Johann-Albrecht. The crucifixion of consumerism and power and the resurrection of a community glimpsed through Meylahn's wounded Christ in conversation with Rowling's Christ discourse in the Harry Potter series. *HTS Theologese Studies/Theological Studies*, Cidade do Cabo, v. 70, n. 1, p. 1-7, 2014b.

APOSTOLIDES, Anastasia; MEYLAHN, Johann-Albrecht. The lived theology of the *Harry Potter* series. *HTS Theologese Studies/Theological Studies*, Cidade do Cabo, v. 70, n. 1, p. 1-6, 2014c.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

ARMSTRONG, Karen. *Breve história do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ASSIS, Maria de Fátima Pessoa. Figurações da adolescência e juventude na atualidade: metáforas da cultura. *Cadernos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 38, p. 183-206, jan./jun. 2018.

AUSTIN, Michael W. Por que Harry e Sócrates decidem morrer: virtude e o bem comum. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011. p. 234-244.

BARBOSA, Iara Suckow. *Adolescente: eu já fui, meu filho é... por que somos tão diferentes?* Curitiba: Encontro, 2008.

BASSHAM, Gregory. A poção do amor nº 9 ¾. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011a. p. 69-80.

BASSHAM, Gregory. Escolhas versus habilidades: Dumbledore e o entendimento do eu. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011b. p. 146-159.

BASSHAM, Gregory. Uma educação como em Hogwarts: o bom, o mau e o feio. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011c. p. 196-207.

BASTOS, Glória; PINHEIRO, Maria da Glória Nogueira. Entre a realidade e a ficção: percepções sobre o universo de Harry Potter. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM ESTUDOS DE CRIANÇA – INFÂNCIAS POSSÍVEIS, MUNDOS REAIS, 1., 2008, Braga. *Anais do 1º Congresso Internacional em Estudos da Criança - Infâncias Possíveis, Mundos Reais*. Braga: Universidade do Minho, 2008. p. 1-17.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985. p. 15-41.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 39-53.

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 9-24, 2000.

BERTOL, Carolina Esmanhoto; SOUZA, Mériti de. Transgressões e Adolescência: Individualismo, Autonomia e Representações Identitárias. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 30, n. 4, p. 824-839, 2010.

BÍBLIA SAGRADA com reflexões de Lutero. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

BIRMAN, Joel. Insuficientes, um esforço a mais para sermos irmãos. In: KEHL, Maria Rita (Org.). *Função Fraternal*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 171-208.

BISPO, Luciana Santos. *Adolescência contemporânea e a busca pelo sentido da vida: contribuições a partir de um contexto escolar*. 2020. 326 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2020. p. 25-113.

BOBSIN, Oneide. *Correntes Religiosas e Globalização*. 2. ed. São Leopoldo: CEBI; IEPG; Curitiba: PPL, 2006.

BOBSIN, Oneide. Tendências religiosas e Transversalidade: Hipóteses sobre a transgressão de fronteiras. In: ALTMANN, Walter; ALTMANN, Lori. *Globalização e religião: desafios à fé*. São Leopoldo: CECA; Quito: CLAI, 2000. p. 11-35.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2009.

CALLIGARIS, Contardo. *A sedução dos jovens*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 20 set. 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs20099804.htm>. Acesso em 18 fev. 2021.

CALLIGARIS, Contardo. *Entre as gerações: a guerra dos gozos*. Folha de São Paulo, São Paulo, 16 ago. 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1608200129.htm>. Acesso em: 18 fev. 2021.

CALLIGARIS, Contardo. *O segredo de Harry Potter*. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 jul. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1307200021.htm>. Acesso em: 18 fev. 2021.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

CANI, Isabelle. *Harry Potter, ou, O anti-Peter Pan: para acabar com a magia da infância*. São Paulo: Madras, 2008.

CARVALHAES, Cláudio. *Transgressões: religião, performance e arte*. São Paulo: Emblema, 2005.

CASTRO, Gisela G. S. Screenagers: entretenimento, comunicação e consumo na cultura digital. In: BARBOSA, Livia. (Org.). *Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina/Universidade, 2012. p. 61-77.

CERQUEIRA-CAMPOS, Elder; MELO NETO, Othon Cardoso; KOLLER, Sílvia H. Adolescentes e Adolescências. In: HABIGZANG, Luísa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H. (Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 17-29.

COELHO, Nelly Novaes. *O fenômeno Harry Potter e nosso tempo em mutação*. Disponível em: <https://www.hildahilst.com.br/wp-content/uploads/2016/12/Harry-Potter.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2020.

COIMBRA, Cecília; BOCCO, Fernanda; NASCIMENTO, Maria Livia do. Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005.

COLBERT, David. *O mundo mágico de Harry Potter: mitos, lendas e histórias fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

CORVAL, Camilla Almeida Cruzal da Silva. *Tradição e inovação: uma análise da popularidade das fanfictions de Harry Potter*. 2013. 91 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

COSTA, Carolina Bitencourt da. *Performance cosplay: mito, rito e práticas (Religiosas) da cultura pop*. 2019. 133 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2019.

COSTA, Flávia Zummerle da Nóbrega; LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza. A vida organizada dos fãs de Harry Potter. *Organizações e Sociedades*, Salvador, v. 25, n. 84, p. 122-154, 2018a.

COSTA, Jurandir Freire. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 75-88.

COUTINHO, Luciana Gageiro. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. *Pulsional*, São Paulo, n. 181, p. 16-23, mar. 2005.

DA MATTA, Roberto. Centralização, estruturas e o processo ritual. *Anuário Antropológico*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 327-335, 1977. p. 332.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, 2003. p. 41-42.

DEAVEL, Catherine Jack; DEAVEL, David Paul. Escolhendo o amor: A Redenção de Severo Snape. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011. p. 58-68.

DERING, Renato de Oliveira. O ethos de Harry Potter a partir da trajetória do herói. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 168-180, 2012.

DESOUSA, Diogo Araújo; RODRÍGUEZ, Susana Núñez; ANTONI, Clarissa de. Relacionamento de amizade, grupos de pares e tribos urbanas na adolescência. In: HABIGZANG, Luísa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H. (Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 118-131.

DOLTO, Françoise. *A causa dos adolescentes*. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

DROOGERS, André. Religiosidade Mínima Brasileira. *Religião e Sociedade*, v. 14, n. 2, p. 63-86, 1987.

DUTRA-THOMÉ, Luciana; AMAZARRAY, Mayte Raya. Adolescente e adultos emergentes em transição para a vida adulta. In: HABIGZANG, Luísa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H. (Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 84-97.

ERIKSON, Erik H. *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1976.

FLORENCIO, Felipe Jailson Souza Oliveira. *Depois de todo esse tempo? Sempre: Um estudo de interações e experiências estéticas e belgas da saga Harry Potter*. 2018. 224 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

FOWLER, James W. *Estágios da Fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 7-177.

FRANCISCO, Beatriz Masson. Leitores e leituras de *Harry Potter*. 2019. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

GABATZ, Celso. A afirmação de um paradigma religioso pluralista na contemporaneidade. *Reflexus*, Vitória, ano 11, n. 18, p. 401-423, 2017.

GANZEVOORT, Ruard. Molduras para os deuses: o significado público da religião de um ponto de vista cultural. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 358-375, jul./dez. 2016.

GANZEVOORT, Ruard; ROELAND, Johan H. Lived religion: the praxis of practical theology. *International Journal of Practical Theology*, v. 18, n. 1, p. 91-101, 2014.

GARVER, S. Joel. A magia da transformação pessoal. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011. p. 160-171.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. p. 101-142.

GENNEP, Arnold van. Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 11-51.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 83-103.

GRANGER, John; BASSHAM, Gregory. Apenas na sua cabeça? J. K. Rowling separando a realidade da ilusão. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011. p. 172-183.

GURSKI, Rose; PEREIRA, Marcelo Ricardo. A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 429-440, 2016.

HENRIQUES, Marco Polo Ribeiro. *De Hogwarts a Paraisópolis: discurso e recepção da obra Harry Potter em um contexto de capitalismo periférico*. 2015. 439 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. p. 17-82.

HENRIQUES, Marco Polo; MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. A vida que “fala” em Harry Potter: uma proposta de análise das relações dialógicas do discurso. *Conexão – Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul, v. 13, n. 25, p. 161-183, jan./jun. 2014.

HUBNER, Janaina. *Pré-adolescência contemporânea: novos desafios e perspectivas para a educação cristã contínua*. 2012. 201 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2012.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Constituição da IECLB*. 2010. Disponível em:

https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/governanca-suporte-normativo/constituicao-da-ieclb-1. Acesso em: 03 jun. 2021.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Discipulado Permanente, Catecumenato Permanente*. 1974. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/governanca-suporte-normativo/discipulado-permanente-catecumenato-permanente-1. Acesso em: 28 dez 2020.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Nossa Fé, Nossa Vida*: guia da vida comunitária na IECLB. 8. ed. rev. ampliada. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2011.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Plano de Educação Cristã Contínua da IECLB*. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/site/conteudo_organizacao/governanca-suporte-normativo/plano-de-educacao-crista-continua-pecc-1. Acesso em: 20 maio 2021.

IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia*: Hogwarts para trouxas. São Paulo: Madras, 2011.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2. ed. ampl. e atual. São Paulo: Aleph, 2009.

KEHL, Maria Rita. *A “teenagização” da cultura*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 20 set. 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs20099809.htm>. Acesso em: 18 fev. 2021.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). *Juventude e Sociedade*: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.

KIRST, Nelson (Org.). *Livro de Batismo*. 2. ed. rev. e atual. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 12-44.

KLOSINSKI, Gunther. *A adolescência hoje*: situações, conflitos e desafios. Petrópolis: Vozes, 2006.

KÖRTNER, Ulrich H. J. *Introdução à hermenêutica teológica*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009. p. 202-223.

LEÃO, André Luiz Maranhão de; COSTA, Flávia Zimmerle da Nóbrega. Agenciados pelo desejo: o consumo produtivo dos potterheads. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 74-86, jan./fev. 2018b.

LIGNAMI, Ângela Maria de Oliveira. *J. K. Rowling*: diálogo literário e cultural com Monteiro Lobato e Isabel Allende. 2007. 221 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belo Horizonte, 2007. p. 11-56.

LINHAS CRUZADAS. *Geração floco de neve*. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X7rdZwSA4G0>. Acesso em: 23 maio 2021.

- LÍRIO, Luciano de Carvalho. Adolescência na contemporaneidade. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 29, p. 36-41, set.-dez. 2012.
- LUCKMANN, Thomas. *A religião invisível*. São Paulo: Olho d'Água; Loyola, 2014.
- MAGALHÃES, Antônio; PORTELLA, Rodrigo. *Expressões do Sagrado: reflexões sobre o fenômeno religioso*. Aparecida: Santuário, 2008. p. 49-103.
- MALONE, Aubrey. *O universo de Harry Potter de A a Z: o guia não oficial definitivo de toda a série*. Rio de Janeiro: HaperCollins Brasil, 2016.
- MARIN, Isabel da Silva Kahn. Violência e transgressão: interrogando a adolescência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia*, São Paulo, ano 6, n. 3, p. 94-109, set. 2003.
- MARQUES, Luciana Fernandes; CERQUEIRA CAMPOS, Elder; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Religiosidade e identidade positiva na adolescência. In: DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; KOLLER, Sílvia Helena (Orgs.). *Adolescência e Juventude: vulnerabilidade e contextos de proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 77-108.
- MATHEUS, Tiago Corbisier. Quando a adolescência não depende da puberdade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia*, São Paulo, v. 11, n.4, p. 616-625, dez. 2008. p. 621.
- MCGUIRE, Meredith B. *Lived Religion: Faith and Practice in Everyday Life*. Oxford: University Press, 2008. p. 3-44.
- MEDEIROS, Marco. Expelliarmus! O utópico, o pós-utópico e a cambiância das identidades em *Harry Potter*, de J. K. Rowling. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS, 11., 2008, São Paulo, *Anais*. São Paulo: USP, 2008. p. 1-9.
- MELO, Felipe Ferreira; OLIVEIRA, Isabella Cristina Batista; GONÇALVES, Carlen Fonseca. O fascínio do mundo fantástico de Harry Potter em jovens de 15 a 25 anos. *Crátulo*, v. 11, n. 2, p. 67-74, dez. 2018.
- MENDES, Paula Viana. *Por que não magia? A sedução contemporânea pelo mundo mágico de Harry Potter*. São Paulo: Annablume, 2008.
- MEYER-BLANCK, Michael; DIENST, Karl. A Confirmação. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich. *Manual de ciência litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. São Leopoldo: Sinodal, 2011. v. 3. p. 43-88.
- MIKLOS, Jorge; PEREIRA, Gislene Lima. A Participação dos Conteúdos Religiosos Arcaicos nos Meios de Comunicação: Harry Potter e o Percurso do Herói. In: PENSACOM BRASIL, 6., 2019, São Paulo. *Anais da VI Conferência do Pensamento Comunicacional Brasileiro*, São Paulo: Intercom, 2019. p. 1-14.
- MORAIS, Normanda Araujo de; LIMA, Rebeca; FERNANDES, Juliana. Adolescência e contexto familiar. In: HABIGZANG, Luísa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H.

(Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 101-117.

MOREIRA, Alberto da Silva. *O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 17-35.

NEAL, Connie. *Os Segredos Espirituais de Harry Potter: as lições de vida da série de maior sucesso do mundo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.

NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 321-330, 2004.

NUNES, Lisia Cristina Paiva. *What do you see? Revaluation of standards and the Harry Potter saga*. 2010. 116 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

NYLUND, David. Reading Harry Potter: popular culture, queer theory, and the fashioning of youth identity. *Journal of Systemic Therapies*, v. 26, n. 2, p. 13-24, 2007.

O Debate de Heidelberg. LUTERO, Martinho. *Martinho Lutero: obras selecionadas, v. 1: os primórdios – escritos de 1517-1519*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra, 2004. p. 35-54.

OLIVEIRA, Eloiza Silva Gomes. Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 64, p. 283-298, abr./jun. 2017. p. 287-290.

OUTEIRAL, José. Adolescência: modernidade e pós-modernidade. In: WEINBERG, Cybelle. *Geração Delivery: adolecer no mundo atual*. São Paulo: Sá, 2001b. p. 13-28.

OUTEIRAL, José. Adultos modernos e adolescentes pós-modernos. In: WEINBERG, Cybelle. *Geração Delivery: adolecer no mundo atual*. São Paulo: Sá, 2001a. p. 97-114.

PÉREZ, José Rafael Simón. Harry Potter: uma comprensión desde lo simbólico. *Letras*, Caracas, v. 51, n. 79, p. 191-222, 2008.

PESSOA, Alex Sandro Gomes; LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra. Nível de confiança de adolescentes e jovens em instituições e processos de resiliência. In: DELL’AGLIO, Débora Dalbosco; KOLLER, Silvia Helena (Orgs.). *Adolescência e Juventude: vulnerabilidade e contextos de proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 163-194.

PITTA, Patrícia Indiara Magero. *A Literatura Infantil no Contexto Cultural da Pós-Modernidade: o caso Harry Potter*. 2006. Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2006.

PONICK, Edson; WACHS, Manfredo Carlos; SCHULTZ, Valdemar (Orgs.). *Ensino confirmatório e confirmação: memória do Fórum Nacional de Ensino Confirmatório*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

PORTELLA, Rodrigo. A Religião na Sociedade Secularizada: urdindo as tramas de um debate. *Numen*, Juiz de Fora, v. 11, n. 1 e 2, p. 33-53, 2008.

PUNTEL, Joana T.; SBARDELOTTO, Moisés. Da Reforma histórica à “Reforma digital”: desafios teológicos contemporâneos. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 57, n. 2, p. 350-364, jul./dez. 2017.

RAMÍREZ, José Fernando Ossa. Alternativas de identificación: uma revisão de tema. *Revista Científica Guillermo de Ockhan*, v. 5, n. 2, p. 23-52, jul.-dez. 2007.

RANQUETAT JÚNIOR, Cesar Alberto. *Laicidade à brasileira*: um estudo sobre a controvérsia em torno da presença de símbolos religiosos em espaços públicos. 2012. 321 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. p. 16-46.

REBLIN, Iuri Andréas. A cultura pop chegou à academia, e agora? In: REBLIN, Iuri Andréas; ADAM, Júlio César. *Atravessando o espelho de Alice*: estudos sobre religião, cultura pop e mídia. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017. p. 13-34.

REDAÇÃO GALILEU. Fundação católica queima livros da saga Harry Potter na Polônia. *Revista Galileu*, 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/04/fundacao-catolica-queima-livros-da-saga-harry-potter-na-polonia.html#:~:text=O%20evento%20aconteceu%20ap%C3%B3s%20os,por%20exemplo%20C%20promovem%20a%20bruxaria.&text=A1%C3%A9m%20dos%20volumes%20de%20HP,de%20elefantes%20tamb%C3%A9m%20foram%20queimadas>. Acesso em: 17 maio 2021.

REDAÇÃO OPERA MUNDI. Mapa da covid-19: siga em tempo real o número de casos e mortes por covid-19 no mundo, 2021. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/coronavirus/63574/mapa-da-covid-19-siga-em-tempo-real-o-numero-de-casos-e-mortes-por-covid-19-no-mundo>. Acesso em: 09 set. 2021.

REVISTA IHU ON-LINE. Desvinculação religiosa entre os jovens é maior do que a adesão ao pentecostalismo. Entrevista especial com Silvia Fernandes. 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/566902-desvinculacao-religiosa-entre-os-jovens-e-maior-do-que-a-adesao-ao-pentecostalismo-entrevista-especial-com-silvia-fernandes>. Acesso em: 24 maio 2021.

RIVIÈRE, Claude. *Os ritos profanos*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 201-202.

ROCHA, Ana Paula Rongel; GARCIA, Cláudia Amorim. A Adolescência como Ideal Cultural Contemporâneo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 28, n. 3, p. 622-631, 2008.

RODOLPHO, Adriane Luisa. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.

RODRÍGUEZ, Susana Núñez; DAMÁSIO, Bruno Figueiredo. Desenvolvimento da identidade e do sentido da vida na adolescência. In: HABIGZANG, Luísa Fernanda; DINIZ,

Eva; KOLLER, Sílvia H. (Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 30-41.

ROSA, Daniela Botti. Harry Potter e o Sujeito da Pós-Modernidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 28, n. 3, p. 480-493, 2008.

ROWLING, J. K. *Oprah e J.K. Rowling na Escócia*. Edimburgo, The Oprah Winfrey Show, 01 out. 2010. Entrevista concedida a Oprah Winfrey.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e a Câmara Secreta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015b.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015e.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015a.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015g.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015d.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015f.

ROWLING, Joanne K. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015c.

SALDANHA, Marcelo Ramos. Um teatro “não espetacular”: para além da catarse colonial. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 58, n. 2, p. 356-369, jul./dez. 2018.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: HOORNAERT, Eduardo (Org.). *História da igreja na América Latina e no Caribe: 1945-1995*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: CEHILA, 1995. p. 81-131.

SANTOS, João Fernando de Castro Gonçalves dos. *Os Talismãs da Vida: Magia, Religião e Ciência na Saga de Harry Potter*. 2015. 81 f. Mestrado (Dissertação) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2015.

SARTI, Cynthia Andersen. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 115-129.

SAXENA, Vandana. Growing up to Save the World: Christ and the Fantasies of Boyhood. *Exchange*, Leiden, v. 42, p. 68-85, 2013.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos em Psicologia*, Campinas, v. 8, n. 1, p. 107-115, 2003.

SCHULTZ, Adilson. Estrutura Teológica do Imaginário Religioso Brasileiro. In: BOBSIN, Oneide; LINK, Rogério Sávio; NÚÑEZ DE LA PAZ, Nivia Ivette; REBLIN, Iuri Andréas (Orgs.). *Uma religião chamada Brasil: Estudos sobre Religião e Contexto Brasileiro*. São Leopoldo: Oikos; EST, 2008. p. 29-62.

SCHULTZ, Valdemar. Relatório da pesquisa sobre o ensino confirmatório e a confirmação na IECLB. In: PONICK, Edson; WACHS, Manfredo Carlos; SCHULTZ, Valdemar (Orgs.). *Ensino confirmatório e confirmação: memória do Fórum Nacional de Ensino Confirmatório*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 61-90.

SEHON, Scott. A alma em Harry Potter. IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011. p. 18-30.

SILVA, Gisela Cristina Ribeiro. O *Best-Seller* na revalorização de sentidos: “Harry Potter” e o tema da criança imaginal. *Cadernos Cedex*, Campinas, v. 32, n. 86, p. 31-44, jan./abr. 2012.

SMADJA, Isabelle. *Harry Potter: as razões do sucesso*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

SIMMONS, Leanne. The Perils of Shape Shifthing: Harry Potter and Christian Fundamentalism. *Pastoral Psychol*, v. 62, p. 53-68, 2013.

SMITH, Anne Collins. Harry Potter, feminismo radical e o poder do amor. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011. p. 81-92.

SMITH, Wilfred Cantwell. *O sentido e o fim da religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

STRECK, Gisela I. W.; MALACARNE, Ivan Kiper. Adolescência e ritos de passagem: a partir de uma perspectiva do Ensino Confirmatório e Confirmação. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 44, n. 1, p. 127-139, 2018.

STREIB, Heinz. More Spiritual than Religious: Changes in the Religious Field Require New Approaches. In: STREIB, Heinz; DINTER, Astrid; SÖDERBLOM, Kerstin (ed.). *Lived Religion: Conceptual, Empirical and Practical-Theological Approaches Essays in Honor of Hans-Günter Heimbrock*. Leiden and Boston: Brill, 2008. p. 53-67.

TALIAFERRO, Charles. O segredo real da fênix: regeneração moral através da morte. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011. p. 210-223.

TEÓFILO, Débora do Nascimento; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. Religiosidade na adolescência: a necessidade de uma construção consciente e social. *Revista Pistis Praxis*, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 635-652, jul./dez. 2011. p. 636-639.

TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

TOMAZ, Renata. A invenção dos *tweens*: juventude, cultura e mídia. *Intercom*, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 177-202, jul./dez. 2014.

VALIM, Julio Pancrácio. *Mito, Arte e Educação: o imaginário em Harry Potter*. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

VENANCIO, Milena de Azeredo Pacheco; FARBIARZ, Alexandre. Do prazer ao pensamento crítico em Harry Potter. *Comunicação e educação*, ano 22, n. 2, p. 77-84, jul./dez. 2017.

VEZZALI, Loris; STATHI, Sofia; GIOVANNINI, Dino; CAPOZZA, Dora; TRIFILETTI, Elena. The greatest magic of Harry Potter: Reducing prejudice. *Journal of Applied Social Psychology*, v. 45, n. 2, p. 1-17, 2014.

WACHS, Manfredo Carlos. *Confirmação na IECLB: contribuições para um método*. 245 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1995.

WACHS, Manfredo Carlos. Projetos Alternativos na prática do ensino confirmatório. In: PONICK, Edson; WACHS, Manfredo Carlos; SCHULTZ, Valdemar (Orgs.). *Ensino confirmatório e confirmação: memória do Fórum Nacional de Ensino Confirmatório*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 46-51.

WALLS, Jonathan L.; WALLS, Jerry L. Além de Godric's Hollow: a vida após a morte e a procura pelo sentido. In: IRWIN, William (Coord.). *A versão definitiva de Harry Potter e a filosofia: Hogwarts para trouxas*. São Paulo: Madras, 2011. p. 224-233.

WENDT, Guilherme Welter; LISBOA, Carolina. Adolescência no contexto das novas tecnologias de informação e comunicação. In: HABIGZANG, Luísa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H. (Orgs.). *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica*. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 180-190.

WEYEL, Birgit. Practical Theology as a Hermeneutical Science of Lived Religion. *International Journal Practical Theology*, v. 18, n. 1, p. 150-159, 2014.

WHITE, James F. *Introdução ao culto cristão*. 3. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 129-147.

WIZARDING WORLD. Disponível em: <https://www.wizardingworld.com/>. Acesso em 25 maio 2021.